

MESTRADO EM ESTUDOS MEDIEVAIS

“Ce pauvre Roy de Portugal”

Uma outra perspetiva da viagem de D. Afonso V a França (1476-1477).

Inês Outor Monteiro

M

2020



Inês Outor Monteiro

**“Ce pauvre Roy de Portugal”
Uma outra perspetiva da viagem de D. Afonso
V a França (1476-1477).**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Medievais, orientada pelo
Professor Doutor Luís Miguel Ribeiro de Oliveira Duarte

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Outubro de 2020

Inês Outor Monteiro

“Ce pauvre Roy de Portugal” Uma outra perspetiva da viagem de D. Afonso V a França (1476-1477).

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Estudos Medievais, orientada pelo
Professor Doutor Luís Miguel Ribeiro de Oliveira Duarte

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Sumário

Declaração de honra	3
Agradecimentos	4
Resumo	5
Abstract	6
Résumé.....	7
Índice de Figuras.....	8
Introdução.....	9
Estrutura da tese.....	10
Metodologia e fontes.....	11
Bibliografia crítica.....	16
Sobre a viagem de D. Afonso V a França.....	17
Sobre a história política peninsular.....	20
Sobre a história política francesa e borgonhesa	24
1. Contexto da viagem do Rei de Portugal.....	29
1.1. Aspirações de D. Afonso V à coroa de Castela	37
1.2. A campanha militar em Castela e a derrota de Toro.....	40
2. Ao mesmo tempo, em França.....	44
2.1. Louis XI visto pelos historiadores	47
2.2. “ Le savoir faire diplomatique” de Louis XI	51
2.3. A “guerre du Bien Public”	58
2.4. Os conflitos continuam.....	62
2.5. Péronne e o confronto entre primos	65
2.6. A luta pela Catalunha	67
2.7. Uma nova Guerra dos Cem Anos?	69
3. Por esses anos, na Borgonha.....	72
3.1. Charles “le Téméraire”, o grande duque da Borgonha	73
3.2. A ambição do “Téméraire”	78
3.3. Nancy: A desgraça de Charles “le Téméraire”	81
4. Os preparativos de uma viagem.....	85

4.1. A ação diplomática.....	86
4.2. D. Afonso V decide viajar até terras francesas.....	93
4.3. A viagem por mar.....	98
5. Por terras de França.....	101
5.1. Finalmente, o tão esperado encontro com Louis XI.....	107
5.2. Entre primos.....	115
5.3. Louis XI e a conquista do ducado da Borgonha.....	120
5.4. O final infeliz de uma viagem sem jeito.....	124
5.5. O regresso a Portugal.....	127
Conclusão ou Considerações Finais.....	132
Referências Bibliográficas	135
Anexos.....	1
Anexo 1- Árvore genealógica da casa de Avis	147
Anexo 2- Árvore genealógica dos Valois	148
Anexo 3- Árvore genealógica dos duques da Borgonha	149
Anexo 4- Itinerários paralelos	150
Anexo 5- Cronologia.....	178

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 16 de Outubro 2020

Inês Outor Monteiro

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador, o Prof. Doutor Luís Miguel Duarte, sempre disponível para esclarecer as minhas dúvidas. Mas também um obrigado por tudo o que me ensinou durante o meu percurso académico na faculdade.

Durante o mestrado de Estudos Medievais foram vários os professores cujos ensinamentos sobre História Medieval me marcaram. Por isso um profundo obrigado à Prof.^a Doutora Cristina Cunha, ao Prof. Doutor José Augusto de Sotto Mayor Pizarro, ao Prof. Doutor Luís Carlos Amaral, e à Prof.^a Doutora Paula Pinto Costa.

Um agradecimento à menina Laura pela forma simpática e prestável como sempre me recebeu na Biblioteca da Flup.

Gostaria também de agradecer aos meus colegas de mestrado.

Ao Leonardo, obrigado por me teres apoiado e ouvido os meus monólogos sobre reis, batalhas e viagens a reinos distantes.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus pais pelo apoio e incentivo que sempre me deram quando decidi estudar História, sem eles nada disto seria possível.

Resumo

Após a intervenção de D. Afonso V na crise sucessória castelhana, que viria a culminar na Batalha de Toro, o monarca português decide procurar a ajuda militar de Louis XI, rei de França, para derrotar os “Reis Católicos”. No entanto, o reino francês encontrava-se também mergulhado em profunda instabilidade, e Louis XI tentava através da sua destreza diplomática derrotar o duque da Borgonha. Sem fazer aparentemente a mínima ideia do panorama político francês, D. Afonso V decide viajar até terras francesas para pedir o apoio militar de Louis XI.

Palavras-chave: D. Afonso V; Louis XI; França; Borgonha; Castela.

Abstract

After the intervention of D. Afonso V in the crisis of the Castilian succession, which would culminate in the Toro's battle, the Portuguese monarch decided to seek military aid from Louis XI, king of France, to defeat the "Catholic Kings". However, the French kingdom was also plunged into instability, and Louis XI was trying through his diplomatic skills to defeat the duke of Burgundy. Without having apparently no idea of the French political panorama, D. Afonso V decides to travel to French lands to request Louis XI's military support.

Key-words: D. Afonso V; Louis XI; France; Burgundy; Castile.

Résumé

Après l'intervention de D. Afonso V dans la crise de succession Castillane, qui allait déboucher sur la bataille de Toro, le monarque portugais a décidé de solliciter l'aide militaire de Louis XI, roi de France, pour vaincre les « Rois Catholiques ». Cependant, le royaume français était également immergé dans l'instabilité, et Louis XI essayait par ses talents de diplomate de vaincre le duc de Bourgogne. N'ayant apparemment aucune idée sur le panorama politique français, D. Afonso V décide de se rendre en terre française pour solliciter le soutien militaire de Louis XI.

Mots clés: D. Afonso V; Louis XI; France; Bourgogne; Castille.

Índice de Figuras

FIGURA 1- DUCADOS CONTROLADOS PELOS PRÍNCIPES E O TERRITÓRIO SOB O DOMÍNIO REAL AQUANDO DA CHEGADA DE LOUIS XI AO TRONO DE FRANÇA.	50
FIGURA 2 - TERRITÓRIO CONTROLADO POR CHARLES “LE TÉMÉRAIRE”	74
FIGURA 3 - ITINERÁRIO DE D. AFONSO V DURANTE A SUA VIAGEM A FRANÇA ENTRE 1476-1477.	102

Introdução

Após a morte de Enrique IV de Castela, um grupo de nobres castelhanos procura a ajuda de D. Afonso V, pedindo-lhe que aceite D. Juana, a Beltraneja, como sua esposa e assim reclame os direitos da mesma ao trono de Castela. D. Afonso V aceita esse pedido e decide intervir na questão sucessória do reino vizinho. Após tomar as devidas diligências, o rei português invade Castela, seguindo-se uma série de enfrentamentos com os “reis católicos” que viriam a culminar na Batalha de Toro, cujo resultado vai alterar de vez o rumo dos acontecimentos. A partir deste momento, o monarca português parece tomar consciência que a obtenção do trono de Castela será muito mais difícil do que o esperado, e vai procurar a ajuda militar de Louis XI, rei de França, para derrotar Fernando e Isabel. Sem fazer aparentemente a mínima ideia da elevada instabilidade no reino francês, D. Afonso V decide viajar até terras francesas para pedir o apoio que esperava certo.

Apesar de este assunto já ter sido abordado por vários historiadores e obras, escolhemos este tema para uma dissertação sobre “A viagem de D. Afonso V a França” através de uma perspectiva integrada na política europeia do tempo, mas sobretudo na política do reino ao qual o monarca se dirige, algo que estranhamente nunca foi devidamente explorado. Procuramos desde logo entender a quem devemos atribuir responsabilidades pelo resultado desastroso desta viagem: aos embaixadores, como tem sido referido por vários cronistas (e teria sido afirmado, à época, por conselheiros de Louis XI)? À situação política francesa e borgonhesa daquele tempo? Ou simplesmente ao próprio D. Afonso V, que parece ter decidido realizar uma viagem diplomática a um reino além-Pirenéus sem possuir o mínimo conhecimento político do que se estava a passar naquele reino, nem a destreza diplomática necessária para uma vez em França, se adaptar às circunstâncias? É a estas e outras questões afins que pretendemos dar resposta.

Estrutura da tese

Após a Batalha de Toro, D. Afonso V decide viajar até França com o objetivo de conseguir o apoio militar de Louis XI para derrotar os “Reis Católicos”. Tendo em conta a bibliografia e as fontes anteriormente referidas, percebemos que a viagem do monarca português a França é repetidamente descrita como um fracasso, por culpa dos embaixadores portugueses que se deixaram iludir pelas palavras do rei francês.

O principal objetivo desta dissertação, conforme já foi referido anteriormente, é o de tentar perceber se a viagem a França foi realmente um fracasso total, e se o foi, por que razão. A partir daqui sentimos a necessidade não só de estudar a realidade política portuguesa, e os antecedentes que levaram o monarca a partir para França, mas também e sobretudo a situação política no reino francês e no reinado da Borgonha.

Iniciamos esta dissertação com o Capítulo 1, «Contexto da viagem do Rei de Portugal», onde exploramos as razões que levaram D. Afonso V a pedir apoio militar a Louis XI, e mais tarde a partir para França. A crise sucessória em Castela vai levar o monarca português a interferir politicamente e militarmente no reino vizinho, algo que irá culminar na Batalha de Toro, que mudará o rumo dos acontecimentos. Assim, julgámos importante analisar o contexto em Castela e as suas consequências em Portugal.

No segundo capítulo, «Ao mesmo tempo em França», descrevemos a situação política no reino francês desde o reinado de Charles VII, e o fim da Guerra dos Cem Anos, até ao reinado de Louis XI e à sua tentativa de conquistar o ducado da Borgonha. É importante perceber de que forma as lutas com os senhores feudais (Guerre du Bien Public), a guerra com Juan II para obter o controlo do Rossilhão, mas também as guerras com os ducados da Borgonha e da Bretanha vão influenciar a decisão do monarca francês de se distanciar abertamente da questão da sucessão castelhana.

A política francesa daquele tempo estava claramente interligada com a política borgonhesa, uma vez que, aquando do reinado de Louis XI, a França estava rodeada por poderosos ducados regidos por senhores feudais, sendo um dos mais importantes o ducado da Borgonha. Posto isto, no terceiro capítulo, «Por esses anos na Borgonha»,

descrevemos de que forma o ducado da Borgonha, um dos mais importantes e poderosos ducados da época, provoca durante o reinado de Louis XI uma série de conflitos e revoltas contra a figura do rei francês. Mas também de que forma é que o seu duque, Charles le Téméraire, irá ter um papel importante na conclusão da viagem de D. Afonso V a França.

No capítulo quatro, «Os preparativos da viagem», regressamos à Batalha de Toro e às suas consequências, uma vez que as esperanças de D. Afonso V de obter de forma fácil o trono de Castela caíram por terra. O monarca português percebe que necessita do apoio militar de Louis XI, que tinha já entrado em conflito com Juan II pelo território do Rossilhão, e como tal decide começar a planear uma viagem até ao reino francês para pedir pessoalmente esse apoio. Ao longo do capítulo identificamos as várias embaixadas enviadas por D. Afonso V ao reino francês com o objetivo de negociar uma aliança entre os dois reinos, mas também embaixadas enviadas ao rei inglês e ao duque da Bretanha. No âmbito da preparação da viagem referimos igualmente as medidas tomadas por D. Afonso V do ponto de vista governativo (cortes, entrega da regência ao Príncipe D. João).

Finalmente no capítulo cinco, «Por terras francesas», relatamos o itinerário do monarca português em França, o seu encontro com Louis XI, a ideia por parte do rei português de resolver o conflito entre o rei francês e Charles le Téméraire, a morte deste último, a tentativa de fuga de D. Afonso V para a Terra Santa, e por fim, o seu regresso a Portugal, e as consequências da recusa de apoio militar por parte de Louis XI.

Metodologia e Fontes

Para se compreender a viagem de D. Afonso V a França que decorreu durante os anos de 1476 e 1477, assim como as suas consequências, torna-se necessário analisar uma cronologia muito mais ampla do que aqueles dois anos.

Foi necessário recorrer tanto a fontes nacionais como a fontes francesas, borgonhesas, castelhanas e aragonesas, com o objetivo de estudar este acontecimento histórico através de uma perspetiva múltipla, comparando vários testemunhos e várias

versões da viagem do monarca português a França. Pretende-se produzir uma crítica da viagem de D. Afonso V tão isenta quanto possível (sabemos que nunca o será totalmente), se possível sem juízos de valor.

Devido à inúmera informação disponível e aos prazos de tempo e de espaço para a elaboração de uma dissertação, foi necessário fazer escolhas quanto às fontes utilizadas; as castelhanas e aragonesas foram as mais ‘afetadas’, tendo sido utilizadas apenas duas crónicas castelhanas na abordagem da questão da sucessão ao trono de Castela.

Crónicas e fontes portuguesas

Segundo Saul Gomes, «Rui de Pina é o autor da principal biografia afonsina de que dispomos...»¹. A *Chronica de El Rey D. Affonso V*² constitui uma das fontes mais importantes para se entender a viagem de D. Afonso V a França. Enquanto guarda-mor da Torre do Tombo, Rui de Pina tinha acesso livre a variadíssimas fontes e dispunha de inúmeros recursos para elaborar a sua crónica. Para além disso, é importante lembrar que o cronista terá nascido por volta do ano de 1440, e como tal foi uma testemunha direta dos acontecimentos da época: teria 36 ou 37 anos aquando da viagem do rei a França. No entanto, Rui de Pina, enquanto cronista real, teria a obrigação de exaltar os feitos e as virtudes de D. Afonso V, e de prestar pouca ou nenhuma atenção aos momentos sombrios do seu reinado. Sabemos, é claro, que esta postura geral dos cronistas da Coroa podia depois exibir múltiplos matizes e contradições.

A segunda fonte utilizada para a elaboração deste trabalho foi a *Crónica do príncipe D. João*³, de Damião de Góis, que apesar de salientar sobretudo os feitos do “príncipe perfeito”, trata do período compreendido entre 1455 (nascimento do Príncipe D. João) e 1481 (ano da morte de D. Afonso V) e aborda a viagem do monarca

¹ GOMES, Saul António – *D. Afonso V*. Lisboa: Temas e Debates, 2009, p.24.

² PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V*. In Colleção de livros inéditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João II. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa, 1790. Tomo I

³ GÓIS, DAMIÃO DE – *Crónica do príncipe D. João*. (Ed) Graça Almeida Rodrigues. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1977.

português a França. Damião de Góis, assim como já o fora Rui de Pina, era guarda-mor da Torre do Tombo, e como tal tinha acesso privilegiado a fontes e documentação. Contudo, na sua crónica o protagonista é o Príncipe D. João, sobre quem o cronista se desfaz em elogios, enumerando as suas virtudes de perfeito governante. Já a descrição de D. Afonso V ao longo da obra é inconsistente.

Claro que estamos atentos ao que nos dizem as crónicas; não podemos acreditar cegamente nos seus relatos, uma vez que estes podem ser omissos ou enganadores. Não nos podemos esquecer de que os cronistas eram ‘contratados’ para escrever sobre a vida e os feitos dos reis de forma a que tais feitos fossem um exemplo para os futuros reis, e não para fazer um relato historiográfico verídico tal como nós o concebemos hoje, pelo que podem e devem ocultar ou exagerar acontecimentos de forma a enaltecer o monarca.

Para melhor compreender a viagem de D. Afonso V foi também utilizada a obra do Visconde de Santarém intitulada *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com diversas potências do mundo*⁴, cujo tomo III faz referência aos diferentes tratados e alianças realizados entre Portugal e França.

Para conhecer os embaixadores responsáveis pelas missões à corte francesa anteriores à viagem do monarca, bem como os gastos dessas missões, utilizámos a obra de Jorge Faro *Receitas e despesas da fazenda real de 1384 a 1481 (subsídios documentais)*⁵.

Por fim, servimo-nos também das fontes publicadas por Veríssimo Serrão na obra *Relações históricas entre Portugal e França (1430-1481)*⁶, que apresenta documentos sobre as relações entre Portugal e França, mas também variadíssima documentação sobre a viagem em apreço.

⁴ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potências do mundo desde o princípio da monarchia portugueza até aos nossos dias*. Vol. III. Paris: J. P. Aillaud, 1843.

⁵ FARO, Jorge - *Receitas e despesas da Fazenda Real de 1384 a 1481*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1965.

⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.

Durante a viagem de D. Afonso V, sabemos que este se encontrou com o seu primo, Charles le Téméraire, duque da Borgonha, e como tal utilizámos a obra de Jacques Paviot *Portugal et la Bourgogne au XVe siècle*⁷, que apresenta uma série de documentos sobre as embaixadas portuguesas enviadas ao ducado da Borgonha.

Crónicas e fontes castelhanas

Já dissemos que o volume de informação nos obrigou a fazer escolhas no que diz respeito às fontes castelhanas.

Para entender a histórica política peninsular consultámos a *Crónica de Enrique IV*,⁸ a *Crónica de los reys católicos Don Fernando y Doña Isabel de Castilla y de Aragón*⁹, e a obra *Documentos referentes a las relaciones con Portugal durante el reinado de los Reyes Católicos*¹⁰.

A *Crónica de Enrique IV*, de Diego Enríquez del Castillo, procura descrever o reinado de Enrique IV; quando necessário, também aponta os seus defeitos. Enquanto cronista e conselheiro régio, Diego Castillo foi uma testemunha presencial relatando os acontecimentos em primeira mão.

A *Crónica de los reyes católicos Don Fernando y Doña Isabel de Castilla y de Aragón*, de Fernando del Pulgar, acompanha a sucessão do reinado de Enrique IV para o dos “Reis Católicos”, descrevendo de seguida o reinado destes últimos. Fernando del Pulgar acompanhou presencialmente os reinados de Juan II, Enrique IV e dos Reis Católicos, tendo desempenhado a função de embaixador e, mais tarde, de secretário. Desta forma, o cronista teve acesso a informação privilegiada. Porém, é importante

⁷ PAVIOT, Jacques – *Portugal et Bourgogne au XV siècle*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1995.

⁸ ENRIQUEZ DEL CASTILLO, Diego – *Crónica del Rey Don Enrique el quarto*. In *Cronicas de Los reyes de Castilla desde don alfonso el sabio hasta los católicos don fernando y doña isabel*. Colección ordenada por Don Cayetano Rosell. Tomo III, 1953

⁹ PULGAR, Fernando del – *Crónica de los reyes católicos Don Fernando y Doña Isabel de Castilla y de Aragón*. Valencia: Benito Monfort, 1780.

¹⁰ LA TORRE, António de; SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis – *Documentos referentes a las relaciones con Portugal durante el reinado de los Reyes Católicos*. Valladolid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1960.

recordar que esta crónica está condicionada, uma vez que Fernando del Pulgar estava obrigado a exaltar os feitos dos “Reis Católicos”.

A obra *Documentos referentes a las relaciones com Portugal durante el reinado de los Reyes Catolicos*, editada por Antonio de la Torre e Luis Suárez Fernández, oferece a transcrição de variadíssima documentação sobre aqueles reinados o que nos permite perceber melhor a guerra luso-castelhana.

Crónicas e fontes francesas e borgonhesas

Para entender a realidade política francesa e o reinado de Louis XI apoiámo-nos na obra de Jean de Roye intitulada *Chronique scandaleuse. Journal d’un Parisien au temps de Louis XI*¹¹, nas *Mémoires*¹² de Philippe Commynes, e na obra de Thomas Basin, *Histoire de Charles VII et Louis XI*¹³. A primeira dá-nos informações sobre o reinado de Louis XI através do olhar de alguém que vivia no ambiente urbano de Paris, e não de um cronista ao serviço do rei. O autor relata a “guerre du Bien Public”, e descreve as rivalidades entre Charles le Téméraire e Louis XI, mas parece ignorar os conflitos existentes entre o rei francês e o duque da Bretanha. A segunda é sobretudo um relato pessoal sobre episódios marcantes da cidade de Paris daquele tempo, alguns dos quais envolviam Louis XI, e não propriamente uma crónica do seu reinado. Por sua vez, a última oferece-nos um relato dos acontecimentos do reinado de Louis XI muito mais detalhado. Philippe Commynes, que inicialmente era conselheiro de Charles le Téméraire, decide juntar-se à corte de Louis XI, passando a ser conselheiro deste: grande parte dos relatos contidos nas *Mémoires* foi vivida na primeira pessoa, e como tal temos acesso a variadíssima informação sobre o reinado de Louis XI, não podendo nós esquecer o cargo de Commynes.

A *Histoire de Charles VII et Louis XI*, de Thomas Basin, oferece-nos uma imagem completamente oposta da que nos é descrita por Philippe de Commynes. Thomas

¹¹ ROYE, Jean de – *Chronique Scandaleuse. Journal d’un Parisien au temps de Louis XI*. (Trad.) Joel Blanchard. Paris : Pocket, 2015.

¹² COMMYNES, Philippe – *Mémoires*. Tomo I. Paris : Société de l’Histoire de France, 1840.

¹³ BASIN, Thomas – *Histoire de Charles VII et Louis XI*. Intr. Joel Blanchard, Franck Collard et Yves Kish. Paris: Pocket, 2018.

Basin, enquanto bispo de Lisieux, não gostou das medidas tomadas por Louis XI para obter a obediência dos bispos e por isso promove a imagem de um rei cruel e supersticioso, tecendo inúmeras críticas ao seu reinado. Segundo Lydwine Scordia, «...la lecture de l’Histoire de Louis XI est appelée à la destruction de la renommée du roi et à la ruine de sa mémoire»¹⁴.

Para melhor compreender a política interna e externa de Louis XI foram também analisadas as *Lettres de Louis XI*¹⁵, editadas por Joseph Vaësen e Étienne Charavay entre os anos de 1461 (início do reinado) e 1478 (após a assinatura do Tratado de Saint-Jean de Luz).

Quanto às fontes sobre a política borgonhesa, utilizámos a crónica de Chastellain intitulada *Chroniques des ducs de Bourgogne*¹⁶. Enquanto testemunha direta dos acontecimentos e cronista do ducado da Borgonha, Chastellain oferece-nos um relato dos acontecimentos do ponto de vista borgonhês.

Bibliografia crítica

A temática da viagem de D. Afonso V a França já foi várias vezes abordada na historiografia sob o ponto de vista português, descrevendo o itinerário régio, as razões que levaram o rei a embarcar nessa aventura e as respetivas consequências. A viagem surge várias vezes representada como uma etapa entre a Batalha de Toro e o Tratado de Alcáçovas; parece assim ser um tema subordinado à guerra luso-castelhana. Por norma, a historiografia portuguesa limitou-se a estudar a viagem a França através de fontes portuguesas, não investindo sequer minimamente em bibliografia estrangeira, a começar pela francesa. A descrição e a explicação que resulta de tal opção só podiam ser parciais e por vezes equivocadas.

¹⁴ SCORDIA, Lydwine - *Louis XI. Mythes et réalités*. Paris : Ellipses édition, 2015, p.24.

¹⁵ *Lettres de Louis XI, roi de France*. (Ed.) Joseph Vaësen; Étienne Charavay. Paris: Société de l’Histoire de France, 1885.

¹⁶ CHASTELLAIN, George – *Chroniques des ducs de Bourgogne*, troisième part. In *Oeuvres historiques inédites de sire George Chastellain*. Paris: A. Desrez, 1837.

Contudo, esta viagem, pela dimensão da bibliografia, não só portuguesa, mas também espanhola e francesa, deve ser dividida em três grandes áreas: bibliografia sobre o episódio propriamente dito; bibliografia sobre as histórias políticas francesa e borgonhesa; e bibliografia sobre a história política peninsular.

Bibliografia sobre a viagem de D. Afonso V a França

Apesar de na Idade Média serem raras as viagens diplomáticas de monarcas a outros reinos, a viagem de D. Afonso V ao reino francês foi desde o início abordada pelos historiadores portugueses de forma sucinta e como um tema menor, simples alínea de Toro e da guerra luso-castelhana.

Na segunda metade do século XIX, Oliveira Martins, no seu melhor estilo, refere-se à viagem de D. Afonso V em tom reprovador e até irónico, afirmando que «Louis XI se fartou de rir do rei simples, iludindo-o com promessas, fatigando-o com viagens, picando-o com ironias perdidas, carregando-lhe a nuca de lisonja, cumprimentos e atenções como o bandarilheiro faz ao touro quando o carrega de vistosas farpas bem aguçadas.»¹⁷.

A partir do século XX começam a surgir múltiplos estudos e obras sobre a viagem de D. Afonso V a França, mas também sobre as consequências dessa viagem, como o artigo de Manuel Rodrigues Lapa intitulado «D. Afonso V e o príncipe D. João. Ensaio sobre uma regência»¹⁸. Neste artigo, Rodrigues Lapa menciona a viagem do rei a França, mas vai sobretudo salientar a regência do príncipe D. João durante esses meses, ao mesmo tempo que tenta perceber quais as consequências do episódio. Em 1934, surge o primeiro e único artigo francês de que temos conhecimento sobre o tema: «Le voyage en France d' Alphonse V de Portugal»¹⁹. Este artigo de Serge Denis, para além de ter em conta as fontes portuguesas já utilizadas em outros trabalhos, usa

¹⁷ MARTINS, Oliveira – *História de Portugal*. Lisboa: Livraria Editora, 1908. Tomo I, p.191.

¹⁸ LAPA, Manuel Rodrigues - *D. Afonso V e o príncipe D. João. Ensaio sobre uma regência*. Revista de Guimarães, 34 (4) Out.-Dez. 1924.

¹⁹ DENIS, Serge- *Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal*. In: *Bulletin Hispanique*, tomo 36, nº3, 1934.

também fontes paroquiais francesas inéditas, proporcionando novas informações sobre esta viagem, descrevendo-a *do ponto de vista francês*. Em 1955, é publicado na revista “Itinerarium” um artigo de Dias Dinis intitulado «Dois embaixadores de el-rei D. Afonso V»²⁰, com novos dados sobre os embaixadores que acompanharam o rei português a França, mas também sobre a atividade diplomática desses embaixadores em França com o objetivo de conseguirem o apoio de Louis XI na guerra contra “os reis católicos”. Na década de 70, a obra de Veríssimo Serrão, recentemente desaparecido, intitulada *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)*²¹ oferece-nos relevantes informações sobre os preparativos, a viagem em si e as consequências da mesma. Esta obra apoia-se em documentos portugueses e franceses transcritos de variados arquivos. Em 1992, na *História diplomática de Portugal*²², num capítulo intitulado “Política externa alternativa de D. Afonso V”, Pedro Soares Martínez aborda a viagem do rei a França, mas apenas no contexto das pretensões do rei português à coroa de Castela.

Durante o século XX, a viagem do rei português a França é referida em múltiplas obras de História de Portugal: em 1931, Ângelo Ribeiro aborda-a de forma mais elaborada, num capítulo intitulado “Afonso V e Luís XI”, na *História de Portugal*²³ dirigida por Damião Peres; em 1980, Veríssimo Serrão volta a tratar, desta vez de forma mais resumida, a viagem do monarca português a França na sua *História de Portugal. A formação do Estado Moderno*²⁴; em 1987, o tema é explicado de forma sintetizada por João Alves Dias, Isabel Drumond Braga e Paulo Drumond Braga, num capítulo intitulado “A conjuntura – D. Afonso V” da *Nova História de Portugal*²⁵ dirigida por Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques; no ano de 1993, Armindo de Sousa escreve

²⁰ DINIS, António Joaquim Dias- “Dois embaixadores de el-Rei D. Afonso V”. *Cadernos Históricos* 1. Braga: Editora Franciscana, 1955.

²¹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *Relações Históricas entre Portugal e a França (1430-1481)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural português, 1975.

²² MARTÍNEZ, Pedro Soares - *História Diplomática de Portugal*. Editorial Verbo, 2ª edição, 1992.

²³ RIBEIRO, Ângelo- «Afonso V e Luís XI» in *História de Portugal. Edição Monumental* (Dir. Damião Peres), vol. III, Barcelos: Portucalense Editora, 1931.páginas?

²⁴ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*, vol. II, *A formação do Estado Moderno (1415-1495)*. Lisboa: Editorial Verbo, 1980.

²⁵ MARQUES, A.H.de Oliveira – *Portugal na Crise do Século XIV e XV*. In *Nova História de Portugal* (Dir. Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques) Lisboa: Editorial Presença, 1987.

uma parte do 2º volume, intitulado «1325-1480», na *História de Portugal*²⁶ dirigida por José Mattoso, no qual comenta a viagem de D. Afonso V a França e as suas consequências, acabando por afirmar que o monarca «...deve ter morrido sem entender que entre o mundo que imaginara e aquele em que realmente existira ia um abismo de séculos.»²⁷.

Nos inícios de 2000 surgem as biografias de D. Afonso V²⁸, por Saul Gomes, e de D. João II²⁹, por Luís Adão da Fonseca, numa coleção sobre Reis de Portugal publicada pelo Círculo de Leitores. A viagem do monarca a França, bem como a sua preparação e as consequências, são descritas na obra de Saul Gomes através das crónicas de Rui de Pina e de Damião Góis, e da obra do Visconde de Santarém. Por sua vez, a obra de Luís Adão da Fonseca centra-se na explicação das consequências internas da viagem do monarca português a território francês, mas também nos antecedentes que levaram o rei a planear a viagem a França.

Em 2006, Isabel Freitas e Baquero Moreno publicam *A corte de Afonso V: o tempo e os homens*³⁰, onde abordam a viagem no capítulo “A viagem de D. Afonso V a França”, com ideias interessantes, mas de utilização problemática, uma vez que não contém notas de página. Aliás na Introdução desta obra traçam um panorama bastante completo da história política europeia; mas no capítulo que nos interessa não se servem dessas informações.

Em 2007, esta viagem é abordada de forma sucinta por Manuela Mendonça na obra intitulada *O sonho da união ibérica: guerra luso-castelhana. 1475-1479*³¹. Manuela Mendonça trata igualmente os antecedentes da viagem, assim como as consequências.

²⁶ SOUSA, Armindo de - «1325-1480». In *História de Portugal* (Dir. José Mattoso), vol. II, *A monarquia feudal (1096-1480)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

²⁷ Idem, *Ibidem*, p.424.

²⁸ GOMES, Saul António - *D. Afonso V*. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2006.

²⁹ FONSECA, Luís Adão da - *D. João II*. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2005.

³⁰ MORENO, Humberto Baquero; FREITAS, Isabel Vaz- *A corte de Afonso V: o tempo e os homens*. Gijón: Ediciones Trea, 2006.

³¹ MENDONÇA, Manuela – *O sonho da União Ibérica. Guerra luso-castelhana (1475-1479)*. Matosinhos: Quidnovi, 2007.

Em 2011, Graça Vicente escreve um artigo importante intitulado «A viagem de D. Afonso V a França»³²; no entanto, este artigo dá mais importância à questão da sucessão de Castela do que propriamente à viagem em si. Graça Vicente descreve apenas o encontro entre D. Afonso V e Louis XI, não dando relevância a todo o itinerário do monarca português.

Nesta bibliografia crítica é ainda digna de nota a tese de doutoramento de Douglas Lima intitulada *A diplomacia portuguesa no reinado de D. Afonso V (1448-1481)*³³, importantíssima para compreender quem eram os embaixadores de D. Afonso V aquando da viagem do monarca a França (assunto que, como vimos, já recebera alguma atenção). Em 2018, o mesmo autor participa no congresso “Viagens e espaços imaginários na Idade Média” onde apresenta a comunicação «Viagens diplomáticas: o rei português à corte de Louis XI»³⁴, cujo título é enganador, uma vez que o principal objeto de estudo desse trabalho foram as viagens medievais, focando-se pouco na viagem do monarca português.

Mais recentemente, em Fevereiro de 2020, Miguel Ribeiro Pedras escreveu uma obra intitulada *Viajar com os Reis de Portugal*³⁵, mencionando a viagem de D. Afonso V a França.

Bibliografia sobre a história política peninsular

Quando começamos a ler bibliografia sobre a viagem de D. Afonso V a França imediatamente percebemos que ela acontece exclusivamente para pedir apoio militar a Louis XI contra os “reis católicos”. Assim sendo, ao longo deste trabalho foi necessária bibliografia que nos permitisse perceber com maior profundidade a história política peninsular.

³² VICENTE, Maria Graça – *A viagem de D. Afonso V a França*. In *Iacobus: revista de estudos jacobeos y medievales*. Nº29-30, 2011.

³³ LIMA, Douglas Mota Xavier – *A diplomacia portuguesa no reinado de D. Afonso V (1448-1481)*. Doutoramento em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

³⁴ LIMA, Douglas Mota Xavier - “Viagens Diplomáticas: o Rei Português à Corte De Luís XI.”. (Org.) Vânia Leite. *Viagens e Espaços Imaginários Na Idade Média*, 2018.

³⁵ PEDRAS, Miguel Ribeiro – *Viajar com os Reis de Portugal*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2020.

Nos finais do século XIX temos um primeiro estudo sobre Toro, com a obra do grande erudito Sousa Viterbo intitulada *A Batalha de Toro. Alguns dados e documentos para a sua monografia histórica*³⁶, baseada sobretudo em documentos da Chancelaria de D. Afonso V e de D. João II.

A partir do século XX começam a surgir vários estudos sobre a guerra luso-castelhana: de salientar os estudos de Baquero Moreno sobre os conflitos entre D. Afonso V e os Reis Católicos intitulados: «A contenda entre D. Afonso V e os Reis Católicos: incursões castelhanas no solo português de 1475 a 1478»³⁷, «Os confrontos fronteiriços entre D. Afonso V e os reis católicos»³⁸, e «Relações castelhana-portuguesas no século XV: os exilados políticos.»³⁹.

Os antecedentes da guerra luso-castelhana, bem como as suas consequências, são referidos em várias obras de História de Portugal acima já mencionadas.

Devemos ainda destacar o estudo de Luís Adão da Fonseca intitulado «La época de Enrique IV de Castilla y Juan II de Aragón»⁴⁰, que aborda os conflitos entre o monarca castelhano e o monarca aragonês, mas também o papel de D. Afonso V no meio deste conflito.

Nos finais do século XX, inícios do século XXI surgem várias biografias de D. Afonso V e de D. João II que analisam o panorama português durante aquela época já referidas anteriormente.

³⁶ VITERBO, Francisco Marques Sousa – *A batalha de Toro. Alguns dados e documentos para a sua monografia histórica*. Lisboa: Typographia Universal, 1900.

³⁷ MORENO, Humberto Baquero – *A contenda entre D. Afonso V e os Reis Católicos: incursões castelhanas no solo português de 1475 a 1478*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1979.

³⁸ MORENO, Humberto Baquero – «Os confrontos fronteiriços entre D. Afonso V e os reis católicos.» In *Revista da Faculdade de Letras*, II Série, vol. X, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993, pp.93-103.

³⁹ MORENO, Humberto Baquero - «Relações castelhana-portuguesas no século XV: Os exilados políticos». *Revista de Ciências Históricas*, Nº14, 1999.

⁴⁰ FONSECA, Luís Adão – La época de Enrique IV de Castilla y Juan II de Aragón. In *Historia general de España y America*. Tomo V. Madrid: Ediciones Rialp, 1982.

Em 2003, Luís Miguel Duarte, no capítulo intitulado “A guerra com Castela (1475-1479): Toro”⁴¹, da *Nova História Militar de Portugal*, apresenta uma nova perspetiva sobre a Batalha de Toro.

Em 2007, a guerra luso-castelhana é abordada por Manuela Mendonça em *O sonho da união ibérica: guerra luso-castelhana. 1475-1479*⁴². E em 2009 é publicada a obra *Portugal e Castela na Idade Média*⁴³, de Julieta Araújo, que estuda as relações políticas entre Portugal e Castela entre 1431-1475.

Nesta bibliografia crítica é ainda digna de nota a tese de mestrado de António Costa intitulada *A batalha de Toro e as relações entre Portugal e Castela. Dimensões políticas e militares na segunda metade do século XV*⁴⁴, e mais ainda a tese de doutoramento de Marcelo Augusto Encarnação, publicada em 2014 com o título *A Batalha de Toro*⁴⁵.

Do lado espanhol, a guerra luso-castelhana foi igualmente bem estudada. Durante a segunda metade do século XX, Luis Suárez Fernández publica várias obras sobre o assunto: em 1966 é responsável pelo capítulo intitulado “La España de los Reyes Católicos (1474-1516)” da *História de España*⁴⁶, dirigida por Ramón Menéndez Pidal; em 1985, escreve a obra *Los trastámara y los Reyes Católicos*,⁴⁷ integrada na coleção da Historia de España.

Nos anos70, Maria Isabel del Val Valdivieso publica *Isabel la Católica, princesa (1468-1474)*⁴⁸ onde estuda sobretudo a figura de Isabel enquanto princesa.

⁴¹ DUARTE, Luís Miguel - «A marinha de guerra. A pólvora. O norte de África», In *Nova História Militar de Portugal*. Dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol.1. Coord de José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003.

⁴² MENDONÇA, Manuela – *O sonho da União Ibérica. Guerra luso-castelhana (1475-1479)*. Matosinhos: Quidnovi, 2007.

⁴³ ARAÚJO, Julieta – *Portugal e Castela na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri, 2009.

⁴⁴ COSTA, António Carlos Martins – *A batalha de Toro e as relações entre Portugal e Castela. Dimensões políticas e militares na segunda metade do século XV*. Dissertação de mestrado em História Medieval. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011

⁴⁵ ENCARNÇÃO, Marcelo – *A batalha de Toro*. Porto: Fronteira do Caos Editores, 2014.

⁴⁶ SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis - *La España de los Reyes Católicos (1474-1516)* In *História de España*. Dir. Ramón Menéndez Pidal, Tomo XIV, Madrid: Espasa-Calpe, 1966.

⁴⁷ SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis - *Los trastámara y los Reyes Católicos*. Madrid: Gredos,1985.

⁴⁸ VAL VALDIVIESO, Maria Isabel del - *Isabel la Católica, princesa (1468-1474)*. Valladolid: Instituto “Isabel la Católica” de Historia Eclesiástica, 1974.

Em 1993, surge um novo estudo sobre Isabel, a Católica, intitulado *Isabel la Católica - estudio crítico de su vida y su reinado*⁴⁹, da autoria de Tarsicio de Azcona. No ano de 1999, Paz Romero Portilla apresenta a obra *Dos monarquias medievales ante la modernidad – relaciones entre Portugal y Castilla*⁵⁰, onde aborda a evolução das relações entre Portugal e Castela na época de Enrique IV. Nesse mesmo ano, Miguel Ángel Ladero Quesada escreve uma obra intitulada *La España de los Reyes Católicos*⁵¹, e Ernest Belenguer apresenta uma biografia sobre Fernando de Aragão intitulada *Fernando el Católico*⁵² onde aborda o casamento deste com D. Isabel, mas também a descreve as consequências da morte de Enrique IV e de Juan II de Aragão.

Nos inícios do século XXI, Luis Suárez Fernández escreve *Isabel I la reina*⁵³, e *Enrique IV de Castilla. La difamación como arma política*⁵⁴. Obras que se mostraram essenciais para a compreensão destas figuras históricas.

Em 2002, Tarsicio de Azcona publica um artigo intitulado «Capitulaciones matrimoniales entre Alfonso V de Portugal e Isabel de Castilla en 1465»⁵⁵, que permite compreender as negociações entre D. Afonso V e Enrique IV para o casamento entre o rei de Portugal e D. Isabel. Em 2003, a obra de Jaume Vicens Vives⁵⁶ sobre Juan II de Aragão dá-nos uma nova perspetiva das relações entre Aragão e Castela.

Nesta bibliografia crítica é ainda digna de nota as atas do congresso internacional realizado em 2004 sobre «Isabel la Católica y su época»⁵⁷.

⁴⁹ AZCONA, Tarsicio de – *Isabel la Católica – estudio crítico de su vida y su reinado*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1993.

⁵⁰ ROMERO PORTILLA, Paz - *Dos monarquias medievales ante la modernidad – relaciones entre Portugal y Castilla*. Corunha: Universidade da Corunha, 1999.

⁵¹ LADERO QUESADA, Miguel Ángel – *La España de los Reyes Católicos*. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

⁵² BELENGUER, Ernest – *Fernando el Católico*. Barcelona: Ediciones Península, 1999.

⁵³ SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis – *Isabel I Reina (1451-1504)*. Barcelona: Ariel, 2000.

⁵⁴ SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis – *Enrique IV de Castilla. La difamación como arma política*. Barcelona: Ariel, 2001.

⁵⁵ AZCONA, Tarsicio de – *Capitulaciones matrimoniales entre Alfonso V de Portugal e Isabel de Castilla em 1465*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017.

⁵⁶ VICENS VIVES, Jaume – *Juan II de Aragón (1398-1479): monarquía y revolución em la España del siglo XV*. Pamplona: Urgoiti Editores, 2003.

⁵⁷ RIBOT, Luis; VALDEÓN, Júlío; MAZA, Elena (coord) – *Isabel la Católica y su época*. Actas del congreso internacional. Vol I. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2007.

Em 2006, Ana Isabel Carrasco Machado discípula de Jose Manuel Nieto Soria, escreve a obra *Isabel I de Castilla y la sombra de la ilegitimidade*,⁵⁸ onde se debruça sobretudo sobre o conflito sucessório castelhano.

Em 2007, devemos ainda salientar o artigo de Maria Isabel del Val Valdivieso intitulado «La farsa de Ávila em las crónicas de la época»⁵⁹, mas também o de Shima Ohara intitulado «Las relaciones em torno del conflicto sucessório de Enrique IV»⁶⁰.

Em 2014 é publicada *Juana la Beltraneja. La construcción de una ilegitimidad*⁶¹, por Óscar Villarroel González, um dos novos investigadores da história política castelhana, com o objetivo de analisar a propaganda que se criou à volta da questão da ilegitimidade de Juana.

Sobre a história política francesa e borgonhesa

Para a elaboração deste trabalho, conforme já foi dito, foi central e decisivo utilizar sobretudo fontes e bibliografia francesa. Como é sabido, as políticas do reinado de Louis XI, para além das dramáticas convulsões internas do seu reino, estavam intimamente ligadas ao ducado da Borgonha e a Charles “le Téméraire”, cujo papel será determinante no resultado da viagem a França do monarca português. Foi indispensável trabalhar com bibliografia sobre o reinado de Louis XI e sobre o ducado da Borgonha.

O reinado de Louis XI, (considerado por muitos como um dos últimos reis medievais), pela sua complexidade e época foi e continua a ser muito estudado, desde o século XIX. Em 1844, Louis XI e o seu conflito com o duque da Borgonha começa a ser

⁵⁸ CARRASCO MACHADO, Ana Isabel – *Isabel I de Castilla y la sombra de la ilegitimidade. Propaganda y representación em el conflicto sucessório (1474-1482)*. Madrid: Sílex, 2006.

⁵⁹ VAL VALDIVIESO, Maria Isabel del - «La farsa de Ávila em las crónicas de la época», In *Espacios de poder y formas sociales em la Edad Media. Estudios dedicados a Ángel Barrios*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2007.

⁶⁰ OHARA, Shima- «Las relaciones em torno del conflicto sucessório de Enrique IV» In *Isabel la Católica y su época – actas del congreso internacional*. Vol I. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2007.

⁶¹ VILLARROEL GONZÁLEZ, Óscar- *Juana la Beltraneja. La construcción de una ilegitimidad*. Madrid: Sílex, 2014

profundamente estudado por Jules Michelet na sua *Histoire de France*⁶², dedicando-lhe um capítulo intitulado “Louis XI et le Téméraire”. Segundo Michelet, Louis XI foi o responsável por aplicar medidas que levaram ao fim do feudalismo, tendo como principal objetivo centralizar o território e o poder.

Durante o século XX surgem várias biografias de Louis XI. Foi o caso da obra de Pierre Champion, *Louis XI*,⁶³ de 1927, dividida em dois volumes, “Le dauphin” e “Le roi”, que se encontra estruturada de acordo com os acontecimentos históricos mais importantes do reinado. Em 1919, Henry Stein escreve uma biografia importantíssima intitulada *Charles de France frère de Louis XI*⁶⁴. Nesta biografia sobre Charles de Berry, irmão de Louis XI, o autor descreve as razões que levaram à guerra do “Bien Public”, bem como as motivações e causas que provocaram as várias disputas entre o monarca francês e os grandes senhores feudais.

Em 1938, Joseph Calmette elabora uma biografia sobre o rei francês intitulada *Le grand règne de Louis XI*⁶⁵ onde, pela primeira vez, se estuda as relações políticas entre Louis XI e outros reinos estrangeiros. O mesmo autor irá publicar duas obras intituladas *Louis XI, Jean II et la révolution catalane (1461-1473)*⁶⁶, na qual através de documentação inédita de arquivos catalães estuda a política externa de Louis XI na Catalunha, bem como o início das rivalidades entre o reino francês e Aragão; e *Louis XI et l'Angleterre*⁶⁷, onde aborda a política externa entre Louis XI e a Inglaterra através de documentação inédita, tanto de arquivos ingleses, franceses e italianos, como de arquivos municipais franceses.

Em 1941 é publicada a tese de René Gandilhon *La politique économique de Louis XI*⁶⁸. Neste estudo, o autor enfatiza também as políticas centralizadoras de Louis XI.

⁶² MICHELET, Jules - *Histoire de France. Louis XI*. Tomo VI. Paris: Des Equateurs Eds, 2014.

⁶³ CHAMPION, Pierre – *Le roi Louis XI*. Paris: Flammarion, 1936

⁶⁴ STEIN, Henry - *Charles de France, frère de Louis XI*. Paris: Picard, 1919.

⁶⁵ CALMETTE, Joseph – *Le grand règne de Louis XI*. Paris: Hachette, 1938.

⁶⁶ CALMETTE, Joseph – *Louis XI, Jean II et la révolution catalane (1461-1473)*. Toulouse: E. Privat, 1903.

⁶⁷ CALMETTE, Joseph; PÉRINELLE, George - *Louis XI et l'Angleterre (1461-1483)*. Paris: A. Picard, 1930.

⁶⁸ GANDILHON, René – *Politique économique de Louis XI*. Paris: Press Universitaires de France, 1941.

Devemos ainda realçar o artigo publicado por André Leguai intitulado «Dijon et Louis XI»⁶⁹, que aborda as conquistas territoriais de Louis XI no ducado da Borgonha após a morte de Charles “le Téméraire”.

Na segunda metade do século XX surgem novas perspectivas sobre o reinado de Louis XI. Exemplo disso é a obra de Paul Murray Kendall intitulada *Louis XI, l'universelle araignée*⁷⁰ que se centra sobretudo na política externa e interna do reinado de Louis XI, algo que até então ainda não tinha sido estudado de forma aprofundada. Em 1976, Pierre- Roger Gaussin escreve *Louis XI: um roi entre deux mondes*⁷¹, onde apresenta o monarca francês como um rei incompreendido, e como tal tenta justificar as suas duras medidas centralizadoras do mesmo. Por sua vez, George Bordonove, na coleção de «Les rois qui ont fait la France»⁷², retrata Louis XI como um diplomata, um soldado, um administrador e um precursor de políticas que lhe permitiram dominar o reino. Ainda nos anos 70 podemos destacar o artigo de Andre Leguai intitulado «La conquête de la Bourgogne par Louis XI»⁷³.

Em 1999 surge uma nova biografia de Louis XI, desta vez por Jacques Heers⁷⁴ que tem como principal preocupação dar ênfase ao confronto entre Louis XI e Charles le Téméraire. Heers procura igualmente explorar a importância dos conflitos entre o reino francês e os restantes reinos estrangeiros.

Nos inícios do século XXI, é a vez de Jean Favier⁷⁵ escrever uma biografia de Louis XI, apresentando o monarca francês como um homem de Estado.

Em 2015, Joel Blanchard publicou mais uma biografia de Louis XI⁷⁶ com novas interpretações do reinado deste monarca. Nesse mesmo ano, Lydwine Scordia publicou igualmente uma obra sobre o monarca francês intitulada *Louis XI. Mythes et*

⁶⁹ LEGUAI, André – “Dijon et Louis XI: notes sur quelques aspects de la réunion de la Bourgogne (1461-1483)”. In *Annales de Bourgogne*, Tomo.17, 1945.

⁷⁰ KENDALL, Paul Murray – *Louis XI*. Paris: Fayard, 1974.

⁷¹ GAUSSIN, Pierre-Roger – *Louis XI: um roi entre deux mondes*. Paris: A. G. Nizet, 1988.

⁷² BORDONOVE, George – *Les rois qui ont fait la France. Louis XI le diplomate*. Paris: Éditions Pygmalion, 1986.

⁷³ LEGUAI, André – La conquête de la Bourgogne par Louis XI. In *Annales de Bourgogne*, t.49,1977.

⁷⁴ HEERS, Jacques – *Louis XI*. Paris : Perrin, 2003.

⁷⁵ FAVIER, Jean – *Louis XI*. Paris: Éditions Fayard, 2001.

⁷⁶ BLANCHARD, Joël – *Louis XI*. Paris: Perrin, 2015.

*réalités*⁷⁷, onde tanto a personalidade de Louis XI como o seu reinado são objeto de nova interpretação que tenta desmascarar os mitos que se foram formando ao longo da historiografia francesa.

Por sua vez, a governação do ducado da Borgonha por Charles le Téméraire foi igualmente objecto de abundante investigação.

Apesar de durante o século XIX terem sido publicadas várias obras e estudos sobre o conflito entre Charles le Téméraire e Louis XI, apenas em 1866 surge a primeira biografia do duque da Borgonha, intitulada *Histoire de Charles le Téméraire: duc de Bourgogne*⁷⁸.

Em 1944 surge uma segunda, da autoria de John Bartier⁷⁹, que utiliza documentação inédita dos arquivos de Bruxelas, Lille e Dijon, e destaca os principais acontecimentos da curta governação de Charles “le Téméraire”. Por esta altura surge a obra de Joseph Calmette *Les grands ducs de Bourgogne*⁸⁰, onde descreve a governação dos vários duques que governaram a Borgonha. Esta obra foi importantíssima para se perceber na globalidade a história do ducado da Borgonha.

Na segunda metade do século XX multiplicam-se biografias e estudos sobre Charles “le Téméraire” que trazem novas perspetivas sobre a política borgonhesa. Na década de 60, a obra de Pierre Frédéric *La mort de Charles le Téméraire: 5 janvier 1477*⁸¹ oferece-nos importantes informações sobre a Batalha de Nancy, mas também sobre o desenrolar dos acontecimentos após a morte de Charles le Téméraire. Em 1973 é publicada a obra *Charles the Bold. The last duke of Burgundy*⁸², por Richard Vaughan, que aborda as reformas políticas adotadas por Charles le Téméraire.

Em 1995, Jacques Paviot escreve uma obra indispensável para se compreender as relações entre o ducado da Borgonha e Portugal intitulada *Portugal et la Bourgogne*

⁷⁷ SCORDIA, Lydwine - *Louis XI, Mythes et réalités*. Paris : Ellipses édition, 2015.

⁷⁸ KIRK, John Foster – *Histoire de Charles le Téméraire: duc de Bourgogne*. Paris: A. Lacroix, 1866.

⁷⁹ BARTIER, John – *Charles le Téméraire*. Bruxelas: Ch. Dessart, 1944.

⁸⁰ CALMETTE, Joseph – *Les grands ducs de Bourgogne*. Paris: Ed. Albin Michel, 1949.

⁸¹ FRÉDÉRIX, Pierre – *La mort de Charles le Téméraire: 5 janvier 1477*. Paris: Gallimard, 1966.

⁸² VAUGHAN, Richard – *Charles the Bold: the last Valois Duke of Burgundy*. London: Longmans, 1973.

au XV siècle.⁸³ Baseia-se sobretudo na publicação de um impressionante *corpus* documental.

Em 1996, a obra *Louis XI et Charles le Hardi. De Péronne à Nancy*⁸⁴ desenvolve profundamente os inícios dos conflitos entre Louis XI e Charles “le Téméraire”, salientando as causas e consequências dos mesmos.

Nos finais do século XX, a obra de Bertrand Schnerb «L'État bourguignon»⁸⁵ apresenta uma nova perspetiva sobre o estado borgonhês e as guerras da Borgonha impulsionadas por Charles “le Téméraire” para expandir o seu território.

Em 2004, Henri Dubois⁸⁶ descreve a vida do duque da Borgonha em simples sequência cronológica, do ponto de vista cronológico, sem se alongar nas questões económicas ou culturais da sua governação.

Mais recentemente, foi lançada uma nova biografia de Charles “le Téméraire”, da autoria de George Minois⁸⁷, na qual o autor apresenta uma perspetiva clara sobre as origens do ducado da Borgonha, mas também elabora um estudo físico e psicológico sobre Charles “le Téméraire”, fazendo um paralelo entre o duque da Borgonha e Louis XI.

⁸³ PAVIOT, Jacques – *Portugal et Bourgogne au XV siècle*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1995.

⁸⁴ CAUCHIES, Jean-Marie - *Louis XI et Charles le Hardi. De Péronne à Nancy: le conflit*. Bruxelas: De Boeck Université, 1996.

⁸⁵ SCHNERB, Bertrand – *L'État bourguignon*. Paris: Perrin, 1999.

⁸⁶ DUBOIS, Henry – *Charles le Téméraire*. Paris: Fayard, 2004.

⁸⁷ MINOIS, Georges – *Charles le Téméraire*. Paris: Perrin, 2015.

1. Contexto da viagem do Rei de Portugal

Segundo vários historiadores portugueses⁸⁸, D. Afonso V, filho de D. Duarte e de D. Leonor de Aragão, conquistador de inúmeros territórios em África, parece ter nascido num tempo errado. Homem de alma ainda profundamente medieval e cruzadística, é de certa forma mergulhado num tempo em mudança, recusando-se a aceitar um mundo que começa a dar os primeiros passos para uma época moderna. Foi também um rei guerreiro, que nunca perdeu uma oportunidade de expandir os seus territórios, algo que se verificou por várias vezes ao longo do seu reinado⁸⁹. A este período de conquistas vai-se somar uma sequência de guerras com Castela.

Quando surge uma querela dinástica no reino de Castela, D. Afonso V vai aproveitar a oportunidade para intervir, e desta forma tentar unir as Coroas, mas o desfecho desta iniciativa não tem o resultado desejado.

A 12 de Dezembro de 1474, em Madrid, morre Enrique IV⁹⁰. D. Isabel, meia-irmã do rei falecido, rapidamente se faz coroar rainha de Castela⁹¹. Porém, a sucessão ao trono deste reino não terá um desfecho tão simples, sendo necessário voltar atrás alguns anos para perceber o início desta querela dinástica e de que forma D. Afonso V se viu envolvido na mesma.

Em 1455, Enrique IV de Castela casa-se em segundas núpcias com D. Joana, irmã de D. Afonso V⁹². Segundo Suárez Fernández «era necesario probar que, siendo Enrique impotente en relación con Blanca, estaba sin embargo en condiciones de intentar; con

⁸⁸ A saber: SOUSA, Armindo de - «1325-1480». In *História de Portugal* (Dir. José Mattoso), vol. II, *A monarquia feudal (1096-1480)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. DUARTE, Luís Miguel - «A marinha de guerra. A pólvora. O norte de África», In *Nova História Militar de Portugal*. Dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol.1. Coord de José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003.

⁸⁹ D. Afonso V empenhou-se durante grande parte do seu reinado na conquista de várias praças em África como Alcácer-Ceguer, Arzila e Tânger. Ver: GOMES, Saul António – *D. Afonso V*. Lisboa: Temas e Debates, 2009, pp. 230-254.

⁹⁰ ENRIQUEZ DEL CASTILLO, Diego – Crónica del Rey Don Enrique el cuarto. In *Crónicas de Los reyes de Castilla desde don alfonso el sabio hasta los católicos don fernando y doña isabel*. Colección ordenada por Don Cayetano Rosell. Tomo III, p. 221.

⁹¹ VAL VALDIVIESO, María Isabel del – La infanta que llegó a reinar, Isabel de Trastámara. [Em linha] Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2005. [consult. 14 Set 2020]. Disponível em: WWW:<URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcsz352>.

⁹² OHARA, Shima- *La propaganda política en torno al conflicto sucesorio de Enrique IV (1457-1474)*. doutoramento em História, Universidad de Valladolid, Valladolid,2003, p. 61.

otra, la empresa de proporcionar a Castilla un heredero»⁹³. Em 1462, D. Joana dará à luz uma filha também ela de nome Juana⁹⁴. Enrique IV vai de seguida convocar as Cortes Gerais do Reino para que D. Juana fosse reconhecida como herdeira do trono de Castela⁹⁵.

Contudo, alguns nobres castelhanos não acreditavam na legitimidade da pequena D. Juana, e começaram a surgir rumores na corte de que o monarca era impotente e que a mesma seria filha de D. Beltrán de la Cueva, um nobre castelhano que tinha tido uma rápida ascensão na corte.⁹⁶ D. Juana começa assim a ser apelidada de a “Beltraneja”. É importante realçar que estas suspeitas de infidelidade da rainha surgiram pelo facto de o primeiro casamento de Enrique IV com D. Branca de Navarra ter sido anulado com a justificação de o monarca ser impotente⁹⁷, e de D. Joana ter apenas engravidado passado seis anos do seu casamento com Enrique IV.

Contudo, é igualmente importante perceber que a rápida ascensão de D. Beltrán não agradou a alguns nobres castelhanos que viam a sua influência junto do monarca diminuída⁹⁸. Começou assim a existir uma forte oposição nobiliárquica que recusava jurar D. Juana como herdeira do trono de Castela, e que integrava, entre outros, o marquês de Vilhena, o mestre de Calatrava, o mestre de Alcântara, o arcebispo de Toledo, o almirante-mor de Castela, o comendador-mor de Castela, o conde de Benavente, o conde de Paredes e o conde de Placência⁹⁹.

A corte castelhana passa assim a estar dividida entre aqueles que defendiam o aumento do poder da nobreza, e aqueles que defendiam o fortalecimento do poder da

⁹³ SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis – *Enrique IV de Castilla. La difamación como arma política*. Barcelona: Ariel, 2001, p. 122.

⁹⁴ VILLARROEL GONZÁLEZ, Óscar – *Juana la Beltraneja. La construcción de una ilegitimidad*. Madrid: Sílex, 2014, p. 47.

⁹⁵ PARDAL, Diana Sousa Costa – O Tratado de Alcáçovas-Toledo de 1479: uma derrota política e uma vitória económica?. In *Omni Tempore: atas dos Encontros da Primavera 2018*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019, p. 8.

⁹⁶ BATLLE GALLART, Carmen – Triunfo nobiliario em Castilla y revolución en Cataluña. In *Historia de España de la Edad Media* (coord) Vicente Ángel Álvarez Palenzuela. Barcelona: Areal, 2011, p. 759.

⁹⁷ «Casó, seyendo príncipe, con la princesa doña Blanca [...], con la cual estobo casado por espacio de diez años, e al fin ouo diuorcio entre ellos por el defeto de la generación, que él imputaua a ella e ella imputó a él» In PULGAR, Fernando – *Claros varones de Castilla y letras*. Madrid: G. Ortega, 1789, p. 6.

⁹⁸ VILLARROEL GONZÁLEZ, Óscar- *Juana la Beltraneja...*, p. 81.

⁹⁹ ENCARNAÇÃO, Marcelo – *A batalha de Toro...*, pp. 68-69.

monarquia¹⁰⁰. Melhor dito: continua essa divisão, bem visível na menoridade e depois no reinado de Juan II, e nos enfrentamentos entre o condestável Álvaro de Luna e os chamados “Infantes de Aragão”.

É neste contexto que se inicia uma tentativa por parte do rei de Castela de formar uma aliança com o monarca português, negociando um possível casamento deste com D. Isabel. Em Janeiro de 1464, Enrique IV encontra-se em Gibraltar com D. Afonso V com o objetivo de negociar tal casamento, bem como um matrimónio entre o príncipe D. João sucessor ao trono português, e D. Juana: «onde El Rei de Portugal, e El Rei de Castela tiveram suas práticas e concórdias, cuja substância foi requerer El Rei Dom Amrrique licença a El Rei Dom Afonso, para contra os grandes de Castela que com desleal alevantamento d’El Rei Dom Afonso o moço seu meio irmão lhe queriam desobedecer, e que para ter mais razão de o ajudar, queria que a Infanta Dona Isabel sua Irmã casasse com El Rei Dom Afonso, e Dona Joana que então era havida por sua Filha e jurada por Princesa de Castela, casasse com Dom João Príncipe de Portugal ...»¹⁰¹. Enrique IV procurava assim, através de um matrimónio entre as duas coroas, obter o apoio de Portugal contra os nobres que apoiavam o seu meio-irmão Alfonso ao trono de Castela.

Em Maio desse mesmo ano, 1464, Enrique IV volta a encontrar-se com D. Afonso V¹⁰², desta vez perto do mosteiro de Santa Maria de Guadalupe, com a intenção de reafirmar os projetos matrimoniais negociados em Janeiro anterior: «ally tiveram as mesmas pratycas e acordos de Gibraltar sobre casamentos e lianças»¹⁰³.

Porém, os acontecimentos precipitam-se. A 28 de Setembro de 1464, a oposição nobiliárquica revolta-se em Burgos e apresenta o Manifesto de *Quejas e Agravios* contra o governo do rei. Enrique IV, como forma de resolver a situação, retira a

¹⁰⁰ ENCARNAÇÃO, Marcelo – *A batalha de Toro...*, p. 69.

¹⁰¹ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V*. In Collecção de livros inéditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João II. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa, 1790. Tomo I, pp. 510-511.

¹⁰² GOMES, Saul António – *D. Afonso V...*, p. 255.

¹⁰³ GÓIS, Damião de – *Crónica do príncipe D. João*. (Ed) Graça Almeida Rodrigues. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1977, p. 52.

sucessão a D. Juana e declara o seu meio-irmão Alfonso como seu sucessor¹⁰⁴.

Entretanto, o rei castelhano, pressionado pela rainha, volta atrás na sua decisão e declara de novo como sua sucessora a filha Juana¹⁰⁵. Tudo isto despoletou uma resposta por parte dos nobres que se opunham ao monarca.

A 5 de Junho de 1465 dá-se a “Farsa de Ávila”¹⁰⁶, onde Enrique IV é deposto pelos nobres, e o seu meio-irmão Alfonso aclamado rei: «El 5 de junio, los nobles sublevados se reúnen en Ávila, donde levantan un tablado de madera, y allí colocan un muñeco representando a Enrique IV. Proceden entonces a una representación, iniciada por la lectura de la relación de los crímenes atribuidos al monarca. Acto seguido, son quitados al espantajo las insignias reales; en ello participa la plana mayor de la nobleza rebelde [...] Se sigue inmediatamente la proclamación de Alfonso, hermano del rey, como nuevo monarca.»¹⁰⁷.

Enrique IV, como forma de apaziguar os ânimos, vê-se novamente obrigado a deserdar D. Juana, e a declarar Alfonso como seu sucessor¹⁰⁸. Mesmo assim, nem isto impediu os nobres de começarem a fomentar uma guerra civil: «Obviamente, si Enrique IV había cedido en lo referente a la sucesión por mantener la paz, lo que no está dispuesto a hacer es renunciar al trono por esa ni por otra razón. Y sus partidarios del momento, el otro sector de la levantisca nobleza, el que, andando el tiempo, acabará uniéndose al bando isabelino, tampoco aceptaría una actitud semejante. La consecuencia es, pues, fácil de prever: la guerra civil.»¹⁰⁹.

¹⁰⁴ AZCONA, Tarsicio de – Capitulaciones matrimoniales entre Alfonso de Portugal e Isabel de Castilla en 1465. *Edad Media: revista de historia*, Nº5, 2002, p. 136.

¹⁰⁵ COSTA, António Carlos Martins – *A batalha de Toro e as relações entre Portugal e Castela. Dimensões políticas e militares na segunda metade do século XV*. Dissertação de mestrado em História Medieval. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.p. 46.

¹⁰⁶ Ver: VAL VALDIVIESO, Maria Isabel del - La sucesión de Enrique IV. In *Espacio, tiempo y forma*. Serie III, Historia Medieval, Nº4, 1991, pp. 43-78; OHARA, Shima- *La propaganda política em torno al conflicto sucesório de Enrique IV (1457-1474)*...

¹⁰⁷ FONSECA, Luís Adão – La época de Enrique IV de Castilla y Juan II de Aragón. In *Historia general de España y América*. Tomo V. Madrid: Ediciones Rialp, 1982, p. 436.

¹⁰⁸ ÁLVAREZ PALENZUELA, Vicente – La guerra civil castellana y el enfrentamiento con Portugal. [Em linha] Alicante: Biblioteca Virtual Miguel Cervantes, 2006. [consult. 17 Set 2020] Disponível em WWW:<URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcx020>.

¹⁰⁹ VAL VALDIVIESO, Maria Isabel del - La sucesión de Enrique IV...p. 51.

A 6 de Julho de 1465, Enrique IV vai conceder plenos poderes a sua esposa D. Joana, para que esta pudesse «firmar e assentar»¹¹⁰ o casamento entre D. Afonso V e D. Isabel.

A rainha D. Joana desloca-se então à Guarda para negociar um casamento entre o monarca e D. Isabel, bem como para pedir o auxílio e a intervenção de D. Afonso V na guerra civil castelhana¹¹¹. A 12 de Setembro, o rei português assina as capitulações matrimoniais para o casamento com D. Isabel¹¹².

Todavia, após reunir cortes, o monarca português é aconselhado a não intervir: «em tal discórdia e empresa nem alianças se não intrometesse»¹¹³, devido à inconsistência de Enrique IV quanto à sucessão do trono de Castela. D. Isabel opôs-se igualmente a este casamento, uma vez que as cláusulas matrimoniais lhe eram desfavoráveis.¹¹⁴

Em 1467, dá-se a Batalha de Olmedo entre Enrique IV e os nobres castelhanos, porém o conflito entre o monarca e a nobreza continuava aberto.

Em 1468, a morte de Alfonso¹¹⁵ parece colocar um ponto final à guerra civil entre os nobres e o monarca castelhano. Porém, os opositores de Enrique IV rapidamente encontram um novo candidato ao trono castelhano: a infanta Isabel, meia-irmã de Enrique IV, filha de Juan II de Castela e de D. Isabel, filha do infante D. Pedro morto em Alfarrobeira. Contudo, D. Isabel «deliberó de no tomar título de regna en vida del rey su hermano, e de se conformar com él, sy, quitos todos los escândalos, le jurase para después de sus días la subçesión del regno»¹¹⁶.

O monarca castelhano, sob pressão dos nobres revoltosos, vê-se novamente obrigado a repudiar a paternidade de D. Juana e declara D. Isabel como sua sucessora.

¹¹⁰ LA TORRE, António de; SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luís – *Documentos referentes a las relaciones con Portugal durante el reinado de los Reyes Católicos*. Valladolid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1958. p. 44.

¹¹¹ MENDONÇA, Manuela – *O sonho da União Ibérica. Guerra luso-castelhana (1475-1479)*. Matosinhos: Quidnovi, 2007, p. 28.

¹¹² AZCONA, Tarsicio de – *Capitulaciones matrimoniales...* p. 137.

¹¹³ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 518.

¹¹⁴ GOMES, Saul António – *D. Afonso V...* pp. 257-258.

¹¹⁵ PULGAR, Fernando del – *Crónica de los reys católicos Don Fernando y Doña Isabel de Castilla y de Aragón*. Valencia: Benito Monfort, 1780. p. 4.

¹¹⁶ Idem, *Ibidem*. p.4.

Enrique IV promete ainda que a rainha D. Joana e a sua filha seriam então afastadas da corte.

A 19 de Setembro de 1468 é assinado o Pacto de Toros de Guisando¹¹⁷, no qual D. Isabel é jurada como sucessora do trono de Castela. Neste pacto fica igualmente acordado que D. Isabel apenas se casaria com o consentimento de Enrique IV, e que este não poderia obrigar D. Isabel a casar contra a sua vontade «De haberse cumplido el acuerdo en todas sus partes, Enrique IV y sus validos adquirirían derecho exclusivo a proponer marido. La princesa se reservaba, sin embargo, el derecho a rechazarlo.»¹¹⁸. Segundo Luís Adão da Fonseca, Enrique IV aceita facilmente as exigências do Pacto de Toros de Guisando, uma vez que o monarca pretende impedir um possível casamento entre Fernando de Aragão e D. Isabel, bem como garantir que a sua filha D. Juana permaneça com um estatuto real¹¹⁹.

Após o Pacto de Toros de Guisando, Enrique IV inicia negociações com D. Afonso V para um possível casamento entre o rei português e D. Isabel. Contudo, surgiram outros pretendentes interessados num matrimónio com a sucessora do trono de Castela, a saber: Charles, duque de Berry e de Guyenne, irmão do rei de França; Richard de Gloucester, irmão de Edward IV de Inglaterra; e Fernando de Aragão, rei da Sicília¹²⁰.

Se por um lado Enrique IV apoiava um casamento entre D. Afonso V e D. Isabel, por outro lado os apoiantes de D. Isabel preferiam uma aliança com Aragão. Por esta altura começam a existir no seio da corte castelhana dois partidos: um castelhano-português, do qual fazia parte o marquês de Vilhena¹²¹, que apoiava um casamento com D.

¹¹⁷ Ver: TORRES FONTES, Juan – “La contratación de Guisando”, in Anuario de Estudios Medievales, 2, Barcelona, 1965; VAL VALDIVIESO, María Isabel del - *Isabel la Católica, Princesa (1468-1474)* Valladolid: Instituto “Isabel la Católica” de Historia eclesiástica, 1974; GÓMEZ MAMPASO, María. "El documento del Pacto de los Toros de Guisando: estudios y estudiosos" *Revista Icade. Revista de las Facultades de Derecho y Ciencias Económicas y Empresariales*, Número 63 (18 Outubro 2016), pp. 59-74.

¹¹⁸ SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis – *Isabel I Reina (1451-1504)*. Barcelona: Ariel, 2000.p. 44.

¹¹⁹ FONSECA, Luís Adão – *La época de Enrique IV ...*p. 440.

¹²⁰ ENCARNAÇÃO, Marcelo – *A batalha de Toro...*p. 77.

¹²¹ Marquês de Vilhena que a partir de 1468 se muda para o lado de Enrique IV.

Afonso V; e um castelhano-aragonês, do qual fazia parte o arcebispo de Toledo, que apoiava um casamento com Fernando de Aragão¹²².

Segundo Jorge Borges Macedo «A posição anticastelhana de D. Afonso V tinha-se modificado muito desde Alfarrobeira. Definia-se afinal, acaso prematuramente, um bloco Ocidental- Atlântico, dirigido e assente nos novos interesses em que Portugal tinha mais experiência, diverso do equilíbrio que o grupo Navarra-Aragão-Castela, orientado para o Mediterrâneo, pretendia estabelecer. A aliança Portugal-Castela traria a estes dois países uma nova forma de equilíbrio peninsular, concebido a partir do domínio do Atlântico, e por aí, como forma de pressão mais geral, a hegemonia sobre a entrada do mar Mediterrâneo e a expulsão dos navegadores ingleses e bretões das novas áreas.»¹²³

D. Isabel vai optar pelo casamento com Fernando de Aragão; todavia, tal decisão será mantida em segredo de forma a evitar um confronto com Enrique IV¹²⁴.

Entretanto, a 30 de Abril de 1469, Enrique IV estabeleceu as capitulações para o casamento entre D. Afonso V e D. Isabel, onde se estipulava que: o rei português deveria deslocar-se até Castela, num prazo de dois meses, para se casar com D. Isabel; depois de casado, D. Afonso V juraria fidelidade a Enrique IV, e passaria a intitular-se príncipe de Castela, Leão e das Astúrias; os descendentes de D. Isabel e D. Afonso V assumiriam a sucessão do trono de Castela, sendo que o primogénito se casaria com D. Juana; após a morte de Enrique IV, D. Isabel e D. Afonso V seriam coroados reis de Castela, e caso D. Isabel morresse antes do marido, D. Afonso V permaneceria rei de Castela até ao final da sua vida, passando-o depois aos seus filhos; caso D. Isabel não aceitasse casar com D. Afonso V, este receberia por esposa D. Juana¹²⁵.

A 23 de Junho, o papa Paulo II emite uma dispensa matrimonial, autorizando assim o casamento entre D. Afonso V e D. Isabel¹²⁶. Enrique IV parecia finalmente ter

¹²² GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. 258.

¹²³ MACEDO, Jorge Borges - *História Diplomática Portuguesa. Constantes e Linhas de força*. Lisboa: Tribuna da História, 2006, p. 100.

¹²⁴ ARAÚJO, Julieta – *Portugal e Castela na Idade Média*. Lisboa: Edições Calibri, 2009, p. 243.

¹²⁵ MENDONÇA, Manuela – *O sonho da União Ibérica*, pp. 31-32.

¹²⁶ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*p. 258.

conseguido forjar uma aliança matrimonial com Portugal que lhe permitiria enfrentar os seus opositores nobiliárquicos. No entanto, aproveitando uma deslocação de Enrique IV à Andaluzia, D. Isabel parte para Valladolid onde a 19 de Outubro, e sem o consentimento do irmão, contrai matrimónio com Fernando de Aragão¹²⁷. Enrique IV, ao saber deste casamento, revoga o Pacto de Toros de Guisando, e declara D. Juana como sua sucessora ao trono de Castela, sendo proclamada princesa das Astúrias.

O monarca castelhano tenta agora negociar o matrimónio entre D. Juana e Charles, duque de Berry, irmão de Louis XI. Por esta altura, o rei francês estava em guerra com Aragão. Desta forma, o casamento entre Charles e D. Juana significava também uma aliança militar, conveniente para ambos os reinos¹²⁸. Porém, Charles de Berry morre antes de que o casamento entre ambos fosse possível. Enrique IV tem assim que procurar um novo pretendente para a sua filha, e volta a colocar como hipótese um projeto matrimonial com o rei português.

Ao mesmo tempo, D. Afonso V, que permanecia ocupado com conflitos no Norte de África, parece ter colocado a questão castelhana em suspenso. Somente em 1472, após o triunfo do rei português em Arzila, é que Enrique IV inicia novamente negociações com D. Afonso V, enviando ao reino português dois embaixadores para propor um casamento entre D. Juana e o monarca português. Nesse mesmo ano, os dois monarcas encontram-se entre Elvas e Badajoz para discutir mais aprofundadamente esse projeto matrimonial. Contudo, D. Afonso V mostra-se reticente quanto a este casamento com D. Juana «e finalmente no caso e negocio entrevieram tantas duvidas, e com esperança de tantos males e divisões de Reino a Reino, que El Rei de Portugal tendo sobr' isso muitas vezes conselho, nunca em vyda d'El Rei Dom Anrique se acharam taaes meos, com que parecesse razam elle aceitar e concordar o dito casamento.»¹²⁹.

¹²⁷ AZNAR VALLEJO, Eduardo – Los albores de una nueva época. In *Historia de España de la Edad Media* (coord) Vicente Ángel Álvarez Palenzuela. Barcelona: Areal, 2011. p. 797.

¹²⁸ MARTÍNEZ, Pedro Soares - *História diplomática de Portugal*. Lisboa: Verbo, 1986. p.84.

¹²⁹ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 535.

1.1. Aspirações de D. Afonso V à Coroa de Castela.

Após esta breve, mas necessária explicação para compreender a origem desta guerra de sucessão ao trono de Castela, regressemos agora ao ano de 1474 e à morte de Enrique IV, anteriormente referida.

D. Isabel, ao saber da notícia da morte do irmão, faz-se proclamar «Reina de Castilla e de León»¹³⁰, com o pretexto de que Enrique IV, antes de morrer, tinha manifestado o desejo de a declarar como sua sucessora¹³¹. Assim sendo, “rei morto, rainha posta”¹³². Contudo, o que parecia ser o fim de uma longa querela dinástica, não representou o fim dos problemas no reino de Castela.

Após a morte do monarca castelhano, os partidários de D. Juana vão afirmar que Enrique IV tinha deixado escrito um testamento onde declarava D. Juana como sua sucessora, e no qual pedia a D. Afonso V que este se casasse com ela e assim defendesse os seus direitos ao trono de Castela¹³³.

Nesta altura, o marquês de Vilhena¹³⁴ escreve a D. Afonso V pedindo-lhe que aceite D. Juana como sua esposa, e garantindo-lhe que poderia contar com o apoio de vários nobres castelhanos, entre eles: o mestre de Calatrava, o duque de Arévalo, o duque de Albuquerque, o marquês de Santilhana, o arcebispo de Toledo¹³⁵, bem como 14 cidades castelhanas que tinham já demonstrado o seu apoio a D. Juana¹³⁶. De certa forma a maioria dos senhores feudais castelhanos preferia a união de Castela e Leão a Portugal, em vez de uma união com Aragão.

Uma possível governação do reino de Castela por parte de D. Isabel e Fernando de Aragão era também vista com descontentamento por parte do reino português, bem

¹³⁰ PULGAR, Fernando de – *Crónica de los reyes católicos...* p. 32.

¹³¹ COSTA, António Carlos Martins – *A batalha de Toro...*, p. 69.

¹³² DUARTE, Luís Miguel – “1449-1495: o triunfo da pólvora” ...p. 373.

¹³³ MENDONÇA, Manuela – *O sonho da União Ibérica...*p. 37.

¹³⁴ O marquês de Vilhena é D. Pedro Pacheco, que sucede ao seu pai falecido em Outubro de 1474. Sobre este fidalgo, veja-se a excelente biografia de Alfonso Franco Silva, *Juan Pacheco, Privado de Enrique IV de Castilla. La pasión por la riqueza y el poder*. Universidad de Granada, em coedición com las Universidades de Sevilla y Cádiz, 2011.

¹³⁵ GOMES, Saul António – *D. Afonso V* ...p. 260.

¹³⁶ GÓIS, Damião de - *Chronica do Príncipe Dom Ioam...*, p. 104.

como pelo reino francês que via nesta aliança castelhana-aragonesa um perigo para a manutenção dos seus territórios no Rossilhão, algo que será abordado mais à frente neste trabalho. Louis XI mostrou-se assim inicialmente disponível para apoiar D. Afonso V caso este decidisse reclamar para si o trono de Castela – este aspeto vai revelar-se decisivo para as opções da Coroa portuguesa.

A decisão do monarca português, quanto a esta questão de Castela, foi ponderada, como sempre eram. D. Afonso V pensou seriamente nos riscos e nas oportunidades envolvidos, e convocou o seu Conselho, como era de lei, «pera que foram ally juntos com El Rey e com o Pryncipe, todollos grandes e pryncipaaes do Reyno»,¹³⁷ para tomar uma decisão quanto à questão de Castela. Neste Conselho Régio formaram-se dois grupos: os nobres que aconselhavam o monarca a não entrar em Castela, como o arcebispo de Lisboa e o duque de Guimarães, defendiam que «El Rey em tempos de tanta devisam, e com tamanho poder contrairo como tynha, nom devia entrar em Castela nem aceitar a empresa dela e leixalla aos naturaaes que a quisessem favorecer e suster»¹³⁸; e um outro grupo do qual fazia parte o príncipe D. João, que entendia toda esta questão como uma oportunidade de unir as duas coroas: «e o Pryncepe desejando que El Rey seu padre com esperança de acrescentar seus Reynos de Portugal, aceitasse, e nom se escusasse do casamento e empresa de Castela, tinha suas fallas e maneyras com esses pryncipaaes, a que revelava seu desejo, com que os comovia, pera que conselhassem El Rey seu Padre, e o esforçassem pera ysso»¹³⁹. Paz Romero Portilla relembra que o príncipe D. João para além de querer unir as duas coroas, via neste projeto uma forma de fortalecer a monarquia: «Entre los diversos motivos que inclinaron al príncipe a tomar tal decisión estuvieron sin duda sus relaciones con la Casa de Bragança, poderosa y engrandecida durante el reinado de Alfonso V, y que se oponía al proyecto de invasión del reino vecino, no olvidemos que Isabel de Castilla era hija de una Bragança. Por lo que el príncipe Juan que trataba de

¹³⁷ PINA, Rui de - *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 537.

¹³⁸ Idem, *Ibidem*, p. 538.

¹³⁹ Idem, *Ibidem*, pp.537-538.

conseguir el dominio sobre las grandes casas nobiliarias, entendió que era mejor apoyar el proyecto de su padre don Alfonso y fortalecer la monarquía.»¹⁴⁰

D. Afonso V decide então enviar a Castela o seu embaixador, Lopo de Albuquerque, para averiguar quantos nobres castelhanos o apoiariam se este entrasse em Castela¹⁴¹. A resposta parece ter agradado ao rei¹⁴², que finalmente decide «aceitar como aceitou a empresa e sem escusa entrar em Castela»¹⁴³ para intervir na questão sucessória do reino vizinho, com a justificação de defender os direitos da sua sobrinha, e futura esposa, ao trono de Castela. Esta decisão do monarca leva-o a convocar de novo o Conselho Régio para discutir medidas¹⁴⁴ a fim de defender a fronteira portuguesa, uma vez que estava também em causa a possibilidade de D. Isabel e Fernando de Aragão invadirem Portugal.

Tudo isto implicava elevadíssimos custos, e como tal foi necessário reunir as Cortes, em Fevereiro de 1475, em Évora, onde ficou decidida a intervenção portuguesa na política castelhana, bem como que o reino contribuiria com um empréstimo para as despesas da guerra com Castela¹⁴⁵.

De seguida, o monarca português, ciente do apoio que tinha de muitos nobres castelhanos, envia o seu embaixador, Rui de Sousa, até Castela, para informar Isabel e Fernando de Aragão de que, depois de casar com D. Juana, o reino de Castela seria seu

¹⁴⁰ ROMERO PORTILLA, Paz – *Dos monarquías medievales ante la modernidade. Relaciones entre Portugal e Castilla*. Coruña: Universidade da Coruña, 1999, p. 140.

¹⁴¹ PINA, Rui de - *Chronica de El Rey D. Affonso V...*, p.538.

¹⁴² Em Janeiro de 1475, Lopo de Albuquerque chega a Évora com «autentycas certydooes e promessas de [D. Afonso V] casando com ella o servirem, e obedecerem como a proprio Rey de Castela», PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V...* Tomo I, p. 538.

¹⁴³ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 539.

¹⁴⁴ O secretário Álvaro Lopes de Chaves registou assim diversos pareceres «acerqua das cousas de que sora o dito senhor loguo deuisse de fornecer e prover assj pera sua ida a Castella se ouuer de ser como pera deffensão e boa guarda e reparo [sic] de seus Rejnos em caso que elle lá non haja de hir». CHAVES, Álvaro Lopes de – *Livro de apontamentos (1438-1489). Códice 443 da colecção pombalina da B.N.L.* Introdução e transcrição de Anastácia Mestrinho Salgado e Abílio José Salgado. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983, pp. 52-61.

¹⁴⁵ Ver. GONÇALVES, Iria – “O empréstimo concedido a D. Afonso V nos anos de 1475 e 1476 pelo almoxarifado de Évora”. *Cadernos de ciência e técnica fiscal*. Lisboa: Centro de estudos fiscais da direcção-geral das contribuições e impostos/ Ministério das Finanças, 1964.

por direito¹⁴⁶. D. Isabel e Fernando de Aragão manifestaram, como era de prever, uma opinião diferente e aconselharam o rei português a não tomar atitudes precipitadas¹⁴⁷.

Após ter tomado as devidas diligências, Afonso V preparava-se agora para reclamar os seus direitos em Castela.

1.2. A campanha militar em Castela e a derrota de Toro.

A 25 de Abril de 1475, D. Afonso V nomeia o príncipe João como «governador, regedor e defensor dos Regnos e senhorios de Portugal»¹⁴⁸. D. João fica assim encarregado de governar e defender o reino durante a ausência de D. Afonso V, bem como «dar e fazer merce de dinheiro, terras, castellos, offícios, benefícios, e quaesquer outras cousas, assi eclesiásticas, quomo seculares, quomo ho elle mesmo por sim poderia fazer»¹⁴⁹ - Regente, portanto. No dia 12 de Maio, D. Afonso V designava, em testamento, o príncipe D. João como seu herdeiro¹⁵⁰.

Em Maio, o rei decide reunir o exército, constituído por 5600 cavaleiros e 14000 peões «todos bem armados e encavalgados e provydos d'artelharias, armas e tendas e de todo ho mais que pera guerra pertencia»¹⁵¹, e dirige-se para Arronches, onde começa a preparar a sua entrada no reino de Castela.

Após ter reafirmado a entrega da regência do reino ao príncipe D. João que ficava agora responsável por «defensam, governo, e regimento destes Regnos»¹⁵², Afonso V entra finalmente em Castela, onde já se encontrava D. Juana.

A 30 de Maio de 1475, encontrando-se em Plasencia, D. Afonso V casa-se com D. Juana¹⁵³. Todavia, este casamento corria o risco de ser anulado, uma vez que o papa

¹⁴⁶ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 539.

¹⁴⁷ MORENO, Humberto Baquero – *Os confrontos fronteiriços entre D. Afonso V e os reis católicos*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1993. Separata de: Revista da Faculdade de Letras: História, série II, vol. 10, 1993. p. 17.

¹⁴⁸ GÓIS, Damião de - *Chronica do Príncipe Dom Ioam...*pp. 112-113.

¹⁴⁹ Idem, *Ibidem* pp. 114-115.

¹⁵⁰ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*p. 263.

¹⁵¹ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 541.

¹⁵² GÓIS, Damião de - *Chronica do Príncipe Dom Ioam...*p. 115.

¹⁵³ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*p. 265.

não tinha ainda concedido a dispensa matrimonial necessária para que o mesmo fosse válido, já que se tratava de um matrimónio entre tio e sobrinha¹⁵⁴. Não obstante, o monarca começa a intitular-se “rei de Castela, de Leão, de Portugal, de Toledo, da Galiza, de Sevilha, de Córdoba, de Múrcia, de Jáen, dos Algarves de aquém e além-mar em África, de Gibraltar, de Algeciras, Senhor da Biscaia e de Molina”¹⁵⁵, e rapidamente manda cunhar moeda com as armas de Castela, Leão e Portugal. Nesta altura, D. Juana assina também o *Manifesto* da sua realeza onde justifica a sua legitimidade¹⁵⁶. D. Afonso V tinha agora ‘somente’ que ganhar a guerra e assegurar o trono de Castela, tarefa que se iria revelar árdua e, no limite, impossível.

Entretanto, D. Isabel e D. Fernando de Aragão, perante a presença militar do rei português em Castela, começam a tomar decisões com consequências em Portugal com a intenção de enfraquecer o exército de D. Afonso V¹⁵⁷. A 10 de Abril de 1476, D. Fernando de Aragão concede a Rodrigo Cortês, habitante de Ávila, o castelo e a cidade de Almeida, quando esta fosse conquistada¹⁵⁸. A 20 de Junho, D. Isabel começa a prometer cidades, vilas e castelos a quem os conquistasse em Portugal. Inicia-se assim uma política de ambas as partes de “prometer o que não tinham e de dar o que ainda não lhes pertencia”¹⁵⁹. No mesmo dia, ordena que se «faga la dicha guerra al dicho reyno de Portugal, a fuego e a sangre, entrando en el dicho reyno de Portugal e tomando e devastando e destruyendo qualesquier villas e logares»¹⁶⁰. D. Isabel vai, nesta altura, multiplicar os esforços para enfraquecer os nobres castelhanos que apoiavam D. Juana e D. Afonso V, mandando confiscar os bens dos partidários da causa do monarca português¹⁶¹. Após o casamento de Afonso e Juana em Placência, Isabel e Fernando começam a intitular-se “Reis de Portugal”, reivindicando os mares da Guiné¹⁶².

¹⁵⁴ D. Afonso V tinha a esperança de conseguir a dispensa matrimonial.

¹⁵⁵ MENDONÇA, Manuela – *O sonho da União Ibérica*...p.52.

¹⁵⁶ SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis – *Isabel I, Reina*... p. 130.

¹⁵⁷ MORENO, Humberto Baquero – *Os confrontos fronteiriços*...p. 18.

¹⁵⁸ LA TORRE, António de; SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis – *Documentos referentes ...*, pp.78-82.

¹⁵⁹ DUARTE, Luís Miguel – “1449-1495: o triunfo da pólvora” ... p. 374.

¹⁶⁰ LA TORRE, António de; SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis – *Documentos referentes*...p. 86.

¹⁶¹ BAQUERO MORENO, Humberto – *Os confrontos fronteiriços*...p. 20.

¹⁶² COSTA, António Carlos Martins – *A batalha de Toro*... p. 82.

Desta forma, a querela dinástica inicial no reino de Castela evoluiu para uma guerra civil e, com o envolvimento de D. Afonso V, converteu-se numa guerra com uma dimensão internacional¹⁶³. Louis XI, que inicialmente tinha expressado o seu apoio a D. Afonso V, afasta-se deste conflito, que nesta altura não lhe traria qualquer vantagem, como veremos mais à frente.

Com a chegada de D. Afonso V a Castela iniciam-se os conflitos armados entre os que apoiavam a causa de D. Juana e os que apoiavam a causa de D. Isabel; porém grande parte destas disputas foram inconclusivas. Segundo Maria Graça Vicente, «as forças de D. Afonso V parecem andar às voltas sem sair do mesmo sítio»¹⁶⁴.

Por sua vez, parte dos nobres castelhanos que apoiavam D. Afonso V começam a ser persuadidos pelos reis católicos, mudando de partido¹⁶⁵.

Apesar dos pedidos do marquês de Vilhena para que o rei português se dirija a Madrid, este permanece sobretudo junto da fronteira portuguesa, uma vez que, se Afonso V avançasse para o interior de Castela, teria de deixar as praças já conquistadas desguarnecidas¹⁶⁶.

Entretanto, o exército dos “reis católicos” consegue apoderar-se de Zamora, D. Afonso V é obrigado a retirar-se para Toro e pedir auxílio ao príncipe D. João: «El Rey (...) deseioso de ver o Pryncepe seu filho, e ter com elle conselho sobre cousas que em tantas necessidades a seu Estado e honra compriam, lhe escreveo, que logo o fosse ver a Çamora.»¹⁶⁷.

A 25 de Janeiro, o príncipe D. João deixa a regência do reino a D. Leonor, sua mulher, e parte para Castela¹⁶⁸. A 14 de Fevereiro, entra em Toro acompanhado de 2000 cavaleiros e 8000 peões¹⁶⁹. Reanima-se assim a esperança do monarca português

¹⁶³ DUARTE, Luís Miguel – “1449-1495: o triunfo da pólvora” ...p. 374.

¹⁶⁴ VICENTE, Maria Graça – *A viagem de D. Afonso V a França*. In *Iacobus: revista de estudos jacobeos y medievales*. Nº29-30, 2011, p. 127.

¹⁶⁵ Foi o caso do Duque de Arévalo, do Mestre de Calatrava, do Conde de Urenha, entre outros. In COSTA, António Carlos Martins – *A batalha de Toro*...p. 82.

¹⁶⁶ VICENTE, Maria Graça – *A viagem de D. Afonso V a França*...p. 127.

¹⁶⁷ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V*. Tomo I, p. 550.

¹⁶⁸ *Livro dos pregos: estudo introdutório, transcrição paleográfica, sumários e índices*. (coord.) Inês Morais Viegas, Marta Gomes. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2016. p. 535.

¹⁶⁹ FONSECA, Luís Adão da - *D. João II*. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2005, p. 38.

que, por esta altura, tinha já sido abandonado pela maior parte dos nobres castelhanos que inicialmente o apoiavam¹⁷⁰.

Em Fevereiro, D. Afonso V, vendo o exército português reforçado com as tropas trazidas por D. João, decide cercar Zamora, mas sem êxito. O monarca levanta o arraial e regressa à cidade de Toro. Contudo, as tropas de D. Fernando perseguem o exército português, e a 1 de Março de 1476 dá-se a batalha de Toro.

O resultado desta batalha vai alterar o rumo dos acontecimentos que pareciam estar bem encaminhados na perspectiva otimista do monarca português.

A partir deste momento, Afonso V parece tomar consciência de que a obtenção do trono de Castela será difícil de alcançar. Segundo Dias Dinis «...dominava-o uma esperança que ultrapassava, às vezes, as raias da sensatez, ou então desespero compreensível em quem, conhecendo de perto e perfeitamente o condicionalismo político da Península, via afundar-se nele a própria pátria»¹⁷¹. O rei português vai então procurar a ajuda de um aliado cujo auxílio militar lhe permita derrotar os “reis católicos”.

¹⁷⁰ COSTA, António Carlos Martins – *A batalha de Toro...* p. 82.

¹⁷¹ DINIS, António Joaquim Dias. *Dois embaixadores de el-Rei D. Afonso V. Cadernos Históricos 1*. Braga: Editora Franciscana, 1955, pp. 56-57.

2. Ao mesmo tempo, em França...

A viagem do monarca português, bem como o seu verdadeiro ou suposto fracasso, só podem ser compreendidos em todo o seu alcance se recuarmos um pouco, para vermos de mais longe e de uma diferente perspetiva a Península Ibérica, o ducado da Borgonha e, evidentemente, o reino de França. Lembremos apenas o essencial.

Nos finais do século XIV, inícios do século XV, o reino francês encontra-se em guerra com os ingleses: uma simples querela feudal deu início à “Guerra dos Cem Anos”. Este conflito deu ainda origem a pequenas ‘guerras’ entre a coroa e os senhores feudais, como o caso da Borgonha e da Bretanha, algo de que falaremos mais à frente neste trabalho.

Charles VII, o “Vitorioso”, filho de Charles VI e de Isabel da Baviera, renovou as esperanças do território francês, numa altura em que o mesmo parecia estar condenado à derrota na “Guerra dos Cem Anos”. Em 1418, após ter sido obrigado a assumir a regência do reino devido à incapacidade do pai para governar, Charles VII vê-se obrigado a encontrar refúgio em Bourges,¹⁷² devido ao avanço dos borgonheses sobre Paris.

Em 1420 é assinado o Tratado de Troyes, através do qual Charles VI entregou o reino a Henry V de Inglaterra e aos seus sucessores¹⁷³. É em plena “Guerra dos Cem Anos” que nasce Louis de Valois, futuro Louis XI, filho de Charles VII e Marie de Anjou.

Em 1422, após a morte de Henry V de Inglaterra e de Charles VI,¹⁷⁴ as coroas de Inglaterra e de França passam para o filho de Henry V e Catarina de Valois, que na altura tinha apenas dois anos de idade. Aproveitando a situação, Charles VII faz-se coroar rei de França na Catedral de Bourges¹⁷⁵.

¹⁷² Capital do ducado de Berry.

¹⁷³ VALE, M.G.A – *Charles VII*. California: University of California Press, 1974, p. 44.

¹⁷⁴ DUBY, Georges (dir) – *Histoire de la France des origines à nos jours*. Paris: Larousse, 1999. p.1136.

¹⁷⁵ Idem, *Ibidem*, p. 1136.

Iniciava-se assim uma nova fase na “Guerra dos Cem Anos”. Em 1429 o monarca passa a contar com o apoio de Jeanne d’Arc¹⁷⁶ que, à frente do exército, conseguiu levantar o cerco de Orléans¹⁷⁷. Meses mais tarde, Charles VII é coroado rei de França na catedral de Reims. Em 1435, foi assinado o Tratado de Arras,¹⁷⁸ no qual o ducado da Borgonha se declara neutro na “Guerra dos Cem Anos”, o que fez com que a Inglaterra perdesse o seu aliado mais forte. Em 1436, Charles VII determina o casamento do delfim Louis com Margaret da Escócia, com o objetivo de solidificar a aliança entre França e a Escócia¹⁷⁹. No mesmo ano, Charles VII reconquista Paris e gradualmente começa a recuperar terras aos ingleses¹⁸⁰.

Enquanto monarca, Charles VII tomou várias medidas destinadas a fortalecer o seu poder face à nobreza e à Igreja, como a criação de um exército permanente (costuma considerar-se o primeiro exército permanente europeu) à disposição do rei,¹⁸¹ as célebres Companhias de Ordenanças, e o direito de nomeação dos principais cargos eclesiásticos. Todavia, os duques da Bretanha, de Alençon, de Anjou e de Bourbon ficaram descontentes com as medidas que os impediam de possuir companhias armadas, e em 1440 organizaram uma revolta com a ajuda do delfim

¹⁷⁶ BASIN, Thomas – *Histoire de Charles VII et Louis XI*. Intro. Joel Blanchard, Franck Collard et Yves Kish. Paris: Pocket, 2018, pp. 107-109.

¹⁷⁷ GAUDE, Maurielle – “Charles VII le victorieux ou le bien servi, roi de France de 1422 à 1461”, In *Dictionnaire de l’histoire de France*. (Dir.) Jean-François Sirinelli. Paris: Larousse, 2006, p. 156.

¹⁷⁸ Charles VII dispensa Philippe le Bon de lhe prestar homenagem, fortalecendo assim o poder do ducado da Borgonha.

¹⁷⁹ VALE, M.G.A. – *Charles VII ...*, p. 33.

¹⁸⁰ DUBY, Georges (dir) – *Histoire de la France des origines à nos jours...*, p.1136.

¹⁸¹ A 2 de Novembro de 1439, uma ordenança do rei afirma que o mesmo tem o direito a convocar o exército, e os soldados passam a ter um salário. Desta forma, o exército passa para o controle total do rei. «Premierement: Pour ce que grand multitude de Capitaines se sont mis sus de leur auctorité & ont assemblé grand nombre de gens d’armes & de traict sans congé & licence du Roy, dont grand maux & inconveniens sont advenus, de Roy voulant bon ordre & discipline estre mises au fait de la guerre, & restraindre telles voyes, a ordonné que certain nombre de Capitaines de gens d’armes & de traict, sera ordonné pour la conduite de la guerre, lesquels Capitaines seront nommez & esleuz par le Roy, prudens & sages gens;& à chacun Capitaine sera baillé certain nombre de gens qui par luy seront esleuz de fait ou Office de Capitaine de gens d’armes & de guerre; & leur deffend de plus eux nommer ne porter le nom de Capitaines, sur les peines cy-après declarées.» in VILEVAULT, M.; BRÉQUIGNY, M.- *Ordonnances des rois de France de la troisième race*. Treizième volume, *Contenant les ordonnances depuis le commencement du règne de Charles VII, jusques et compris l’année 1447*. Paris: Imprimerie royale, 1782, p. 306.

Louis¹⁸². A revolta, que ficou conhecida como a «Praguerie»¹⁸³, foi rapidamente dominada, uma vez que a maior parte da nobreza permaneceu fiel ao monarca. O delfim Louis vê-se obrigado a refugiar-se na província do Dauphiné¹⁸⁴. Mais tarde, Charles VII concede-lhe o perdão pela revolta, permitindo-lhe regressar à corte.

As tréguas com a Borgonha, e as medidas tomadas por Charles VII permitiram o fortalecimento do reino, algo que se fez notar com as várias vitórias frente aos ingleses, bem como com a conquista de diversos territórios como a Normandie e Bordeaux, coração da Aquitânia. Apesar de não ter sido assinado qualquer tratado de paz, os ingleses passam a ter apenas o controlo sobre Calais, o que faz adivinhar o fim da “Guerra dos Cem Anos”. O fracasso da revolta da «Praguerie» permitiu a Charles VII ter domínio sobre os senhores feudais que tentaram destituir o monarca.¹⁸⁵

Em 1451, o delfim Louis, que ficara viúvo em 1445, casa-se com Charlotte de Savoie, filha do duque Louis I. O duque da Saboia e o futuro Louis XI celebram assim uma aliança através da qual prometem ajudar-se mutuamente contra a corte de Charles VII, uma vez que a mesma era composta por inimigos do delfim.¹⁸⁶ Charles VII, que tinha pensado em casar o filho com uma princesa portuguesa, não fica contente com este casamento, uma vez que a aliança com os cantões suíços significava um perigo para o reino.¹⁸⁷

Em 1456, Charles VII viu-se novamente vítima de uma conspiração organizada pelo delfim Louis com a ajuda de alguns nobres. Desta vez, Louis foi obrigado a fugir e a procurar refúgio na Borgonha, governada por Philippe, le Bon.

Em 22 de Julho de 1461, Charles VII morre em Mehun-sur-Yevre, e o delfim Louis vê finalmente concretizado o seu sonho de chegar ao trono, como Louis XI.

¹⁸² FAVIER, Jean – *Louis XI*. Paris: Éditions Fayard, 2001, p. 84.

¹⁸³ A revolta teve o nome de *Praguerie* em alusão aos conflitos que aconteceram pela mesma altura em Praga e em outros lugares da Boémia.

¹⁸⁴ VALE, M.G.A. - *Charles VII...*, p. 81.

¹⁸⁵ GAUDE, Maurielle – *Charles VII le victorieux ou le bien servi, roi de France de 1422 à 1461...*, p. 157.

¹⁸⁶ FAVIER, Jean – *Louis XI...*, p. 135.

¹⁸⁷ Idem, *Ibidem*, p. 137.

2.1. Louis XI visto pelos historiadores

O reinado de Louis XI foi um dos mais importantes para a História de França, sendo considerado por muitos como o primeiro rei moderno. Outros preferem descrevê-lo como um rei tirano de uma ‘Idade Média das trevas’. Estes pontos de vista opostos contribuíram para a sua reputação de «roi entre deux mondes»¹⁸⁸.

Apesar de o historiador ter o dever de ajudar a compreender o passado histórico e não de o julgar, não foi isso que aconteceu com a imagem de Louis XI, que ao longo dos séculos foi vítima de vários mitos e lendas que os historiadores tornaram ‘verdades históricas’.

O «mito e a lenda»¹⁸⁹ de Louis XI começam a ser concebidos ainda no século XV pelos seus contemporâneos. Thomas Basin, autor da *Histoire de Charles VII et Louis XI*,¹⁹⁰ tece duras críticas a Louis XI, comparando o monarca aos tiranos da Antiguidade¹⁹¹, e afirma: «Si une personne ignorant qui il était l’avait rencontré, elle aurait pu le prendre plutôt pour un bouffon, un ivrogne, quelqu’un de vile condition que pour un roi ou un homme de quelque dignité.»¹⁹² Basin, enquanto bispo de Lisieux, não gostou das medidas tomadas por Louis XI para obter a obediência dos bispos, e por isso promoveu a imagem de um rei cruel, supersticioso, que não era hábil na arte da guerra. Por sua vez Philippe de Commines, cronista real, é naturalmente o único que descreve o monarca como alguém simples e devoto, um rei sábio e diplomata, e afirma: «En luy et tous aultres princes que j’ay congneuz ou servis, ay congneuz du bien et du mal, car ilz sont hommes comme nous: a Dieu seul appartient

¹⁸⁸ GAUSSIN, Pierre-Roger – *Louis XI: um roi entre deux mondes*. Paris: A. G. Nizet, 1988.

¹⁸⁹ SCORDIA, Lydwine - *Louis XI Mythes et réalités*. Paris : Ellipses édition, 2015.

¹⁹⁰ BASIN, Thomas – *Histoire de Charles VII et Louis XI*. Intro. Joel Blanchard, Franck Collard et Yves Kish. Paris: Pocket, 2018.

¹⁹¹ Ao longo da sua obra, Thomas Basin compara Louis XI a Fálaris de Agrigento, Dionísio de Siracusa e Nero. In BASIN, Thomas – *Histoire de Charles VII et Louis XI*. Intro. Joel Blanchard, Franck Collard et Yves Kish. Paris: Pocket, 2018.

¹⁹² BASIN, Thomas – *Histoire de Charles VII et Louis XI...*, p. 816. Deve ler-se: «Se uma pessoa não soubesse quem ele era, o tivesse conhecido, poderia considerá-lo mais um bufão, um bêbado, alguém de baixa classe do que um rei ou um homem de alguma dignidade».

la perfection»¹⁹³. Os historiadores do século XV propagaram assim para os séculos seguintes a imagem de um monarca tirano, que teve um reinado marcado pelos conflitos com os príncipes do seu tempo.

No século XIX, vários foram os escritores que se interessaram pelo reinado de Louis XI, cuja reputação de rei cruel, maquiavélico, supersticioso, que reinou numa Idade Média das trevas contribuiu para uma nova imagem romântica deste monarca.¹⁹⁴ Walter Scott¹⁹⁵, Victor Hugo¹⁹⁶, Alexandre Dumas¹⁹⁷, entre outros, descrevem nas suas obras um Louis XI tirano e supersticioso que vivia num tempo gótico e bárbaro.

Michelet, na sua *Histoire de France*,¹⁹⁸ considera Louis XI um monarca moderno que se apoiou na burguesia para assegurar uma unidade nacional. Os escritores modernos tiveram a consciência de que o reinado de Louis XI foi um período de transição para uma Idade Moderna, e também uma época de declínio dos valores feudais presentes na Idade Média. É necessário perceber que várias das características atribuídas a Louis XI refletem sobretudo os ideais e a época na qual os historiadores descrevem o monarca, e não o período em que este realmente viveu e reinou.

Durante o século XX dá-se uma nova mudança na visão do reinado de Louis XI. Os historiadores passam a exaltar as características positivas do monarca, relativizando os seus defeitos.

Em 1461, quando Louis XI chega ao trono, o reino francês encontrava-se da seguinte forma: Charles VII tinha conseguido recuperar os territórios perdidos durante a “Guerra dos Cem Anos”; os ingleses apenas ocupavam Calais. O território francês era constituído pela Île-de-France, Paris, a Normandia, Berry, o Orléonais, a Champagne, a

¹⁹³ COMMYNES, Philippe – *Mémoires*. Tomo I. Paris: Société de l’Histoire de France, 1840, p. 2 («Nele e em todos os outros príncipes que servi, conheci o bem e o mal, porque são homens como nós: só a Deus pertence a perfeição»).

¹⁹⁴ DURAND-LE GUERN, Isabelle – Louis XI entre mythe et histoire. *Cahiers de Recherches Médiévales et Humanistes*, nº 11, 2004, p. 31.

¹⁹⁵ SCOTT, Walter – *Quentin Duward*. Oxford: Oxford University Press, 1922.

¹⁹⁶ HUGO, Victor – *Notre-Dame de Paris*. Paris: Gallimard, 2019.

¹⁹⁷ DUMAS, Alexandre – *Charles le Téméraire*. Paris: Lévy, 1871.

¹⁹⁸ MICHELET, Jules - *Histoire de France. Louis XI*. Tomo VI. Paris: Des Equateurs Eds., 2014.

Touraine, Poitou, a Saintonge, a Guyenne, o Languedoc, a Auvergne, o Lyonnais e o Dauphiné¹⁹⁹.

No entanto, o domínio real continuava a estar cercado por ducados governados por príncipes sobre os quais o monarca não tinha qualquer controlo. O território de Anjou, a Provence e o Maine pertenciam ao rei René. A casa de Orléans controlava os ducados de Orléans²⁰⁰. A casa de Bourbon possuía os ducados de Bourbon e de Auvergne²⁰¹. A casa de Alençon possuía o ducado com o mesmo nome²⁰². Os condes de Foix possuíam os condados de Bigorre, Narbonne e de Foix. Os duques de Armagnac eram senhores dos ducados de Fezensac, de Isle-Jourdain, de Rodez e claro de Armagnac. A casa de Luxembourg possuía o ducado de Luxembourg²⁰³. Apesar de Louis XI ter um exército permanente, algo organizado por Charles VII, estes senhores feudais representavam um perigo evidente para a monarquia. No entanto, de todas aquelas casas feudais, apenas duas possuíam autonomia e representavam um verdadeiro perigo para a causa real: o ducado da Bretagne e o ducado da Bourgogne, uma vez que cercavam a leste e a oeste o território francês. Segundo George Bordonove, «Le domaine royal était comme pris entre les mâchoires d'une tenaille».²⁰⁴ O feudalismo vincado que existia nesta França de Louis XI provocou vários conflitos entre o monarca e as restantes casas feudais: «C'est contre cette seconde forme de la féodalité que lutta victorieusement Louis XI; surtout contre la plus menaçante des maisons apanagées, la maison de Bourgogne.»²⁰⁵.

¹⁹⁹ BORDONOVE, George – *Les rois qui ont fait la France. Louis XI le diplomate*. Paris: Éditions Pygmalion, 1986, p. 71.

²⁰⁰ Mas também os ducados de Valois, Blois, Beaumont-sur-Oise, Soissons e Romorantin, bem como, Angoulême, Dunois e Longueville.

²⁰¹ Assim como os condados de Clermont-en-Beauvais, de Forez e de Beaujolais, e o senhorio de Château-Chinon.

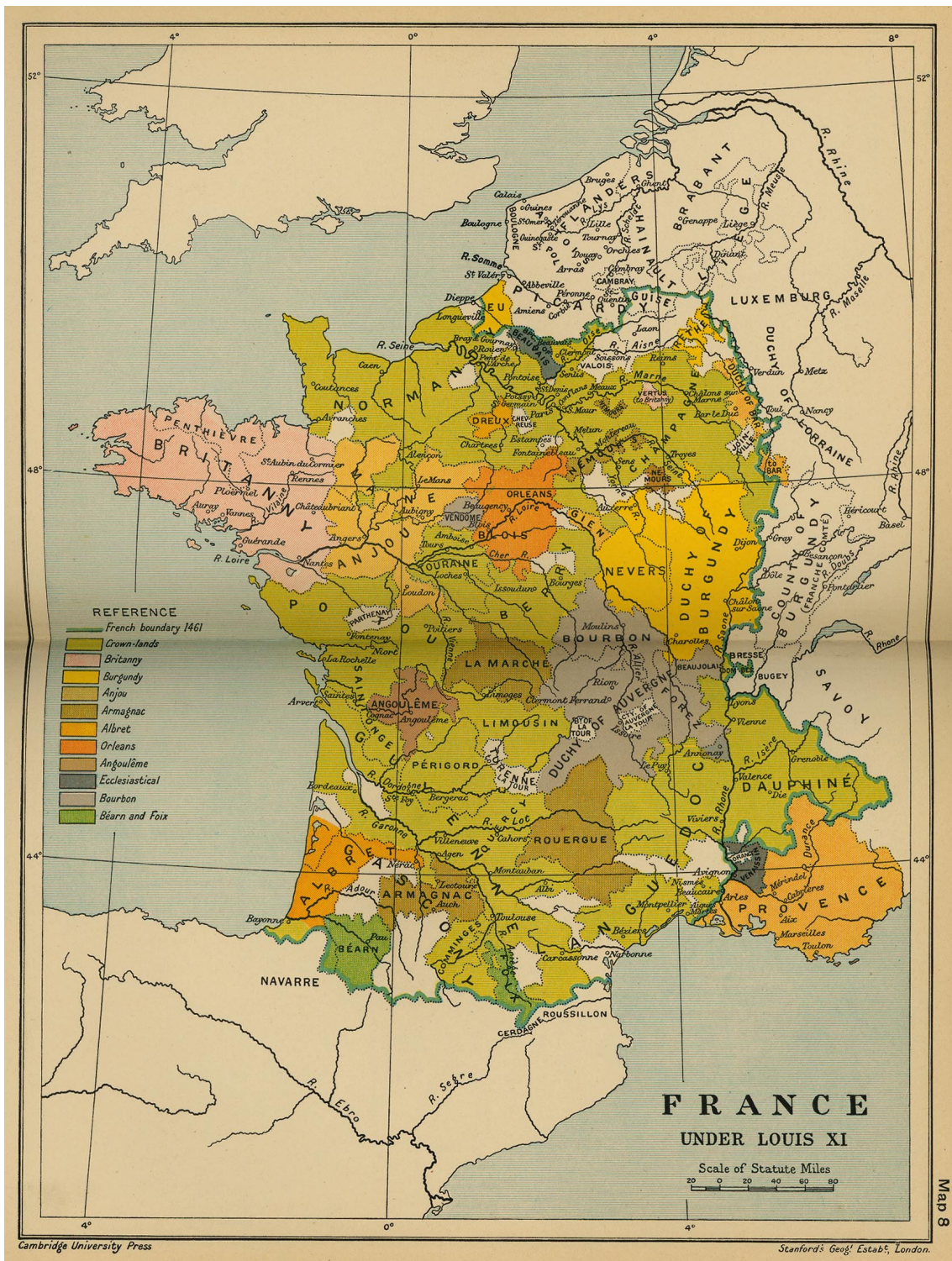
²⁰² E controlava igualmente Perche e Beaumont-sur-Sarthe.

²⁰³ E os condados de Saint-Pol, de Soissons e de Ligny.

²⁰⁴ Idem, *Ibidem*, p. 72. Deve ler-se «Era como se o domínio real estivesse preso entre as mandíbulas de uma tenaz».

²⁰⁵ LAFITTE, Pierre – Louis XI. *Appréciation systématique du rôle de Louis XI dans l'évolution de la France et dans celle de la civilisation occidentale*. Conférence donnée le 30 août 1883. Paris, 1883, p.20. Na nossa tradução :« Foi contra essa segunda forma de feudalismo que Luís XI lutou vitoriosamente ; especialmente contra a mais ameaçadora das casas particulares, a casa da Borgonha. ».

Figura 1- Ducados controlados pelos príncipes e o território sob o domínio real aquando da chegada de Louis XI ao trono de França.



Fonte: The Cambridge Modern History Atlas. Ed. WARD, A. W; PROTHERO, G. W; LEATHES, Stanley. Cambridge: University Press, 1912, map 8.

O novo monarca rapidamente se tentou impor e, mal chegou ao trono, expulsou vários conselheiros e apoiantes de Charles VII ²⁰⁶.

2.2. “Le savoir faire diplomatique” de Louis XI

Louis XI estava igualmente desejoso de conquistas: tanto internas, uma vez que procurava uma unidade nacional à custa dos príncipes feudais, como externas, tendo a ambição de alargar as fronteiras do reino. O rei francês vê em Aragão uma oportunidade para ampliar o seu território, uma vez que «...la coyuntura política catalana, surgida alrededor de la detención del príncipe de Viana en Lérida fue adquiriendo, en el transcurso del año 1461, un cariz cada vez más alarmante para los intereses de la monarquía [aragonesa]»²⁰⁷.

Nesta altura os Estados da Coroa de Aragão incluíam, como sabemos, além do reino de Aragão, o reino de Valência, o reino da Sardenha, o reino de Maiorca, as ilhas Baleares, o principado da Catalunha, bem como os condados do Rossilhão e da Cerdanha.²⁰⁸

Em Setembro de 1461, a morte de Carlos de Viana²⁰⁹ fez desenrolar uma rebelião entre os apoiantes de Juan II de Aragão²¹⁰ e as gentes de Barcelona que pretendiam tornar-se independentes. Louis XI aproveita a situação para oferecer auxílio e proteção aos estados da Catalunha: «Touchant le tiers point, nous, pour la grande loyauté que vous avez eue à nostre dit cousin, et aussi sediz subgiez, et, en faveur des services que vous et eulx lui avez faiz en son vivant, avons, vous et eulx, en singulière recommandation et aussi prenons et recevons vous et eulx en nostre

²⁰⁶ HEERS, Jacques – *Louis XI*. Paris : Perrin, 2003, p. 55.

²⁰⁷ VICENS VIVES, J. – *Juan II de Aragón (1398-1479). Monarquía y revolución en la España del siglo XV*. Barcelona: Editorial Teide, 1953, p. 243.

²⁰⁸ SABLON DU CORAIL, Amable – *Louis XI ou le jouer inquiet*. Paris: Belin, 2015, p. 107.

²⁰⁹ Carlos de Viana, filho de Juan II de Aragão e Branca de Navarra, governou a Catalunha em 1461.

²¹⁰ Para saber mais sobre Juan II: VICENS VIVES, J. – *Juan II de Aragón (1398-1479) ...*

espéciale protection, vous signiffiant que nostre entencion si est de vous et eulx aider, secourir et défendre envers tous et contre tous»²¹¹.

O monarca francês estabelece igualmente uma aliança²¹² com Enrique IV de Castela, que pretende continuar a fomentar desavenças e «mantener viva la discordia interna en la corona de Aragón»²¹³. Por sua vez, Louis XI deseja obter o controlo de Navarra e conquistar o Rossilhão como forma de expandir a sua zona de influência pela Catalunha.

Segundo Luís Adão da Fonseca, «Juan II se encuentra em uma situación muy difícil, arrinconado entre el conflicto navarro, la rivalidade com Castilla, la amenaza francesa y las sublevaciones en Catalunã»²¹⁴. No entanto, a situação rapidamente se altera: os catalães recusam a ajuda do monarca francês «et ne payèrent son chargé de mission que de belles paroles, peu soucieux de tomber dans une mouvance française qui, em dépit de forts engagements, menaçait leurs libertés.»²¹⁵.

A recusa de auxílio e proteção por parte dos catalães foi aproveitada por Juan II, que solicita por sua vez ajuda a Louis XI. O monarca francês, enquanto excelente diplomata, teve a prontidão necessária para tirar proveito desta nova situação e inicia negociações com Juan II. Louis XI negocea ao mesmo tempo um acordo com Gaston IV de Foix, no qual se decide que todos os domínios deste conde, incluindo Navarra, seriam integrados no reino francês, uma vez que Gaston IV prestaria vassalagem ao monarca. Por sua vez, o filho de Gaston IV casaria com Magdalena, irmã de Louis XI²¹⁶.

²¹¹ *Lettres de Louis XI, roi de France*. (Ed.) Joseph Vaësen; Étienne Charavay. Paris: Société de l'Histoire de France, 1885, Tomo II, p. 19. Na nossa tradução: «No terceiro ponto, nós, pela grande lealdade que tiveram para com o nosso dito primo, e também vosso vassalo e em favor dos serviços prestados durante a sua vida, queremos receber-vos e a eles em nossa especial proteção, mostrando que a nossa intenção é a de vos ajudar, socorrer e defender contra tudo e contra todos».

²¹² Aliança confirmada por Enrique IV em 16 de março de 1462.

²¹³ FONSECA, Luís Adão – “La época de Enrique IV de Castilla y Juan II de Aragón”. In *Historia general de Espanã y America*. Tomo V. Madrid: Ediciones Rialp, 1982, p. 415.

²¹⁴ FONSECA, Luís Adão – “La época de Enrique IV...” , p. 415.

²¹⁵ HEERS, Jacques – *Louis XI...*, p. 58.

²¹⁶ CALMETTE, Joseph – *Louis XI, Jean II et la révolution catalane (1461-1473)*. Toulouse: E. Privat, 1903, p. 65.

Em Fevereiro de 1462, Juan II assina o Tratado de Olite com Gaston IV de Foix e Louis XI, no qual reconhece o conde de Foix²¹⁷ como herdeiro e seu sucessor do reino de Navarra, em vez de D. Blanca²¹⁸. Louis XI prometia enviar as tropas necessárias para ajudar Juan II a recuperar o território agora ocupado pelas forças castelhanas.²¹⁹

Porém, em finais de Abril, a situação na Catalunha complica-se²²⁰, e Juan II vê-se obrigado a pedir novamente apoio a Louis XI. A 3 de Maio, assina-se o Tratado de Salvaterra, no qual ambos os monarcas reafirmam o combinado no Tratado de Olite, bem como várias outras cláusulas: «1° Juan II et Louis XI seront désormais amis et alliés; ils se soutiendront mutuellement dans la défense de leurs vies, de leurs couronnes et de leurs États; 2° Au cas où l'un des confédérés serait l'objet d'une attaque de la part d'un adversaire quelconque, le second devra le secourir par tous les moyens possibles et de toutes ses forces; 3° Si l'un des confédérés a besoin pour sa défense d'hommes d'armes, archers, cavaliers ou gens de pied, le second sera tenu de les lui fournir, jusqu'à concurrence de cinq cents lances. Mais, avant que ces troupes aient passé la frontière, celui des deux qui les aura réclamées devra avoir payé leur solde calculée d'après la coutume de leur nation pour tout le temps qu'aura été requis leur service; 4° Sont exceptés des souverains contre qui peuvent être utilisés les secours, les alliés des deux rois: pour l'un et l'autre, le pape; pour Louis XI, Henri IV de Castille, le roi René de Sicile et son fils le duc de Calabre; pour D. Juan II, Alphonse de Portugal, Fernand de Naples et Francisco Sforza, duc de Milan»²²¹.

²¹⁷ Relembro que Gaston IV de Foix era casado com D. Leonor, filha do rei Juan II e de Blanca de Navarra.

²¹⁸ Filha de D. Juan II e de Blanca de Navarra, irmã da Leonor citada na nota anterior.

²¹⁹ CALMETTE, Joseph – “La question du Roussillon sous Louis XI”. *Annales du Midi: revue archéologique, historique et philologique de la France méridionale*, Tomo VII, Nº28, 1895, pp. 369-439.

²²⁰ Os estados da Catalunha queriam que o património de Carlos de Viana fosse atribuído a Blanca. Ver: PASQUIER, Félix - King of France Louis XI. *Lettres De Louis XI Relatives À Sa Politique En Catalogne De 1461 À 1473*. Foix: Imprimerie Veuve Pomiès, 1895.

²²¹ Ambos os monarcas serão agora aliados; se um dos reinos estiver a ser atacado por qualquer adversário, o outro deve resgatá-lo por todos os meios possíveis; se um dos reinos precisar de homens de armas para a sua defesa, o outro será obrigado a fornecê-los até ao máximo de quinhentas lanças, mas antes de as tropas passarem a fronteira, quem quer que as reivindique deve ter pago previamente o soldo calculado de acordo com o costume da sua nação; e por último nenhum dos reinos poderia atacar os aliados do outro: por Juan II, Afonso de Portugal, Fernand de Nápoles e Francisco Sforza; por Louis XI, Enrique IV de Castela, René da Sicília e o duque da Cantábria. In CALMETTE, Joseph – *Louis XI, Jean II et la revolution catalane (1461-1473) ...*, pp. 79-80.

Contudo, o rei de Aragão não vai conseguir reunir a quantia necessária para pagar as tropas do monarca francês e é obrigado a negociar um novo acordo com Louis XI. A 9 de Maio de 1462 é assinado o Tratado de Bayonne, no qual Juan II cede finalmente os condados do Roussillon e da Cerdanha, bem como o direito de ocupar os castelos de Perpignan, de Collioure e de Bellegarde, em troca de duzentos mil florins e ajuda militar de setecentas lanças. Negocia-se igualmente o casamento entre o conde de Foix e Blanca, filha de Juan II, passando Gaston IV a ser reconhecido como herdeiro do trono de Navarra²²².

Para Luís Adão da Fonseca, «...los términos del acuerdo provocan una ola de agitación y malestar en Cataluña. Se mezclan razones de peso – la entrega a la soberanía francesa de dos regiones catalanas - con exaltaciones románticas sin ninguna vinculación directa con los intereses catalanes – los derechos preteridos de Blanca de Navarra»²²³, e como tal, a Generalidad decide eleger Enrique IV, rei de Castela, como conde de Barcelona.

Após a assinatura do Tratado de Bayonne, os acontecimentos precipitam-se: o exército francês comandado por Gaston de Foix ocupa rapidamente Perpignan²²⁴. Em Setembro de 1462, as tropas de Louis XI dirigem-se para Barcelona; todavia, essa missão foi um fracasso: «Depués de um cerco sin resultado, las fuerzas realistas, a las que mientras tanto se unió Juan II, son obligadas a retirarse»,²²⁵ uma vez que Barcelona contava com o apoio de Enrique IV de Castela²²⁶. Logo de seguida, Louis XI é obrigado a enfrentar uma revolta dos habitantes de Perpignan, que imediatamente se estendeu até ao Roussillon, algo que só termina nos inícios de 1463, com a retoma do controlo do monarca francês²²⁷. Em Janeiro de 1463, Juan II e Louis XI assinam tréguas com Enrique IV e a Catalunha²²⁸, e o monarca castelhano aproveita para fazer uma

²²² Idem, *Ibidem*, pp. 85-86.

²²³ FONSECA, Luís Adão – “La época de Enrique IV...”, pp. 416-417.

²²⁴ FAVIER, Jean – *Louis XI...*, p. 431.

²²⁵ FONSECA, Luís Adão – “La época de Enrique IV...”, p. 417.

²²⁶ É curioso, a partir dos problemas políticos dos nossos dias, observar este episódio em que o Rei de Aragão ataca Barcelona e o rei da Castela defende a cidade.

²²⁷ HEERS, Jacques - *Louis XI...*, p. 59.

²²⁸ FAVIER, Jean – *Louis XI ...*, p. 434.

proposta ao monarca francês: que o reino de Navarra fosse entregue a Gaston de Foix; o irmão de Louis XI, Charles de France governaria a Catalunha e casaria com Isabel, irmã de Enrique IV; e por sua vez o rei de Castela ficaria com várias praças em Aragão e Valência, bem como com os bens que Juan II possuía em Castela.²²⁹ No entanto, esta proposta não é aceite por Louis XI .

Em Abril, Enrique IV decide negociar um novo acordo²³⁰ com Louis XI, no qual o monarca castelhano renuncia às suas pretensões na Catalunha e em Barcelona, «...si el rey de Francia hallare manera com la cibdad de Barcelona é Principado de Cataluña que vengan á la obediência é fidelidade del dicho rey de Aragón dentro de três meses primeiros siguientes, ó aquella dentro de dicho tiempo se redujere, quel dicho rey de Aragón perdone al dicho principado é cibdad de Barcelona é singulares personas dél todas las cosas é fechos passados del mayor caso al menor inclusive, é le tornará todos los bienes inmoviles é ofícios é beneficios...; dentro del qual dicho término non se deben faser nin fagan guerra nin dapno alguno á la cibdad de Barcelona é Principado de Cataluña por el dicho rey de Aragón nin por nos [Luis XI de Francia] nin por outra persona alguna, nin asimismo por aquellos del dicho principado é cibdad de Barcelona nin por las gentes del dicho rey de Castilla...é sí dentro del dicho término la dicha cibdad de Barcelona é Principado de Cataluña non se querrán tornar á la obdiencia del dicho rey de Aragón como dicho es, que dendê adelante el dicho rey de Castilla cederá é dejará el dicho Principado de Cataluña é cibdad de Barcelona al dicho rey de Aragón».²³¹

A primeira campanha de Louis XI foi, portanto, um sucesso, tanto a nível diplomático como a nível militar, e refletia já um desejo de conquista de uma Catalunha francesa por parte do rei.

²²⁹ FONSECA, Luís Adão – “La época de Enrique IV...”, p. 422.

²³⁰ Este novo acordo vai ter o nome de *Acuerdo de Bayona*, igual ao nome do tratado assinado em 1462, e encontra-se transcrito em FONSECA, Luís Adão – “La época de Enrique IV...”, pp. 422-423.

²³¹ Idem, *Ibidem*, p. 422.

No entanto, a situação altera-se de forma drástica em 1464, com a chegada do condestável D. Pedro²³² a Barcelona, para aceitar a proposta feita pelos catalães para governar, algo que desagradava profundamente Louis XI, uma vez que via posto em perigo o tratado de Salvaterra. O monarca francês pede explicações ao rei de Portugal sobre esta atitude do condestável.²³³ D. Afonso V responde a Louis XI afirmando que nada sabia sobre a iniciativa de D. Pedro, e que, estando ambos em Ceuta, o primo decidiu partir em segredo para Barcelona sem conhecimento nem autorização do monarca português.²³⁴

Calmette defende que existiu uma certa duplicidade do rei de Portugal, que teria apoiado o primo neste seu projeto e autorizado a sua viagem para Barcelona: «Alphonse, em réalité, avait autorisé le départ de D. Pedro.»²³⁵. Já Veríssimo Serrão, entende que D. Afonso V nada beneficiaria em ajudar D. Pedro, e em colocar em causa as relações políticas com o reino francês.²³⁶

Contudo, apesar de D. Afonso V rejeitar qualquer envolvimento no projeto do primo, é impossível negar que a presença do Condestável D. Pedro como senhor da Catalunha ia permitir uma maior influência portuguesa naquela região do Mediterrâneo, algo defendido por Luís Adão da Fonseca, que afirma: «dentro de la política marroquí y mediterránea de Alfonso V, possibilita a Portugal la base de operaciones que tanto le interesa».²³⁷

D. Pedro torna-se assim, em 1464, conde de Barcelona; todavia, o seu reinado não será duradouro, uma vez que o condestável morre em 1466.

Após a morte de D. Pedro, a Catalunha vai entregar a 30 de Julho de 1466 a governação a René de Anjou. Esta situação vai rapidamente ser aproveitada por Louis

²³² Neto do conde Jaime II de Urgel, e filho do Infante D. Pedro das “sete partidas”. Ver: FONSECA, Adão da – *O Condestável D. Pedro de Portugal*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade do Porto, 1982.

²³³ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1475, p. 87.

²³⁴ Idem, *Ibidem*, p. 85.

²³⁵ CALMETTE, Joseph – *Louis XI, Jean II et la révolution catalane (1461-1473) ...*, p. 246. Na nossa tradução, «Afonso, aliás, tinha autorizado a saída de D. Pedro.»

²³⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 86.

²³⁷ FONSECA, Luís Adão – “La época de Enrique IV...” , p. 424.

XI, que fornece algumas tropas a Juan, príncipe de Gerona e filho de René de Anjou, para ajudar a combater Juan II de Aragão. Desta forma, a Catalunha fica sob o controlo de Louis XI através de um dos seus vassallos²³⁸.

O monarca francês vai do mesmo modo envolver-se na querela dinástica da Saboia, numa tentativa de ganhar poder sobre esse território. Após Philippe de Bresse ter acusado o seu pai, Louis I, de estar a preparar uma anexação da Saboia ao reino de França,²³⁹ este é obrigado a pedir apoio a Louis XI. Em 1463, o monarca francês manda prender Philippe de Bresse no castelo de Loche.²⁴⁰ Através do casamento com Charlotte, e do apoio fornecido a Louis I, o rei francês consegue assim um controlo diplomático sobre a Saboia.

Com a chegada do monarca ao trono francês, as boas relações com o ducado da Borgonha, alcançadas durante o exílio do delfim em Genappe, são depressa esquecidas. As intenções territoriais de Louis XI²⁴¹ faziam prever um conflito com Philippe, le Bon.

O Tratado de Arras de 1435 tinha estipulado a concessão das «villes de Somme»²⁴² ao duque da Borgonha, como forma de Charles VII se desculpar pela morte de Jean “Sans Peur”. Essas terras podiam voltar a pertencer ao monarca francês, mas este teria que pagar quatrocentos mil *écus*.²⁴³ Em 1463, Louis XI paga essa quantia para reaver aquelas cidades, uma vez que estas representavam uma linha de defesa natural contra o ducado da Borgonha.

Philippe, le Bon aceita de bom grado restituir as cidades do Somme a Louis XI, interessado nos quatrocentos mil *écus*. Charles de Charolais, futuro “Téméraire”, não aceita este acordo, e entra em conflito com o seu pai²⁴⁴. Desta forma, como já o tinha

²³⁸ FAVIER, Jean – *Louis XI ...*, p. 665.

²³⁹ Através do casamento entre a sua filha, Charlotte e Louis XI, rei de França.

²⁴⁰ HEERS, Jacques – *Louis XI ...*, p. 59.

²⁴¹ Louis XI pretende recuperar as terras do Somme.

²⁴² As cidades do Somme eram as seguintes: Saint-Quentin, Corbie, Amiens, Doullens, Abbeville, Montreuil, Rue, Saint-Valéry, Le Crotoy, Saint-Riquier, Crèvecœur-en-Cambrésis e Mortagne, bem como Péronne, Roye e Montdidier. HEERS, Jacques - *Louis XI...*, p. 61.

²⁴³ FAVIER, Jean – *Louis XI...*, p. 441.

²⁴⁴ HEERS, Jacques - *Louis XI...*, p. 61.

conseguido em Aragão e na Sabóia, Louis XI vai manipular os seus adversários e provocar disputas internas como forma de fortalecer o reino francês.

Entretanto, a ideia da destituição do monarca começa a ser congeminada por príncipes feudais, num território francês que Louis XI dava como assegurado.

2.3. A “guerre du Bien Public”

Para Lydwine Scordia, a “Guerra do Bem Público” constitui um dos episódios mais marcantes do reinado de Louis XI²⁴⁵. Como já foi dito, a chegada do delfim Louis ao trono de França provocou várias mudanças no reino; afirma Commynes: «D’entrée, il ne pense qu’aux vengeances».²⁴⁶

O novo monarca vai então demitir os antigos oficiais de Charles VII, iniciar uma nova política fiscal, abolir a *Pragmaticue Sanction* e retirar inúmeros privilégios aos senhores feudais: «Louis XI interdit par exemple aux nobles de chasser sans sa permission, de se livrer au faste qu’ils aimaient; il rogne leurs pensions, il supprime leurs prérogatives, il leur enlève leurs places pour les donner à des bourgeois qui le serviront plus fidèlement et à meilleur compte».²⁴⁷ O rei pretendia, assim, « détruire toutes les plus grandes maisons et principautés du royaume, ou au moins les épuiser au point qu’elles n’aient plus, à l’avenir, séparément ou ensemble, la force de se révolter contre lui ou seulement de s’opposer à sa volonté ».²⁴⁸ Como podemos ver nesta citação, o monarca demonstra um claro receio de vir a ser traído pelos senhores feudais.

²⁴⁵ SCORDIA, Lydwine - *Louis XI Mythes et réalités...*, p. 203.

²⁴⁶ COMMYNES, Philippe – *Mémoires*. Tomo I. Paris: Société de l’Histoire de France, 1840, p. 85.

²⁴⁷ BRION, Marcel – *Charles le Téméraire : Duc de Bourgogne (1433-1477)*. Paris: Tallandier, 2014, p. 72. Na nossa tradução, « Luís XI, por exemplo, proibiu os nobres de caçar sem sua permissão, e de se entregarem à pompa que amavam ; reduz as suas pensões, retira-lhes privilégios, priva-os dos seus lugares para os dar aos burgueses, que o servirão de forma mais fiel e mais barata. ».

²⁴⁸ BASIN, Thomas – *Histoire de Charles VII et Louis XI...*, p. 433. Deve ler-se «Destruição de todas as grandes casas e principados do reino, ou pelo menos arruinar a ponto de não terem mais, no futuro, separadamente ou juntos, forças para se revoltarem contra ele ou apenas para se oporem à vontade dele».

Tudo isto desagradou a estes senhores, que rapidamente se juntaram para formar a “Ligue du Bien Public”, que supostamente teria como objetivo, como o próprio nome indica, defender o bem público – um título que se queria agregador e legitimador²⁴⁹. A 4 de Março de 1465, Charles, duque de Berry, irmão de Louis XI, e até aquele momento herdeiro do trono, aproveita a peregrinação feita pelo monarca francês²⁵⁰, para se refugiar na Bretanha²⁵¹, algo que, segundo Tomas Basin, « fut à l’origine des séditions, troubles et discordes civiles qu’allait connaître le royaume »²⁵². As peças do xadrez começaram assim a movimentar-se para derrubar o rei. A 10 de Março, Charles de Berry escreve um manifesto onde se intitula líder da “Ligue du Bien Public”, explicando de seguida as razões que o levaram a criá-la²⁵³.

Esta liga era composta por muitos senhores feudais: Charles, duque de Berry²⁵⁴, Jean II, duque de Bourbon, Charles, conde de Charolais e futuro duque da Borgonha, François II, duque da Bretanha, Jean, duque de Calabre e da Lorraine, e filho do duque René, Louis de Luxemburgo, o duque de Alençon, o conde de Armagnac, o duque de Nemours, o conde de Dunois, o conde de Dammartin, ou seja, por todos aqueles – que eram muitos e muito poderosos - que estavam descontentes com o reinado de Louis XI²⁵⁵.

É crucial – e fácil - perceber que os objetivos destes senhores feudais nada tinham a ver com a defesa do “bien public”; a principal causa de insatisfação destes « conjurés à l’aiguillette »,²⁵⁶ como lhes chama Joël Blanchard, era o facto de terem sido

²⁴⁹ RIMBOUD, Michel – “La paix du Bien Public: démesure et marchandages (août-novembre 1465)”. In *La guerre, la violence et les gens au Moyen Âge*. dir. Philippe Contamine; Olivier Guyotjeannin - Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, 1996, Vol. 1, p. 333.

²⁵⁰ « Pendant ce temps, l’esprit du roi était en proie à de nombreux soucis et, pour s’en soulager, il quitta Tours pour Poitiers d’où il partit en direction de la Gascogne afin de se rendre à je ne sais quel oratoire de Notre-Dame et d’y accomplir un vœu ou s’acquitter de quelque pratique superstitieuse. » Ver : BASIN, Thomas – *Histoire de Charles VII et Louis XI...*, p. 438.

²⁵¹ ROYE, Jean de – *Chronique Scandaleuse. Journal d’un Parisien au temps de Louis XI*. (Trad) Joël Blanchard. Paris: Pocket, 2015, p. 71.

²⁵² BASIN, Thomas - – *Histoire de Charles VII et Louis XI...*, p. 439. Em português, « esteve na origem das agitações, turbulências e discórdias civis que o reino ia conhecer ».

²⁵³ STEIN, Henry - *Charles de France, frère de Louis XI*. Paris: Picard, 1919, p. 59.

²⁵⁴ Comynnes afirma que Charles « estoit homme qui, peut ou riens faisoit de luy, mais en toutes choses estoit manyé et conduist pas autre ». COMMYNES, Philippe – *Mémoires...*, p. 205.

²⁵⁵ CHAMPION, Pierre – *Le roi Louis XI*. Paris: Flammarion, 1936, p. 79-80.

²⁵⁶ BRION, Marcel - *Charles le Téméraire : duc de Bourgogne, 1433-1477...*, p. 72.

afastados da corte, de cargos da administração régia, e destituídos dos seus privilégios. Esta liga tinha como grandes objetivos: reunir os Estados Gerais, nomear Charles, duque de Berry, como regente do reino, entregar o comando do exército aos duques da Bretanha e de Bourbon, bem como terem o privilégio de cobrar os impostos e controlar as finanças do reino.²⁵⁷.

Ao apregoarem defender o “bien public”, e com isso o povo, os senhores feudais pretendiam obter o apoio das cidades contra Louis XI.

A 16 de Março, Louis XI escreve um contra-manifesto, no qual refuta os argumentos dos senhores feudais : «si nous avions consenti, déclarait-il, à augmenter les pensions et leur avions permis de fouler leurs vassaux comme par le passé, ils n'eussent guère pensé au bien public »²⁵⁸, e solicita o apoio das cidades contra a “Ligue du Bien Public”.

Os acontecimentos precipitam-se quando Jean, duque de Bourbon, ataca a cidade de Bourges, um importante centro económico, e Louis XI é obrigado a agir. O monarca conta com o apoio do conde de Maine, do conde de Eu, do conde de Vandôme, dos Liègeois²⁵⁹, dos Savoyards, de Gaston de Foix, e com o auxílio estrangeiro de Francisco Sforza, duque de Milão,²⁶⁰ para o derrotar. É visível a desproporção das forças que estavam do lado do monarca francês, se comparadas com aquelas de que dispunha a Ligue.

Ao mesmo tempo que Louis XI ataca o duque de Bourbon, Charles “le Téméraire” e vários senhores feudais prepararam-se para entrar em Paris com o objetivo de mostrar ao monarca o poder da liga e desta forma obrigá-lo a ceder às suas condições.²⁶¹ Porém, é necessário entender que enquanto os senhores feudais

²⁵⁷ In *Histoire Militaire de la France. Des origines a 1715* (dir. André Corvisier). Paris: Presses Universitaires de France, 1992, p. 211.

²⁵⁸ BORDONOVE, George – *Les rois qui ont fait la France. Louis XI le diplomate...*, p. 99. «Se tivéssemos concordado, declarou ele, em aumentar as pensões e permitido que eles humilhassem os seus vassalos como no passado, eles teriam pensado pouco no bem público».

²⁵⁹ Ver: HARSIN. P. – “Liège entre France et Bourgogne au XVe siècle”. In *Liège et Bourgogne. Actes du colloque tenu à Liège les 28, 29 et 30 octobre 1968*. Paris, 1972, pp. 193-256.

²⁶⁰ Ver: ZAMBARBIERI, Th. – “La partecipazione milanese alla guerra del Bene Publico: allestimento e realizzazione dell’impresa militare”, *Nuova rivista storica*, t. LXIX (1985), pp. 1-30.

²⁶¹ HEERS, Jacques - *Louis XI...*, p. 64.

lutavam contra as políticas de Louis XI, o duque da Borgonha lutava contra um monarca cuja ambição colocava em risco a própria independência da Borgonha²⁶².

Charles “le Téméraire” estava confiante na conquista de Paris, contudo, a população não apoiou a “Ligue du Bien Public”, tendo antes tomado o partido do rei. Avisado do que estava a acontecer em Paris, Louis XI vai defender a cidade, enfrentando os senhores feudais em Monthery.²⁶³

A 16 de Julho de 1465 dá-se a batalha de Monthery, que terminou sem um vencedor claro: «ç’avait été une dérouté des deux côtés, une dérouté poursuite, une défaite sans victoire»²⁶⁴. Louis XI, abandonado por quase todos os seus senhores feudais, vê-se obrigado a recuar, e a “Ligue du Bien Public”, que estava na ofensiva, decide instalar um acampamento em Conflans com vista a atacar Paris.²⁶⁵

Louis XI decide por isso partir para a Normandia a fim de reunir mais tropas²⁶⁶. Com o rei fora de Paris, os senhores feudais montam um cerco à cidade e tentam negociar com os mestres dos ofícios a sua rendição²⁶⁷. No entanto, Louis XI regressa a Paris com um novo exército, o que dá alento e confiança para a vitória do monarca sobre os senhores feudais.²⁶⁸

Iniciaram-se então as negociações entre Louis XI e a “ligue”, já que nenhum deles se dava por derrotado. A 5 de Outubro de 1465 foi assinado o Tratado de Conflans, onde ficou estipulado que Louis XI restituiria as terras do Somme a Philippe le Bon, e cedia o ducado da Normandia ao seu irmão Charles de France²⁶⁹. Mais tarde, a 29 de Outubro é assinado o Tratado de Saint-Maur entre o rei e os restantes senhores feudais,²⁷⁰ no qual se reafirma a restituição das terras do Somme e a entrega

²⁶² BRION, Marcel - *Charles le Téméraire : duc de Bourgogne, 1433-1477...*, p. 75.

²⁶³ CHAMPION, Pierre – *Le roi Louis XI...*, p. 80.

²⁶⁴ BRION, Marcel - *Charles le Téméraire : duc de Bourgogne, 1433-1477...*, p. 77 ; « ...tinha sido uma derrota de ambos os lados, uma derrota em perseguição, uma derrota sem vitória ».

²⁶⁵ HEERS, Jacques - *Louis XI...*, p. 64.

²⁶⁶ STEIN, Henry - *Charles de France, frère de Louis XI...*, p. 120.

²⁶⁷ CHAMPION, Pierre – *Le roi Louis XI...*, p. 81.

²⁶⁸ BRION, Marcel - *Charles le Téméraire : duc de Bourgogne, 1433-1477...*, p. 78.

²⁶⁹ STEIN, Henry - *Charles de France, frère de Louis XI...*, p. 124.

²⁷⁰ Fizeram parte deste tratado os seguintes senhores feudais: Charles, duque da Normandia e de Berry, Charles, conde de Charolais e futuro Temerário, François II, duque da Bretanha, Jean, duque de Calabre, Jacques, duque de Nemours, Jean, duque de Bourbon, Charles, senhor de Albert e Jean, conde de Dunois. In STEIN, Henry - *Charles de France, frère de Louis XI...*, p. 127.

do ducado da Normandia, mas também se negocia a cedência do controle da igreja da Bretanha ao duque François II; a entrega do Dauphiné ao duque de Nemours; a restituição dos privilégios aos senhores feudais; e o estabelecimento do “Conseil des Trente-Six”.²⁷¹ Ou seja, nestes dois tratados assistimos a uma capitulação quase total do rei Louis XI – só não abdica da sua coroa e do seu trono.

A “Ligue du Bien Public” conseguiu assim dividir uma França que Louis XI estavam a tentar unificar: «la monarchie absolue que Louis XI avait édifíée avec tant de soin s’émiettait en une poussière d’apanages féodaux»²⁷². Os senhores feudais tinham conseguido recuperar os seus privilégios; no entanto, Louis XI nunca poderia aceitar este desfecho: «Ce n’était qu'un leurre. Il (Louis XI) ne leur pardonnerait jamais d'avoir brisé son élan».²⁷³

2.4. Os conflitos continuam...

Os Tratados de Conflans e Saint-Maur deram aos senhores feudais uma sensação de vitória e de controlo sobre Louis XI, uma vez que tinham conseguido reaver os seus privilégios e retirado importantes territórios da alçada do domínio real. Todavia, Louis XI não se dava por derrotado e começou de imediato a planear manobras diplomáticas para reaver os seus territórios e recuperar o seu poder.

A perda do ducado da Normandia, acordada no Tratado de Conflans, enfraquecera o reino francês perante uma possível invasão inglesa. Edward IV, que se tinha mantido neutro durante a guerra do “Bien Public”, podia agora aproveitar o apoio da Bretanha, da Borgonha e da Normandia para atacar o monarca²⁷⁴.

Contudo, e como previra Louis XI, as relações entre Charles de France, duque de Berry e da Normandia, e François II, duque da Bretanha, começaram a deteriorar-

²⁷¹ BORDONOVE, George – *Les rois qui ont fait la France. Louis XI le diplomate...*, p. 118.

²⁷² BRION, Marcel - *Charles le Téméraire: duc de Bourgogne, 1433-1477...*, p. 86: «a monarquia absoluta que Luís XI construíra com tanto cuidado estava-se a desintegrar numa poeira de propriedades feudais»

²⁷³ BORDONOVE, George – *Les rois qui ont fait la France. Louis XI le diplomate...*, p. 118: «Tudo isto foi apenas uma cilada. Ele (Luís XI) nunca lhes perdoaria por terem quebrado o seu ímpeto».

²⁷⁴ HEERS, Jacques - *Louis XI...*, p. 66.

se, uma vez que François II queria obter o controlo da Normandia, território contíguo.²⁷⁵

Com o exército bretão a ocupar várias cidades do ducado da Normandia, Charles de France vê-se obrigado a pedir ajuda a Louis XI para conseguir resolver a situação, o que é rapidamente aproveitado pelo monarca.²⁷⁶ A 19 de Dezembro de 1465, Louis XI consegue recuperar as terras ocupadas pelo duque da Bretanha.²⁷⁷ No entanto, o seu irmão Charles tinha feito novamente as pazes com François II, e decide refugiar-se na Bretanha. Como vemos, a situação podia mudar, e mudava, radical e dramaticamente, no espaço de poucas semanas ou meses, quando não dias. E tornava-se impossível, a um poder externo e algo distante (estamos a pensar no rei de Portugal), acompanhar em tempo real estas reviravoltas, de modo a ter uma política externa estável e coerente; mais ainda com as dificuldades em conseguir comunicações rápidas²⁷⁸.

Rapidamente os duques da Bretanha e da Borgonha começam a planear uma série de alianças com os ingleses. Louis XI, apercebendo-se do perigo que estas alianças podiam criar, decide colocar em prática as suas ligações diplomáticas e negociar um acordo com Edward IV através de Richard Warwick, “the king maker”. O acordo de tréguas entre os dois reinos previa um pagamento anual de doze mil *écus* à Inglaterra, bem como o casamento de Margaret de York, irmã do monarca, com um príncipe da corte francesa²⁷⁹.

Porém, Edward IV assina paralelamente um tratado de amizade com Charles, “le Téméraire”,²⁸⁰ no qual negocia o casamento entre o novo duque e Margaret de York, algo que acaba por se realizar. Este casamento fortalece ainda mais a aliança

²⁷⁵ BORDONOVE, George – *Les rois qui ont fait la France. Louis XI le diplomate...*, p. 120.

²⁷⁶ CHAMPION, Pierre – *Le roi Louis XI...*, p. 84.

²⁷⁷ KENDALL, Paul Murray – *Louis XI*. Paris: Fayard, 1974, p. 207.

²⁷⁸ Temos naturalmente consciência que esta exposição, cronologicamente sequencial, de cada acidente, tratado, aliança, mudança de partido, nesta zona da Europa de que o nosso trabalho se ocupa, pode tornar-se árida e difícil de acompanhar. Mas uma das bases em que esse trabalho assenta é precisamente um conhecimento muito aprofundado da história política francesa e borgonhesa, e em menor grau aragonesa, castelhana ou inglesa. É por a história de França ter sido sistematicamente ignorada em Portugal que sentimos necessidade desta narração quase exaustiva.

²⁷⁹ HEERS, Jacques - *Louis XI...*, p. 66.

²⁸⁰ BASIN, Thomas – *Histoire de Charles VII et Louis XI...*, p. 503.

entre a Inglaterra e a Borgonha, o que incomoda Louis XI. Talvez quando tocava a alianças externas, todos estes reis e duques fossem ‘inconstantes’, e não só o rei português D. Fernando

Em Outubro de 1467, Charles “le Téméraire”²⁸¹ forma uma nova liga de príncipes contra Louis XI, da qual faziam parte Charles de France, Jean II de Alençon e François II.²⁸² As tropas bretãs voltam a atacar a Normandia,²⁸³ e Louis XI é obrigado e aproveita para reagir.

Em 1468, o monarca convoca os *États Généraux*²⁸⁴ para Tours, nos quais participaram, além de alguns nobres e clérigos, representantes de sessenta “bonnes villes”, para decidir se a Normandia devia voltar a pertencer ao domínio real ou continuar a ser um ducado de Charles de France. Os *États Généraux*, com receio de uma invasão inglesa, ficaram do lado do monarca. Segundo Bordonove, «les députés de Tours redoutaient une nouvelle guerre de Cent Ans; ils faisaient confiance au roi et préféraient un poigne de fer à l’anarchie. D’une certaine manière, Louis avait fait son choix : il serait le roi du Tiers États et de la petite noblesse, non le premier des grands seigneurs »²⁸⁵. Não podemos deixar de assinalar o contraste flagrante com o ‘programa’ de D. Afonso V após 1448.

A 10 de Setembro de 1468 é assinado mais um acordo, o Tratado de Ancenis, entre François II e Louis XI, no qual o duque da Bretanha se compromete a dissolver todas as alianças com Charles “le Téméraire”²⁸⁶.

²⁸¹ Charles, duque de Charolais, torna-se agora Charles le Téméraire após a morte do duque Philippe le Bon em 15 de Julho de 1467. In CHAMPION, Pierre – *Le roi Louis XI...*, p. 85.

²⁸² KNECHT, Robert - *The Valois: Kings of France (1328-1589)*. London: Hambledon, 2004, p. 90.

²⁸³ O duque da Bretanha ocupou Bayeux, Caen e Alençon . In *Histoire Militaire de la France. Des origines à 1715* (dir. André Corvisier). Paris: Presses Universitaires de France, 1992, p. 211.

²⁸⁴ Os *États Généraux* realizaram-se entre 6 e 14 de Abril de 1468. Ver: BULST, Neithard – Louis XI et les États Généraux de 1468. *Colloques internationaux CNRS. La France de la fin du XV siècle - Renouveau et apogée*. Paris: Editions du CNRS, 1985.

²⁸⁵ BORDONOVE, George – *Les rois qui ont fait la France. Louis XI le diplomate...*, p. 128: «Os deputados de Tours temiam uma nova Guerra dos Cem Anos; eles confiavam no rei e preferiam o punho de ferro à anarquia. De certa forma, Louis tinha feito sua escolha: seria o rei do Terceiro Estado e da pequena nobreza, não o primeiro dos grandes senhores.»

²⁸⁶ FAVIER, Jean – *Louis XI...*, p. 542.

2.5. Péronne e o confronto entre primos

Entre 9 e 14 de Outubro de 1468, Louis XI encontra-se com Charles “le Téméraire” no castelo de Péronne²⁸⁷. O monarca francês pretende evitar a criação de uma nova liga de senhores feudais, liderada pelo duque da Borgonha, pois teme que este se possa vir a aliar a Edward IV, e desta forma atacar o reino. Por sua vez, Charles “le Téméraire” procura obter o domínio total das terras do Somme, e tornar a Borgonha independente (sonho antigo).²⁸⁸

Enquanto as negociações decorriam, chegam notícias de uma insurreição nas terras de Liège, fomentada por enviados de Louis XI. O duque da Borgonha, ao perceber o jogo duplo do monarca francês, prende Louis XI no castelo de Péronne. O rei é depois obrigado a ajudar Charles “le Téméraire” a combater a revolta de Liège e a assinar o tratado de Péronne ²⁸⁹.

Nesse tratado, Louis XI confirma o Tratado de Arras, o Tratado de Conflans e define as terras do Somme como a linha de fronteira entre o ducado da Borgonha e o reino francês. O monarca concede ainda o ducado de Champagne e de Brie ao seu irmão Charles de France²⁹⁰. Foi também incluída uma cláusula que afirma que se Louis XI violasse os Tratados de Arras, Conflans e Péronne, era obrigado a reconhecer o duque da Borgonha e os seus descendentes como independentes da coroa.²⁹¹ Segundo Heers, «... la paix, humiliante pour le roi, lui avait été imposée de force et il ne songeait pas à la respecter».²⁹² Aquando deste cativo, podemos sentir o rei de França a ‘bater no fundo’.

²⁸⁷ BASIN, Thomas – *Histoire de Charles VII et Louis XI...*, p. 509.

²⁸⁸ CALMETTE, Joseph - *Les grands ducs de Bourgogne*. Paris: Albin Michel, 1949, p. 246.

²⁸⁹ CHAMPION, Pierre – *Le roi Louis XI...*, pp. 86-97.

²⁹⁰ STEIN, Henry - *Charles de France, frère de Louis XI...*, p. 254.

²⁹¹ «...Si le roi à l’avenir viole les traités d’Arras, de Conflans ou de Péronne, empêche leur application ou renie ses promesses, alors il reconnaît le duc de Bourgogne, ses successeurs et tous ses sujets dans tous ses territoires au royaume, affranchis et indépendants de la couronne» In DUBOIS, Henri - *Charles le Téméraire*, Paris, Fayard, 2004, pp. 206-208.

²⁹² HEERS, Jacques - *Louis XI...*, p. 68: «a paz, humilhante para o rei, tinha-lhe sido imposta pela força e ele não pensava respeitá-la».

Mais tarde, Louis XI recusa entregar a Champagne a Charles de France por se tratar de um importante território que se situava perto da Île-de-France, concedendo-lhe antes o ducado da Guyenne. O monarca faz assim as pazes com o irmão e, em 1469, Louis XI, que tinha proibido Charles de France de se casar sem o seu consentimento, decide começar a negociar o matrimónio do irmão. O rei pensa então em Isabel, irmã de Enrique IV, cuja aliança proporcionaria a Louis XI uma forte influência na Península Ibérica²⁹³. Contudo, o monarca francês é rapidamente informado de que já existem planos de um casamento entre Isabel e Fernando, filho de Juan II de Aragão, algo que se veio a verificar²⁹⁴ - serão os futuros “Reis Católicos”. Surge depois a proposta de casar Charles de France com D. Juana, la Beltraneja, filha de Enrique IV e potencial herdeira do trono castelhano, algo que pareceu agradar ao monarca francês, uma vez que, numa carta ao rei de Castela, Louis XI já intitula Charles «duc de Guyenne, prince de Castille»²⁹⁵. A Beltraneja acabará por casar-se com D. Afonso V, como sabemos. E também sabemos as consequências.

Em Novembro de 1470, um conselho de príncipes reúne-se em Amboise para declarar o tratado de Péronne inválido, uma vez que Louis XI tinha sido forçado a assinar o mesmo sob coação. Charles “le Téméraire” declara-se, então, «souverain en icelles seigneuries»,²⁹⁶ uma vez que o tratado não foi respeitado. Inicia-se uma nova guerra entre ambos.

Um mês depois, em Dezembro de 1470, Louis XI declara o ducado da Borgonha, o condado de Boulogne e a Picardia como territórios pertencentes à coroa. Em resposta ao monarca, Charles “le Téméraire” desencadeia uma ofensiva em Beauvais, devasta o Pays de Caux e corta todas as relações com o reino francês: «désormais le Parlement de Paris n’eut plus à connaître les procès bourguignons qui, tous, devaient aller devant le Conseil de Dijon, tribunal souverain»²⁹⁷ - ou seja, as instâncias

²⁹³ GÓIS, Damião de - *Crónica do príncipe D. João*, p. 98.

²⁹⁴ FAVIER, Jean – *Louis XI...*, pp. 600-601.

²⁹⁵ *Lettres de Louis XI, roi de France...* 1890, Tomo IV, pp. 63-64.

²⁹⁶ Olivier de la Marche, citado por: SCORDIA, Lydwine - *Louis XI. Mythes et réalités...*, p. 48.

²⁹⁷ HEERS, Jacques - *Louis XI...*, p. 71.

superiores da justiça já não moram em Paris, mas sim na Borgonha; determina ainda a elaboração de ordenações²⁹⁸.

Para além deste conflito, Charles de France volta a trair a confiança de Louis XI e a unir-se aos duques da Bretanha e da Borgonha contra o monarca francês. Começa-se então a negociar o casamento entre Charles de France e Marie de Borgonha, única herdeira de Charles “le Téméraire”. Este possível casamento não agrada a Edward de Inglaterra, uma vez que colocaria em causa a pouca influência inglesa no continente²⁹⁹. O nascimento do delfim Charles, futuro Charles VIII, atenua o medo de uma possível união entre a França e a Borgonha, apesar de Charles de France não desistir do casamento com Marie da Borgonha.

Todavia, em 1472,³⁰⁰ Charles de France morre em Bordeaux, e o ducado da Guyenne regressa ao domínio real.³⁰¹ Nesse mesmo ano é assinada uma trégua entre Louis XI e Charles “le Téméraire”. Este último começa a negociar o casamento da sua filha, Marie da Borgonha, com Maximilien, filho e herdeiro do imperador Friedrich III e de Leonor de Portugal, irmã de Afonso V.³⁰² Mas, os conflitos não terminam aqui e, nos anos seguintes, “le Téméraire” vai continuar a fazer tudo o que estiver ao seu alcance para tornar a Borgonha independente.

2.6. A luta pela Catalunha

Em 1471, ao mesmo tempo que Louis XI estava concentrado na luta contra Charles le Téméraire, Juan II de Aragão aproveita para negociar o Tratado de Abbeville com a Inglaterra e a Borgonha, formando assim uma tríplice aliança antifrancesa.³⁰³ Em 1472, dá-se por terminada a guerra civil catalã, o que permite ao monarca de Aragão concentrar-se na recuperação de Perpignan e do condado do Roussillon: «Y

²⁹⁸ LENGUAI, A. - *Dijon et Louis IX*. Dijon: Bernigaud et Privat, 1947, p. 104.

²⁹⁹ STEIN, Henry - *Charles de France, frère de Louis XI...*, p. 399.

³⁰⁰ No ano seguinte ao apogeu africano de Afonso V, com a violenta conquista de Arzila e a triunfante ocupação de Tânger.

³⁰¹ Idem, *Ibidem*, p. 470.

³⁰² HEERS, Jacques - *Louis XI...*, p. 73.

³⁰³ FONSECA, Luís Adão da – “La época de Enrique IV” ..., p. 443.

ahora - escribía al virrey de Sicilia, Lope Ximénez de Urrea - nos preparamos, prosiguiendo este glorioso éxito (el de la capitulación de Barcelona), a partir con todo nuestro ejército para el Rosellón y Cerdeña, para recuperar aquellos territorios, de modo que todos nuestros reinos y súbditos queden totalmente pacificados».³⁰⁴

Segundo Bordonove, «Louis XI s’était lourdement trompé sur le compte de Jean II. Le roi d’Aragon était bien le seul monarque dont l’astuce et l’intelligence égalaient les siennes, le seul capable de déjouer ses ruses»³⁰⁵.

Contudo, a tentativa de reconquistar Perpignan falha, Juan II fica cercado pelo exército francês e é obrigado a assinar um tratado de paz, naquela mesma cidade, no qual Louis XI reconhece a soberania aragonesa, mas Juan II é obrigado a pagar a dívida contraída de 300.000 *écus* ao rei francês. Enquanto a dívida não fosse saldada, Juan II não tinha qualquer autoridade sobre o território do Rossilhão.³⁰⁶

Ao longo de 1474, os confrontos e desentendimentos entre Juan II e Louis XI a propósito do território do Rossilhão continuaram. O monarca aragonês procurou fortalecer as suas alianças tanto em Itália como com a Borgonha e a Inglaterra, de forma a combater Louis XI de forma mais eficiente.³⁰⁷ Ou seja, em meados dos anos 70, temos como *major players* Louis XI, rei de França, Charles “le Téméraire”, duque da Borgonha, Juan II de Aragão, Edward IV, rei de Inglaterra, e depois, em segundo plano, o delfim de França, os duques mais poderosos, o rei de Castela, a Saboia, etc. Não falamos ainda de Portugal.

A partir de 1475 a governação do reino de Aragão passa a ser feita por Fernando, filho de Juan II, que tenta a todo o custo resolver o conflito com França, e impedir uma aliança entre Louis XI e Afonso V³⁰⁸. A 10 de Março de 1475, Perpignan

³⁰⁴ VICENS VIVES, J – *Juan II de Aragão (1398-1479) ...*, p. 341.

³⁰⁵ BORDONOVE, George – *Les rois qui ont fait la France. Louis XI le diplomate...*, p.155. Deve ler-se «Luís XI estava muito enganado sobre João II. O rei de Aragão era de fato o único monarca cuja inteligência e engenho combinavam com as suas, o único capaz de frustrar os seus truques.»

³⁰⁶ VICENS VIVES, J. – *Juan II de Aragão (1398-1479) ...*, p. 346.

³⁰⁷ Idem, *Ibidem*, p. 347.

³⁰⁸ FONSECA, Luís Adão da– “La época de Enrique IV...”, p. 447.

rende-se e Juan II é obrigado a assinar tréguas com Louis XI, que durariam até ao final do reinado do monarca aragonês³⁰⁹.

Paralelamente a este conflito com Aragão, Louis XI volta a entrar em guerra com a Borgonha e a Inglaterra, o que fazia temer uma nova “Guerra dos Cem Anos”.

2.7. Uma nova Guerra dos cem anos?

Segundo Lydwine Scordia, «...abattre, neutraliser et arbitrer par tous les moyens sont les trois verbes qui synthétisent la politique royale menée envers le duc de Bourgogne, le royaume d’Angleterre et les villes italiennes.»³¹⁰. Em 1471, após a morte de Henry VI, a “Guerra das Duas Rosas” termina e Edward IV pode assim concentrar a sua atenção em Louis XI e no reino francês.

Em 1474, o duque da Borgonha inicia negociações com Edward IV com vista a atacar o reino francês. Ocupado a tentar conquistar Colónia, “le Téméraire” desejava uma intervenção inglesa no continente para obrigar Louis XI a combater em duas frentes³¹¹.

A 25 de Julho é assinado o Tratado de Londres entre Charles “le Téméraire” e Edward IV, no qual o rei inglês aceita que o duque da Borgonha mantenha a soberania de todos os territórios conquistados desde o Tratado de Troyes, assinado em 1420, e por sua vez, Charles “le Téméraire” reconhece Edward IV como rei de França, e disponibiliza tropas para combater o monarca francês.³¹² É importante relembrar que as tréguas entre Louis XI e Charles “le Téméraire” acabavam a 1 de Maio de 1475 ³¹³.

Em 30 de Julho de 1474, Charles “le Téméraire” cerca Neuss. Louis XI, informado dos planos do duque da Borgonha com a Inglaterra, consegue persuadir os cantões suíços, que se revelarão decisivos, e vários senhores feudais a declararem guerra a Charles “le Téméraire”: «le roi portait aide aux villes d’Alsace, aux cantons

³⁰⁹ KENDALL, Paul Murray – *Louis XI*. Paris: Fayard, 1974, p. 318.

³¹⁰ SCORDIA, Lydwine - *Louis XI Mythes et réalités...*, p. 212.

³¹¹ FAVIER, Jean – *Louis XI*, p. 670.

³¹² HEERS, Jacques - *Louis XI...*, p. 74.

³¹³ BORDONOVE, George – *Les rois qui ont fait la France. Louis XI le diplomate...*, p. 181.

suisSES, à René de Lorraine et même au duc d'Autriche Sigismond, tous décidés à attaquer rudement les Bourguignons»³¹⁴. Em Abril de 1475, tropas francesas atacam a Picardie, a Borgonha, o Franche-Comté e o Luxemburgo, obrigando Charles “le Téméraire” a levantar o cerco de Neuss³¹⁵. E de um momento para o outro, temos o mundo ao contrário: Louis XI à frente de uma poderosa coligação, e a Borgonha sozinha. Insistimos: como seria possível aos monarcas aragonês, castelhano e, sobretudo, português, acompanhar estas rápidas e profundas alterações e decidir com tempo e com juízo a melhor atitude a adotar, os aliados a escolher?

Quando o monarca inglês chegou a Calais,³¹⁶ o duque da Borgonha não dispunha do exército prometido pelo Tratado de Londres, uma vez que a guerra com Louis XI e os cantões suíços tinha diminuído as suas tropas³¹⁷.

Sentindo-se enganado pelo seu aliado, Edward IV decide negociar um tratado com Louis XI em Picquigny³¹⁸: em 29 de Agosto de 1475 foi assinado esse tratado, que previa uma trégua de sete anos entre Inglaterra e França, bem como entre os seus aliados; a liberdade comercial entre os dois reinos; Louis XI tinha que pagar 75.000 *écus* a Edward IV para este se retirar do território francês; Edward IV deveria renunciar à aliança com a Borgonha, e nenhum dos monarcas podia formar uma nova aliança sem o conhecimento do outro; Louis XI tinha igualmente que pagar uma pensão anual de 50.000 *écus* a Edward IV; finalmente, foi negociado o casamento entre o delfim Charles e Elizabeth York, filha de Edward IV³¹⁹.

Após a retirada das tropas inglesas, Louis XI acordou umas tréguas com Charles le Téméraire, o que lhe permitiu concentrar as suas forças contra os restantes

³¹⁴ HEERS, Jacques - *Louis XI...* p.74: «O rei ajudará as cidades da Alsácia, os cantões suíços, René de Lorraine e até mesmo o duque da Áustria Sigismond, todos determinados a atacar duramente os borgonheses».

³¹⁵ KNECHT, Robert - *The Valois: Kings of France 1328-1589* ..., p. 100.

³¹⁶ Segundo Commynes era o maior exército alguma vez enviado para França (COMMYNES, Philippe – *Mémoires...*, Tomo II, pp. 336-337).

³¹⁷ FAVIER, Jean – *Louis XI...*, p. 679.

³¹⁸ BASIN, Thomas – *Histoire de Charles VII et Louis XI...* p. 639.

³¹⁹ CALMETTE, Joseph; PÉRINELLE, George - *Louis XI et l'Angleterre (1461-1483)*. Paris: A. Picard, 1930, pp. 202-203.

senhores feudais que o tinham traído³²⁰. Depois das tréguas com a Borgonha,³²¹ Louis XI assina, a 29 de Setembro, as tréguas com a Bretanha, através do Tratado de Senlis.³²²

A partir deste momento, o monarca francês começa a tecer uma teia de alianças diplomáticas que vai culminar na morte do Téméraire.

³²⁰ KNECHT, Robert - *The Valois: Kings of France (1328-1589) ...*, p. 102.

³²¹ Tréguas de Soleuvre assinadas a 13 de Setembro de 1475.

³²² HEERS, Jacques - *Louis XI ...* p.75.

3. Por esses anos, na Borgonha...

Como já foi dito, a França estava rodeada por poderosos ducados regidos por senhores feudais que colocavam regularmente em perigo a casa real. Um dos mais importantes, o ducado da Borgonha, tinha já provocado conflitos e revoltas contra a figura do rei, e o seu duque não pararia até se tornar num reino independente de Louis XI.

A história do ducado da Borgonha é descrita por Marcel Brion como um «poème d'orgueil héroïque»³²³, e foi marcada por guerras com a França, a Inglaterra, o Império e os cantões suíços.³²⁴

Em 1363, Philippe “le Hardi”, filho do rei Jean “le Bon”, recebeu como apanágio o ducado da Borgonha. Sucederam-lhe Jean “sans Peur”, Philippe “le Bon” e Charles “le Téméraire”. No final da Idade Média, o duque da Borgonha era um dos senhores feudais mais poderosos do Ocidente, sendo mais rico e prestigiado do que vários reis³²⁵.

Em 1369, o casamento entre Philippe “le Hardi”³²⁶ e Marguerite de Flandres permitiu ao duque possuir os condados de Flandres e de Artois, aumentando a influência, a extensão e a riqueza do ducado.³²⁷

Sucede-lhe Jean “Sans Peur”,³²⁸ que quando chega ao poder procura conservar o prestígio do ducado da Borgonha. No entanto, o novo duque entra em conflito com Louis d’Orléans, irmão do rei Charles VI, algo que culmina com uma guerra civil entre os Armagnacs e os Bourguignons³²⁹. Em 1407, Jean “Sans Peur” assassina Louis

³²³ BRION, Marcel – *Charles le Téméraire : duc de Bourgogne (1433-1477) ...*, p. 8.

³²⁴ De entre as sínteses mais recentes, apoiámo-nos sobretudo na obra de Bertrand Schnerb- *L’État Bourguignon*, Paris: Perrin, 1999.

³²⁵ SOISSON, Jean-Pierre – *Charles le Téméraire*. Paris: Grasset, 1997, p. 5.

³²⁶ CALMETTE, Joseph - *Les grands ducs de Bourgogne*. Paris: Albin Michel, 1949; VAUGHAN, Richard - *Philip the Bold: The Formation of the Burgundian State*, Woodbridge: Boydell Press, 2002.

³²⁷ ARMSTRONG, A.J. – “La politique matrimoniale des ducs de Bourgogne de la maison de Valois”, *Annales de Bourgogne*, tomo XL, 1968.

³²⁸ BARANTE, M.- *Histoire des ducs de Bourgogne de la Maison de Valois: 1364-1477*, tomo IV, Paris: Ladvocat Libraire, 1824.

³²⁹ SCHNERB, Bertrand – *Armagnacs et Bourguignons: La maudite guerre (1407-1435)*. Paris: Tempus, 2009.

d'Orléans. Em 1419, o delfim Charles, futuro Charles VII, mata o duque da Borgonha; o conflito entre a coroa e o ducado está ao rubro.³³⁰

Após a morte de Jean “Sans Peur” sucede-lhe Philippe “le Bon”,³³¹ que durante a “Guerra dos Cem Anos” se vai aliar ao Ingleses contra a França. Contudo, após a assinatura do Tratado de Arras, no qual o monarca francês concede importante territórios ao duque da Borgonha, Philippe “le Bon” passa a ser leal a Charles VII³³². Ao longo do seu reinado, e através de casamentos, heranças, empréstimos e campanhas militares, Philippe “le Bon” conquistou o Brabante, Limbourg, Hainaut, Holanda, Zelândia, a Frísia e o Luxemburgo:³³³ são territórios da maior importância e, no seu conjunto, muito extensos.

É neste sumptuoso ducado da Borgonha que nasce Charles, filho de Phillippe “le Bon” e de Isabel de Avis, mais conhecida por Isabel de Portugal, ambos personagens preeminentes do final da Idade Média. O jovem duque tinha ligações tanto pela parte paterna como pela materna à casa real dos Valois, dos Plantagenetas, de Avis e à casa ducal dos Wittelsbach da Baviera³³⁴. Tudo isto vai contribuir para moldar o destino de Charles de Bourgogne.

3.1. Charles “le Téméraire”, o grande duque do Ocidente.

Após a morte de Philippe “le Bon” em 15 de Junho de 1467, Charles, até então conde de Charolais, torna-se «Charles, par la grâce de Dieu duc de Bourgogne, de Lothier, de Brabant, de Limbourg, de Luxembourg et de Gueldre, comte de Flandre, d'Artois, de Bourgogne, palatin de Hainaut, de Hollande, de Zélande, de Namur et de

³³⁰ DUBY, Georges - *Histoire de la France ...*, p. 1136.

³³¹ Ver: LEGUAI, André - Royauté française et État bourguignon de 1435 à 1477. In *Publications du Centre européen d'études bourguignonnes*, vol. 32, 1992, p. 65-75; CALMETTE, Joseph - *Les grands ducs de Bourgogne*. Paris: Albin Michel, 1949.

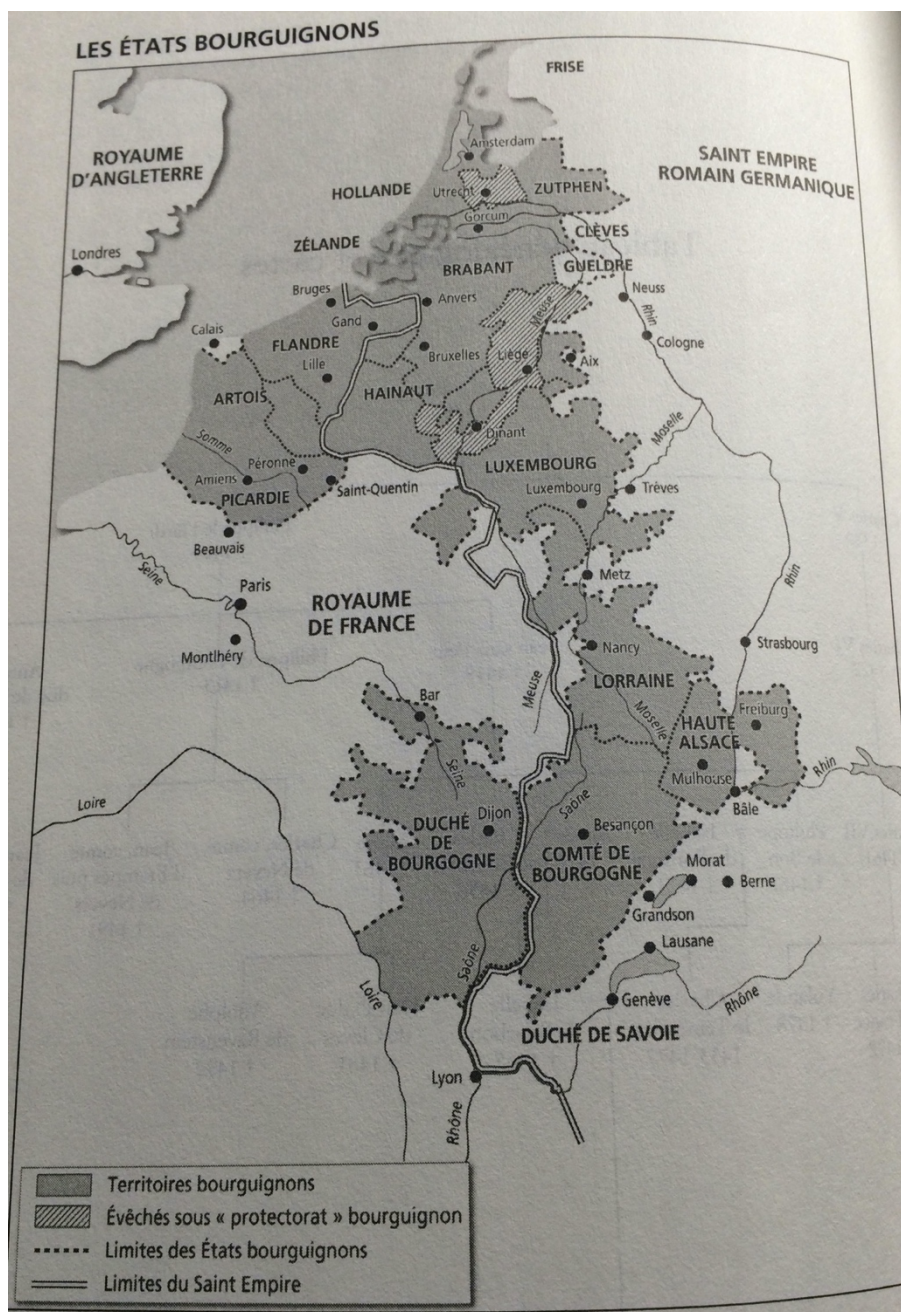
³³² MOLLAT, Michel – La reconstruction (1440-1515). In *Histoire de la France des origines à nos jours*. (Dir). George Duby. Paris: Larousse, 1999, p. 347

³³³ Ver: ARMSTRONG, A.J. – La politique matrimoniale des ducs de Bourgogne de la maison de Valois. In *Annales de Bourgogne* tomo X, 1968.

³³⁴ DUBOIS, Henri - *Charles le Téméraire*, Paris, Fayard, 2004, p. 12.

Zuytphen, marquis du Saint-Empire, seigneur de Frise, de Salins et de Malines»³³⁵, tendo ficado conhecido como “Le grand duc d’Occident”.

Figura 2 - Território controlado por Charles “le Téméraire”.



Fonte: MINOIS, George – *Charles le Téméraire*. Paris. Perrin, 2015.

³³⁵ FRÉDÉRIX, Pierre – *La mort de Charles le Téméraire*. Paris: Gallimard, 1966, p. 7.

Apesar de Charles “le Téméraire” ter sido um dos príncipes mais poderosos da Europa do seu tempo, o seu reinado durará menos de 10 anos.

Conhecido hoje em dia como Charles “le Téméraire”, é muito importante sublinhar que este cognome só é referido pelos historiadores a partir do século XVIII, tal como o português Henrique só se tornará “o Navegador” no final do século XIX por obra e graça de um autor alemão quase desconhecido. Chastellain e Olivier de la Marche, cronistas do ducado da Borgonha intitulavam-no Charles “le Travailant”, e Commynes apenas “duc Charles de Bourgogne”³³⁶. No século XVI passa a ter o cognome de “Charles le Guerrier” e “le Bataillant”³³⁷. Mais tarde surge “Charles le Hardi” e por fim “le Téméraire”, que é o mais utilizado hoje em dia pelos historiadores. Atente-se na sucessão e na diversidade dos cognomes.

As opiniões acerca do carácter e da ambição de Charles “le Téméraire” diferem, entre os cronistas da época que conviveram com o duque.

Chastellain, cronista na corte de Charles “le Téméraire”, descreve-o como um herói cavaleiresco: «...n’avoit prince en terre de telle magnificence, ni de tel apparel (...) et toujours comme prince et chef sur tout fut richement et magnifiquement habitué sur tout les autres»³³⁸; destinado a conquistar inúmeros reinos: «Etoit tout propre et tout digne pour mener grand ost est né, ce sembloit, pour tirer victoire de son emprise: ne failloit fors que terre se presentast et titre pour empreindre, que tout ne ployast sous luy»;³³⁹ um príncipe piedoso, mas justiceiro: «Prince sans paour, per sans per, patron des preux».³⁴⁰ Todavia, é necessário perceber que estas afirmações devem ser interpretadas tendo em consideração as intenções e as circunstâncias do autor : não nos podemos esquecer que este cronista convivia na corte borgonhesa.

³³⁶ LE CAM, Anne – *Charles le Téméraire. Un homme et son rêve*. V&O Éditions, 1992, p. 11.

³³⁷ FRÉDÉRIX, Pierre – *La mort de Charles...*, p. 23.

³³⁸ DUFURNET, M. Jean – « Charles le Téméraire vu par les historiens bourguignons », in *Cinq-centième anniversaire de la bataille de Nancy (1477). 22-24 septembre 1977*, p. 69: «Não tinha príncipe na terra de tal magnificência, nem de tal vestimenta (...) e sempre como príncipe e chefe sobre tudo estava rica e magnificamente acostumado com todos os outros.»

³³⁹ Idem, *Ibidem*, p. 70.

³⁴⁰ Idem, *Ibidem*, p. 70.

Outros cronistas têm opiniões distintas, e afirmam que Charles “le Téméraire” tinha uma personalidade violenta e impulsiva. Enquanto para Louis XI a guerra era apenas um meio para chegar a um fim, preferindo usar a diplomacia para alcançar as suas ambições políticas, para Charles “le Téméraire” a guerra assumia um carácter sagrado³⁴¹. Segundo Olivier La Marche, «il aimait la guerre... il vivait l'épée au poing avec tous ses voisins; et ce qu'il ne pouvait faire par amour, il faisait par crainte».³⁴²

Commynes, que teve a oportunidade de servir tanto Charles “le Téméraire” como Louis XI, caracterizava o duque da Borgonha como um sonhador de utopias: «car il taschoit à tant de choses grandes, qu'il n'avoit pas le temps à vivre pour les mettre à fin; et estoient choses presque impossibles: car la moytié de l' Europe ne l'eust sçu contenter»³⁴³. Se ele tinha esta maneira de ser, foi quase um milagre ter vivido os anos que viveu. Um homem a quem meia Europa não chega...

Numa época em que muitos monarcas governam de uma forma “maquiavélica”, Charles “le Téméraire”, com o seu sentido de honra e de cavalheirismo, assemelha-se a um Dom Quixote que ainda não tinha percebido as mudanças que estavam a acontecer à sua volta.

Charles “le Téméraire” tinha um humor instável, uma vaidade imensurável e um culto exaltado da glória que o tornavam imprevisível³⁴⁴. Isto é perceptível no relato do cronista Conrad Stolle, que narra a forma como Charles se via a si própria: «On raconte que le duc de Bourgogne proclamait qu'il y avait seulement trois seigneurs dans le monde: un au ciel, Dieu; un en enfer, le démon Lucifer, et un sur terre, qui serait lui-même. Et également que Dieu lui avait donné les moyens de soumettre le monde, comme l'avait fait le roi Alexandre. Il disait que le roi Alexandre avait conquis et soumis le monde en douze ans, sans avoir autant d'or, d'argent et d'hommes que

³⁴¹ LE CAM, Anne – *Charles le Téméraire...*, p. 218.

³⁴² FRÉDÉRIX, Pierre – *La mort de Charles le Téméraire...*p. 22 : « ele amava a guerra ... vivia com a espada na mão com todos os seus vizinhos; e o que ele não podia fazer por amor, fazia-o por medo ».

³⁴³ COMMYNES, Philippe – *Mémoires...* Tomo I, p. 229 : « Pois ele estava a trabalhar em tantas coisas grandes, que não teve tempo de viver para acabá-las ; e as coisas eram quase impossíveis : metade da Europa não chegaria para o satisfazer ».

³⁴⁴ Idem, *Ibidem*, p.189.

lui. Il était chrétien, et Dieu lui avait inspiré de conquérir la chrétienté et le monde »³⁴⁵. Alexandre, nem sempre o temos presente, foi a larga distância o grande herói quer dos generais e imperadores romanos, quer dos cavaleiros e príncipes medievais.

Charles “le Téméraire”, ao contrário de Louis XI, exhibia sempre roupas sumptuosas de forma a mostrar a riqueza do seu ducado; exemplo disso é a descrição feita pelo embaixador milanês em Panigarola, numa carta datada de 3 de Abril de 1475: «Sa Seigneurie est venue à l’Église vêtue d’une longue robe de drap d’or bordée de zibeline, extrêmement somptueuse, dans laquelle l’argent remplaçait la soie. Il avait sur la tête un chapeau de velours noir avec une plume d’or chargée des plus gros rubis, diamants et grosses perles, quelques-uns en pendentifs, et les perles et les pierres précieuses étaient si serrées qu’on ne voyait pas la plume, bien que le premier fût gros comme un doigt. Il restait dans son oratoire, qui était voilé comme d’habitude de rideaux de soie noire. Au bout d’un moment on tira les rideaux. Sa Seigneurie était sur un trône de trois pieds de haut, sous un dais en or dessus et dessous, richement brodé aux armes de Bourgogne »³⁴⁶.

É necessário perceber que «...la figure du dernier grand-duc de Bourgogne se situe en effet à une croisée de chemins dans tous les types de notions qui font l’histoire et caractérisent ses acteurs: la chronologie, la géographie, les structures politiques»³⁴⁷.

³⁴⁵ Conrad Stolle, vicaire de Saint-Sévère d’Erfurt, citado em MINOIS, Georges – *Charles, le Téméraire...*, p. 187 : « Diz-se que o duque da Borgonha proclamou que havia apenas três senhores no mundo : um no céu, Deus; um no inferno, o demónio Lúcifer, e um na terra, que seria ele mesmo. E também que Deus lhe deu os meios para subjugar o mundo, como o rei Alexandre havia feito. Dizia que o rei Alexandre tinha conquistado e subjugado o mundo em doze anos, sem ter tanto ouro, prata e homens como ele. Ele era um cristão, e Deus inspirou-o na conquista da cristandade e do mundo».

³⁴⁶ Embaixador milanês citado em: MINOIS, Georges – *Charles, le Téméraire...*, p. 187: «Sua senhoria foi para a Igreja vestido com uma longa túnica de tecido dourado bordada com zibelina, extremamente sumptuosa, na qual a prata substituiu a seda. Tinha na cabeça um chapéu de veludo preto com uma pena de ouro carregado com os maiores rubis, diamantes e grandes pérolas, alguns em pingentes, e as pérolas e pedras preciosas eram tão grandes que não se via a pena, embora a primeira fosse do tamanho de um dedo. Ele permanecia no seu oratório, velado sempre com cortinas de seda preta. Ao fim de algum tempo, as cortinas eram abertas. Sua senhoria estava em um trono de um metro de altura, sob um dossel dourado por cima e por baixo, ricamente bordado com as armas da Borgonha».

³⁴⁷ LE CAM, Anne – *Charles le Téméraire...*, p. 403 : « O último Grão-duque da Borgonha encontra-se, de facto, numa encruzilhada, em todos os tipos de noções que fazem a história e caracterizam os seus atores : cronologia, geografia e estruturas políticas ».

O ducado da Borgonha era um dos territórios mais ricos no final da Idade Média, e por isso, Charles “le Téméraire” acreditava que poderia construir entre o reino de França e o Império um estado soberano e independente, algo que incomodava Louis XI, uma vez que a Borgonha era um feudo do rei de França.³⁴⁸

Todos estes fatores conduziram Charles “le Téméraire” a uma infinidade de conflitos territoriais e diplomáticos.

“Le grand duc d’Occident” personifica o último representante de uma França feudal, com os seus sonhos utópicos de formar um reino independente, no entanto é confrontado com Louis XI, o maquiavélico defensor da unidade nacional.³⁴⁹

3.2. A ambição do Téméraire

Desde o início do seu ‘reinado’, Charles “le Téméraire” procurou submeter diversos territórios.

Em 1469, o duque da Borgonha tinha já conseguido conquistar a Alta Alsácia e Brisgau, através do Tratado de Saint-Omer³⁵⁰ assinado com Sigismund de Habsburg, primo de Frederico III; e recebeu o ducado de Gueldre em troca de um empréstimo³⁵¹. O “Téméraire” vai também conseguir, com dificuldade, conquistar a Lorena a René II, que se vê obrigado a assinar o Tratado de Trèyes, no qual o duque da Borgonha e o duque da Lorena se comprometem a não formar qualquer aliança com Louis XI. René II vê-se igualmente obrigado a conceder livre passagem pelos seus estados a Charles “le

³⁴⁸ BUSSIÈRE, Marie Théodore Renouard – *Histoire de la ligue formée contre Charles le Téméraire*. Paris : Lecoffre, 1846, p. 20.

³⁴⁹ MINOIS, George: *Charles, le Téméraire ...*, p. 180.

³⁵⁰ O Tratado de Saint-Omer previa a cedência dos territórios da Alta Alsácia e de Brisgau e a Floresta Negra ao duque da Borgonha mediante um pagamento de 50 000 florins. O tratado previa também uma aliança defensiva. O tratado está disponível em STOUFF, Louis - *Les origines de l’annexion de la Haute-Alsace à la Bourgogne en 1469: étude sur les terres engagées par l’Autriche en Alsace depuis le XIVe siècle, spécialement la seigneurie de Florimont*. Paris: Larose, 1901, pp. 99-109.

³⁵¹ VAUGHT, Richard – *Charles the Bold. The last Valois Dukes of Burgundy*. Londres: Longman, 1973, pp. 85-86.

Téméraire” e a permitir a instalação de guarnições borgonhesas em várias cidades da Lorena.³⁵²

O duque envolveu-se em conflitos com o rei de França, prendendo-o em Perónne, como vimos acima, e obrigando-o a ajudá-lo a combater a cidade de Liège. Após a assinatura do Tratado de Péronne, que define as terras do Somme como a linha de fronteira entre o ducado da Borgonha e o reino francês, Charles “le Téméraire” sente-se confiante na concretização do seu projeto.³⁵³ Louis XI, que já tinha saído derrotado pela “Ligue du Bien Public”, sai novamente derrotado e humilhado em Péronne, e como tal decide esperar o momento certo para obter a sua vingança. Em 1472, e como também já referimos, o duque da Borgonha começa a negociar o matrimónio entre a sua filha, Marie de Bourgogne, e Maximilien, filho de Friedrich III³⁵⁴.

No entanto, a partir de 1473 dá-se uma viragem na ‘roda da fortuna’ do duque da Borgonha: a entrevista em Trier entre Charles e Friedrich III é um fracasso, uma vez que o imperador não apoia o projeto megalómano do “Téméraire” de formar um reino do Mar do Norte ao Mediterrâneo.³⁵⁵

Em 1474, o duque perde grande parte do crédito que tinha conquistado, e iniciam-se confrontos entre a população da Lorraine e as guarnições da Borgonha³⁵⁶. Ao mesmo tempo, a região conquistada por Charles “le Téméraire” na Alsace através do Tratado de Saint-Omer começa também a revoltar-se contra a presença dos borgonheses: «Les Suisses commençaient de se méfier de la Bourgogne. Les ambitions du Téméraire semblaient sans limites, et l’on commençait, dans les cantons confédérés, à craindre un état méridien qui, ressuscitant l’ancienne Lotharingie, finirait bien par englober les Alpes occidentales»³⁵⁷. Todavia, os cantões suíços não

³⁵² FAVIER, Jean – *Louis XI...*, p. 70.

³⁵³ DUBOIS, Henri - *Charles le Téméraire...*, pp. 206-208.

³⁵⁴ HEERS, Jacques - *Louis XI...* p. 73.

³⁵⁵ SCORDIA, Lydwine - *Louis XI Mythes et réalités...*, p. 214.

³⁵⁶ GAUSSIN, Pierre-Roger – *Louis XI: um roi entre deux mondes...*, p. 263.

³⁵⁷ FAVIER, Jean – *Louis XI...*, p. 629. Deve ler-se: «Os suíços começavam a desconfiar da Borgonha. As ambições do Temerário pareciam ilimitadas, e nos cantões confederados as pessoas começaram a temer um estado meridiano que, ressuscitando a antiga Lotaríngia, acabaria por abranger os Alpes ocidentais.».

dispunham de dinheiro suficiente nem de um exército que conseguisse fazer frente a Charles “le Téméraire”: «Les suisses n’était pas prêts à attaquer la Bourgogne, et ils n’en avaient pas à eux seuls les moyens»,³⁵⁸ embora os seus soldados fossem temíveis.

Louis XI vai aproveitar esta oportunidade para agir diplomaticamente contra o duque da Borgonha, e disponibiliza-se para ajudar os Cantões Suíços contra Charles “le Téméraire”. Em 1474, o rei francês assina um tratado de aliança com os Cantões, que depois de terem igualmente firmado uma aliança com Sigismond, formam a “Union de Constance”, formada por esses Cantões, por Sigismond, por Réne II de Lorraine e com o apoio financeiro e militar de Louis XI.³⁵⁹ Desta forma a “Union de Constance” começa a conquistar territórios na Borgonha e na Alta Alsácia³⁶⁰, algo que preocupa Charles “le Téméraire”, que via os cantões suíços simplesmente como «des paysans, des peuples bestiaux».³⁶¹

Em Dezembro desse mesmo ano, Louis XI assina mais um Tratado, o de Andernach, com Friedrich III, no qual o monarca francês promete invadir o Luxemburgo e, por sua vez, o imperador promete enviar um exército de 30 000 homens para combater os borgonheses.³⁶² É necessário lembrar que o projeto de Charles “le Téméraire” não era favorável a nenhum dos monarcas.

O duque da Borgonha começa então a reivindicar o seu poder sobre os territórios da Lorraine e da Alsace, mas sem sucesso. Relembremos o cerco de Neuss,³⁶³ no qual Charles “le Téméraire” saiu derrotado, perdendo grande parte das suas tropas, e desperdiçando a oportunidade de se aliar com o rei inglês contra Louis XI.

³⁵⁸ Idem, *Ibidem*, p. 630. Deve ler-se «Os suíços não estavam prontos para atacar a Borgonha, nem tinham os meios para o fazer».

³⁵⁹ VAUGHT, Richard – *Charles the Bold. The last Valois Dukes of Burgundy...*, pp. 278-279.

³⁶⁰ SCHNERB, Bernard – *L’État Bourguignon 1363-1477...*, p. 423.

³⁶¹ SCORDIA, Lydwine - *Louis XI Mythes et réalités...*, p. 214.

³⁶² FAVIER, Jean – *Louis XI...*, p. 663.

³⁶³ « Le duc de Bourgogne assiégeait Neuss avec les nombreuses troupes qu’il avait réunies, Bourguignons, Picards, mercenaires italiens et anglais. Il se rendit compte que le siège et la reddition seraient loin d’être aussi faciles qu’il l’avait pensé et qu’on le lui avait suggéré au début. (...) Le duc de Bourgogne avait espéré prendre ou faire capituler Neuss au bout d’un mois environ, mais il n’y parvint pas après un siège de près d’un an et y passa tout l’hiver et l’été » In BASIN, Thomas – *Histoire de Charles VII et Louis XI...*, p. 623.

Já Louis XI não desperdiçou a oportunidade e assinou o Tratado de Picquigny com os ingleses. Constatando o seu preciso isolamento, Charles “le Téméraire” viu-se obrigado a assinar um tratado de tréguas com Louis XI.³⁶⁴

Esta sequência de alianças e tratados feitos e desfeitos do dia para a noite e envolvendo quase sempre os mesmos é muito difícil de acompanhar, a não ser com um quadro e uma cronologia ao lado. Pode lembrar o pior da antiga “história-batalha”, mas não se pode perceber em todas as suas implicações a opção política de Afonso V em 1475-77 sem lembrar cada uma destas pequenas escaramuças ou grandes guerras em que a França e a Borgonha, em primeiro lugar, estiveram envolvidas ao longo de muitas décadas.

3.3. Nancy: A desgraça de Charles “le Téméraire”

Após a assinatura do Tratado de Soleuvre, Charles, “le Téméraire” volta-se novamente para a Lorraine, uma vez que a região era o elo de ligação que faltava para a existência de uma unidade territorial da Borgonha³⁶⁵. Após ter reforçado o seu exército com mercenários italianos, o duque vai ocupar várias cidades da Lorraine e cercar Nancy, que se rende pouco tempo depois. Charles declara-se duque da Lorraine.³⁶⁶

Em Fevereiro de 1476, quando se aproxima, na Península Ibérica, a data da Batalha de Toro, Charles dirige-se para Berna, e cerca o castelo de Grandson. As gentes de Berna pedem ajuda aos cantões suíços contra o duque da Borgonha, e a 2 de Março de 1476 dá-se a Batalha de Grandson, na qual os borgonheses são derrotados. Para Commynes, «changea le monde après cette bataille»;³⁶⁷ no entanto a ambição desmedida do duque da Borgonha não entendeu o aviso.

³⁶⁴ FAVIER, Jean – *Louis XI...*, p. 687.

³⁶⁵ Idem, *Ibidem*, p. 698.

³⁶⁶ BASIN, Thomas – *Histoire de Charles VII et Louis XI...*, pp. 652-654.

³⁶⁷ COMMYNES, Philippe – *Mémoires...*, Tomo II, p. 13. « O mundo mudou após esta batalha ».

Depois da derrota em Grandson, a maioria da fortíssima artilharia borgonhesa³⁶⁸ ficou nas mãos dos suíços. Charles “le Téméraire” vai então reconstruir o seu exército com mercenários italianos, dirigindo-se novamente para Berna e cercando a cidade de Morat.³⁶⁹ A confederação suíça reuniu rapidamente um exército, com o apoio de Sigismund e de Réne II da Lorena que, com a intenção de recuperar o seu ducado, se juntou a este exército, trazendo algumas tropas fornecidas discretamente por Louis XI. A 22 de Junho, Charles “le Téméraire” perdia inexoravelmente a Batalha de Morat: «Si les bourguignons avaient eu sept morts à Grandson, on compte cette fois, dit-on, quelque dix mille victimes»³⁷⁰. O primeiro número é com toda a certeza subavaliado, e o segundo claramente exagerado, mas a ideia fica.

Após Morat, Charles “le Téméraire” tenta acabar com a aliança entre o rei francês e a “Union de Constance”, uma vez que nessa liga estavam presentes todos os inimigos do duque da Borgonha, mas sem sucesso.

Charles “le Téméraire” procura então outra forma de conseguir enfrentar a “Union de Constance” em pé de igualdade: tentou retirar à duquesa de Sabóia, Yolanda, irmã do rei de França, a tutela do seu filho, o duque Philibert, para dessa forma ter o controlo da Sabóia, mas voltou a não ser bem-sucedido³⁷¹. Esta foi apenas uma das várias iniciativas de Charles que geraram violentos protestos e reações, principalmente em Genebra³⁷².

Charles encontrava-se isolado: «Il sait que toute l’Europe est liguée contre lui, qu’il n’a plus un allié, plus un ami, plus un partisan. Le duché de Bourgogne, si grand, si redoutable hier, va s’effondrer devant ce petit duché de Lorraine, qui lui échappe, qui lui tient tête, qui va consommer la ruine de son rêve impérial. Pendant qu’il cédait à la torpeur de sa mélancolie, ses adversaires ne perdaient pas leur temps. René de

³⁶⁸ Não esqueçamos que é da Borgonha que o Infante D. Pedro, durante a sua Regência, faz aquela que seria a maior importação de artilharia da nossa história.

³⁶⁹ KENDALL, Paul Murray – *Louis XI...*, p. 357.

³⁷⁰ FAVIER, Jean – *Louis XI...*, p. 710: «Se os borgonheses tivessem tido sete mortes na Batalha de Grandson, contamos desta vez, dizem, cerca de dez mil vítimas».

³⁷¹ HEERS, Jacques - *Louis XI...*, p. 76.

³⁷² STEIN, Henry - *Charles de France, frère de Louis XI...*, p.72.

Lorraine avait fait fondre sa vaisselle d'or et d'argent pour équiper des soldats. Il traitait avec Louis XI, avec les Suisses, et ceux-ci, en échange de l'aide qu'il leur avait apportée à Granson, à Morat, lui promettaient d'envoyer trente mille hommes pour défendre Nancy. Et quand Charles, comprenant le danger, se réveille enfin, découvre qu'il est en train de perdre la Lorraine et se précipite pour garder Nancy, il arrive trop tard»³⁷³.

Em Outubro de 1476, Réne II da Lorraine consegue reconquistar Nancy,³⁷⁴ que é imediatamente cercada por Charles “le Téméraire”, no entanto o seu exército não estava preparado para suportar o inverno rigoroso³⁷⁵. Por sua vez, Réne II contava com um exército composto por mercenários suíços e alemães recrutados graças ao constante financiamento de Louis XI³⁷⁶.

No dia 5 de Janeiro de 1477, Charles “le Téméraire” morre no campo de batalha de Nancy³⁷⁷: «Et c'est là le destin qu'avait prophétisé ce présage cruel, au matin de la bataille de Nancy: le lion du cimier qui se détache et tombe dans la boue, et roule vers le néant».³⁷⁸

É no meio de todas estas tramas e disputas territoriais e políticas ferozes entre 1476 e 1477 que vai ‘desembarcar’ D. Afonso V, aparentemente alheio e desconhecendo tudo o que estava a acontecer, com o ‘simples objetivo’ de pedir apoio ao monarca francês contra o rei de Aragão.

³⁷³ BRION, Marcel – *Charles le Téméraire : duc de Bourgogne (1433-1477) ...*, p. 253 : « Ele [Charles le Téméraire] sabe que toda a Europa está unida contra ele, que não tem aliados, nem mais um amigo, nem mais um apoiante. O Ducado da Borgonha, que ainda ontem era tão grande, tão formidável, entrará em colapso perante este pequeno Ducado da Lorena, que lhe escapa, que o enfrenta, que consumará a ruína do seu sonho imperial. Enquanto ele se entregava ao torpor da melancolia, os seus oponentes não perdiam tempo. René de Lorraine derreteu a sua baixela de ouro e prata borgonheses para pagar aos soldados. Estava a tratar com Luís XI e com os suíços, e estes, em troca da ajuda que Louis XI lhes dera em Granson e em Morat, prometiam enviar trinta mil homens para defender Nancy. E quando Charles, percebendo o perigo, finalmente acorda, e descobre que está a perder a Lorena e se precipita para ficar com Nancy, chega tarde demais».

³⁷⁴ COMMYNES, Philippe – *Mémoires...* Tomo II, pp. 39-46.

³⁷⁵ KIRK, John Foster – *History of Charles the Bold, duke of Burgundy*. Vol 3. Philadelphia: Lippincott & CO, 1868, p. 531.

³⁷⁶ HEERS, Jacques - *Louis XI...*, p. 76.

³⁷⁷ Destacamos um catálogo de uma exposição sobre a Batalha de Nancy: *La Bataille de Nancy: mort de Charles le Téméraire, 5 janvier 1477: exposition du 20 septembre au 6 octobre*, Cellier de Clairvaux, Dijon, 1968. Dijon: Comité Bourgogne, 1968.

³⁷⁸ BRION, Marcel – *Charles le Téméraire : duc de Bourgogne (1433-1477) ...*, p. 265.

Esta descrição pormenorizada do reinado de Louis XI é indispensável para se perceber a que monarca, e a que reino se dirige D. Afonso V após a Batalha de Toro, bem como para entender as decisões e os 'desaparecimentos' de Louis XI durante a estadia do rei português em França. Por tudo isto nunca ter sido estudado pela historiografia portuguesa é que esta se cola a Rui de Pina e ao Visconde de Santarém, e acaba, na nossa opinião, a não perceber nada do que se passou, como o próprio Afonso V.

4. Os preparativos de uma viagem

A 1 de Março de 1476 dá-se a Batalha de Toro, cujo resultado, defendido por alguns historiadores como incerto, vai alterar o rumo dos acontecimentos. É sabido que tanto a nível militar, como político, D. Afonso V sai derrotado de Toro: «a honra foi do príncipe D. João, o proveito do rei católico, a vitória de nenhum», nota Luís Fonseca.³⁷⁹ Pesando o que estava em causa, a vitória foi claramente dos Reis Católicos.

O monarca português decide então mudar a sua estratégia, e vê numa viagem ao reino francês a única forma de conseguir o apoio militar necessário para derrotar D. Fernando de Aragão, e desta forma alcançar o trono de Castela.³⁸⁰ Segundo Jorge Borges de Macedo, «D. Afonso V de Portugal não se apercebeu do pouco alcance nacional das suas posições. Apoiado em alguns responsáveis castelhanos, pretendeu chamar a favor das suas teses os interesses europeus».³⁸¹ Teses, ou talvez melhor ambições.

Assim, com o pretexto de querer negociar pessoalmente um acordo com Louis XI, o rei português começa a planear a sua viagem até França, uma atitude quase inédita para a época: «Estamos habituados aos nossos Chefes de Estado que percorrem territórios e fazem longas viagens, encontrando-se com outros Chefes de Estado. Na Idade Média isto também acontecia, mas era mais raro».³⁸²

Segundo Saul Gomes, a viagem do monarca português a França, com o objetivo de pedir apoio militar e político a Louis XI, «não constitui um acto de desespero político, mau grado a imagem de um Portugal fragilizado na política internacional pela

³⁷⁹ FONSECA, Luís Adão da – *D. João II*. Lisboa: Temas e Debates, 2011, p. 42.

³⁸⁰ VICENTE, Maria Graça – “A viagem de D. Afonso V a França”. *Iacobus: revista de estudos jacobeos y medievales*, nº 29-30, 2011, p. 128.

³⁸¹ MACEDO, Jorge Borges - *História Diplomática Portuguesa. Constantes e Linhas de Força. Estudo de Geopolítica*. 2a Ed., Lisboa, Tribuna da História, 2006, p. 102.

³⁸² MARQUES, A. H de Oliveira – “Estado, fronteira e relações exteriores (algumas ideias)”. In Maria Helena da Cruz Coelho; Armando Luís de Carvalho Homem (coord). *A génese do estado moderno no Portugal tardo-medieval (séculos XIII-XV)*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 1999, p.195.

derrota das armas nacionais em Toro». ³⁸³ Registamos a sua interpretação conhedora, embora seja muito difícil aderirmos a ela.

D. Afonso V pensava agora nos tratados e alianças firmados com o rei francês desde 1470 que, se fossem cumpridos, deviam mobilizar Louis XI para uma intervenção mais activa nos problemas ibéricos, incluindo uma eventual intervenção militar. ³⁸⁴

Recordemos então os inúmeros contactos diplomáticos entre D. Afonso V e Louis XI, antes da viagem do monarca português a França.

4.1. A ação diplomática

Segundo Veríssimo Serrão, “ao redor dos anos de 1470”, D. Afonso V manda como embaixadores Lopo de Almeida, Afonso Garcês, o arauto de Alcácer e o doutor Pero Fernandes à corte francesa, para «tratarem das vistas de Castella e del Rei de França» ³⁸⁵; terá também enviado, por esta altura, àquele reino, o Rei de Armas. Porém, estranhamente estas missões diplomáticas não estão mencionadas na crónica de D. Afonso V ³⁸⁶ nem no *Quadro elementar* do Visconde de Santarém, ³⁸⁷ aparecendo apenas mencionadas na obra de Veríssimo Serrão ³⁸⁸ e no *Livro de receitas e despesas da Fazenda Real* de Jorge Faro ³⁸⁹.

Em 1471, foi a vez de o Marquês de Vilhena se deslocar a França, com o objetivo de tentar convencer Louis XI a ajudar o monarca português nas suas pretensões ao trono de Castela ³⁹⁰. O marquês informa ainda o monarca francês de

³⁸³ GOMES, Saul António – *D. Afonso V*. Lisboa: Temas e Debates, 2009, p.277.

³⁸⁴ Idem, *Ibidem*, p. 277.

³⁸⁵ FARO, Jorge - *Receitas e despesas da Fazenda Real de 1384 a 1481*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1965, pp. 79-80.

³⁸⁶ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V*. Collecção de livros inéditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João II. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa, 1790. Tomo I.

³⁸⁷ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potências do mundo desde o princípio da monarchia portugueza até aos nossos dias*. Vol. III. Paris: J. P. Aillaud, 1843.

³⁸⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.

³⁸⁹ FARO, Jorge - *Receitas e despesas da Fazenda Real de 1384 a 1481*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1965.

³⁹⁰ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas...*, p. 108.

que, apesar de Portugal possuir alianças de amizade com Inglaterra, estas não representavam um obstáculo para que se pudesse negociar uma aliança entre Louis XI e D. Afonso V, enquanto rei de Castela: «sem embargo de ter ElRei de Portugal, actualmente também de Castella, elle e seus predecessores, tido sempre boa amizade, paz e aliança com os Reis e reinos de Inglaterra, não deve ElRei de França considerar isto um obstáculo.»³⁹¹. Este apela ainda ao monarca francês que continue a sua guerra contra o rei de Aragão na Catalunha, para que este último, ao ver-se encurralado militarmente em duas frentes, desista das suas pretensões ao reino de Castela. Recordemos que em 1471, Juan II assina o tratado de Abbeville com a Inglaterra e a Borgonha, formando assim uma tríplice aliança antifrancesa. Agradaria por isso a Louis XI uma aliança com Castela que se propunha igualmente combater o monarca de Aragão.

Somente a 13 de Janeiro de 1475 D. Afonso V escreve novamente a Louis XI, informando-o da sua pretensão de se casar com D. Juana para defender os direitos desta ao trono de Castela, preparando-se a para entrar naquele reino. O rei português garante a Louis XI que manterá a aliança existente entre Castela e França.³⁹² A possibilidade de uma aliança entre Castela e Aragão negociada através do casamento entre Fernando e Isabel colocaria também em perigo as pretensões francesas na Catalunha.³⁹³

A 30 de Janeiro é enviada uma nova carta de D. Afonso V a Louis XI. O rei português justifica a correspondência por temer que a sua anterior missiva não chegasse a tempo ao destino: apela à amizade entre os dois reinos, e volta a referir a sua intenção de defender os direitos de D. Juana ao trono de Castela, uma vez que após a morte de Enrique IV vários foram os fidalgos que apelaram a que Afonso V que casasse com Juana e desta forma a protegesse dos seus inimigos³⁹⁴. D. Afonso V dá uma nova informação ao monarca francês: com receio de que o seu casamento com D. Juana fosse anulado por impedimento canónico (seria um tio a casar com uma

³⁹¹ Idem, *Ibidem*, p. 108.

³⁹² Idem, *Ibidem*, pp.112-113.

³⁹³ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. 278.

³⁹⁴ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas ...*, pp. 113-115.

sobrinha), o rei português enviara uma carta ao papa Sisto IV, pedindo-lhe para impor a sua autoridade nesta questão,³⁹⁵ e solicita agora a Louis XI que intervenha igualmente junto da Santa Sé, para ajudar a obter a dispensa matrimonial necessária.³⁹⁶ Entretanto, D. Isabel irá também dar ordens ao seu embaixador em Roma, Garcia Martínez de Lerma, para que este convença o papa Sisto IV a não conceder essa dispensa matrimonial a D. Afonso V e a D. Juana, uma vez que o casamento entre ambos seria «a causa de total destruycion destes reynos, e de otros muchos reynos y aun de la mayor parte de la Cristandade».³⁹⁷

A resposta de Louis XI a estas cartas é demorada, ou porque não vê vantagens para si em tomar posição neste imbróglio, uma vez que a 30 de Janeiro, no mesmo dia em que D. Afonso V escreve ao rei francês à procura de apoio contra Aragão, Louis XI escrevia a Fernando de Aragão tratando-o por «Ferdinand roy de Castelle, de Leon et de Secille, prince d' Aragon».³⁹⁸ Duas cartas partem no mesmo dia, com autores e destinatários comuns e diferentes, para percorrerem distâncias assinaláveis. Recordemos: Louis XI escreve uma amigável missiva a Fernando de Aragão, ao mesmíssimo tempo que Afonso V escreve outra a Louis XI a pedir auxílio militar contra Fernando. E insistimos: que diplomacia, que política externa minimamente coerente e eficaz é possível conduzir em circunstâncias e condições destas?

Em Abril de 1475, Louis XI responde finalmente ao monarca português, informando-o de que enviará ao reino português Olivier de Roux, para responder às cartas que D. Afonso V enviara ao rei francês. Afirma ainda que também ele já tinha mandado uma carta a Sisto IV para que D. Afonso V pudesse obter a dispensa matrimonial. Todavia, tal não era verdade, uma vez que só a 26 de Setembro é que Louis XI enviou de facto um conselheiro a Roma para tratar do assunto³⁹⁹. Convém

³⁹⁵ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. 278.

³⁹⁶ VICENTE, Maria Graça – *A viagem de D. Afonso V a França ...*, p. 124.

³⁹⁷ LA TORRE, António de; SUÁREZ FERNANDEZ, Luís – *Documentos referentes a las relaciones con Portugal durante el reinado de los Reyes Católicos*. Valladolid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1958, p. 117.

³⁹⁸ *Lettres de Louis XI, roi de France...* 1895, Tomo V, p. 308.

³⁹⁹ D'HERBOMMEZ, Armand – *Une lettre de Louis XI à Sixte IV relative aux affaires d'Espagne, tirée de la Bibliothèque de Saint-Marc de Venise; Bibliothèque de l'École des Chartes*, vol. VI, Paris, 1890, p. 662.

relembrar que apenas em finais de Agosto é assinado o Tratado de Picquigny, o que permite a Louis XI finalmente focar-se na questão castelhana.

A chegada de Olivier de Roux a Portugal traz algum alívio a D. Afonso V, convencido de que agora o apoio de Louis XI não tardaria. O embaixador francês informa o rei português de que Louis XI tem intenções de formar uma aliança com D. Afonso V; no entanto, o facto de Portugal ter alianças de amizade com Inglaterra suscitava alguma preocupação do rei francês, uma vez que uma aliança com D. Afonso V podia significar uma nova ameaça inglesa para o reino francês⁴⁰⁰.

Contudo, não esqueçamos que, por outro lado, uma futura aliança entre Louis XI e D. Afonso V, enquanto rei de Castela, enfraqueceria a coroa de Aragão, permitindo ao rei francês obter definitivamente os territórios do Rossilhão, não tendo que se preocupar com a fronteira dos Pirenéus, e assim focar-se na centralização do território francês, e no ducado da Borgonha. Louis XI partia também do princípio de que quando D. Afonso V se tornasse rei de Castela, deixaria o reino de Portugal nas mãos do seu filho, o príncipe D. João. Desta forma as alianças de amizade entre Inglaterra e Portugal continuariam a existir, e não haveria preocupações por parte do reino francês em estabelecer alianças com Castela.⁴⁰¹

Segundo Luís Adão da Fonseca, «o que está em jogo, nestes anos, é um plano de longo alcance que afecta, pelas suas implicações directas e indirectas toda a Península Ibérica, a sua vertente marítima no Mediterrâneo Ocidental e as suas ligações oceânicas com o Norte Atlântico».⁴⁰² Numa simplificação que pode pecar por excessiva, desde a Guerra dos Cem Anos passaram a existir dois grandes blocos: a Inglaterra, por um lado, França e Castela, por outro. Quem celebrasse uma aliança com um dos lados estava automaticamente, mesmo sem querer, a tornar-se inimigo do bloco adversário. Para os reinos ou entidades políticas mais pequenas, isso significava quase sempre metê-los em 'guerras' que eles não desejavam.

⁴⁰⁰ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas...*, p. 117.

⁴⁰¹ GOMES, Saul António - *D. Afonso V ...*, p. 279.

⁴⁰² FONSECA, Luís Adão da - *D. João II...*, p. 43.

Olivier de Roux informa D. Afonso V de que o monarca de Aragão fez igualmente diligências, enviando o Conde de Prado como embaixador até à corte francesa para propor uma futura aliança com Louis XI, bem como negociar um possível casamento entre o delfim de França e uma futura filha de D. Fernando e de D. Isabel.⁴⁰³

Torna-se clara a intenção de Louis XI, que tenta primeiro perceber qual será a melhor forma de atuação na questão relativa ao trono de Castela, e por isso vai atuar em várias frentes diplomáticas. Já não era a primeira vez que Louis XI se intrometia neste tipo de querelas dinásticas, como forma de expandir o seu território. Por um lado, uma aliança com os reis católicos, e conseqüentemente a união entre Castela e Aragão, poderia culminar na perda do território do Rossilhão e numa nova ameaça para o território francês, uma vez que Aragão era aliado da Borgonha, algo que poderia provocar um conflito em duas frentes para a coroa francesa.⁴⁰⁴ Por outro, como já foi dito, uma união com D. Afonso V, aliado de Inglaterra, poderia resultar numa nova ameaça inglesa.⁴⁰⁵ Louis XI necessitava de mover com cautela as várias peças deste xadrez peninsular, para obter vantagens políticas para o reino francês.

Entretanto, a 30 de Maio de 1475, D. Afonso V casa-se com D. Juana em Plasencia, sendo ela de seguida proclamada rainha de Castela. Um dado novo que podia mudar tudo.

A 3 de Junho, D. Afonso V decide enviar a França dois embaixadores: D. Álvaro de Ataíde e o doutor João de Elvas, para negociarem um tratado de aliança entre Louis XI e ele, agora com o título de rei de Castela, que não era pormenor de somenos. João de Elvas tinha já participado numa embaixada a Inglaterra, em 1472, com o intuito de resolver a questão dos roubos a naus portuguesas pelos ingleses⁴⁰⁶. Esta embaixada a França terá sido a primeira de Álvaro de Ataíde. Nela iam igualmente os cavaleiros João de Montemor, Diogo Prato, João Luís, João Álvares, Diogo Rodrigues e Estêvão

⁴⁰³ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas...* pp. 118-119.

⁴⁰⁴ VICENTE, Maria Graça – *A viagem de D. Afonso V a França ...*, p. 126.

⁴⁰⁵ SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *Relações históricas entre Portugal e a França...* p. 98.

⁴⁰⁶ LIMA, Douglas Mota Xavier – *A diplomacia portuguesa no reinado de D. Afonso V (1448-1481)*. Doutoramento em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, p. 140.

Fernandes.⁴⁰⁷ O monarca português concedeu aos dois embaixadores todos os poderes e autoridade para «tratar, fazer e assentar paz, amizade e aliança em seu nome e no de seus sucessores e herdeiros dos reinos de Castela, Leão, e Portugal, com o sobredito Rei de França.»⁴⁰⁸

Entretanto, não podemos deixar de mencionar a intervenção pontifícia, que nesta altura se inclina para a causa portuguesa, uma vez que o papa Sisto IV pede a Juan II de Aragão para que este demova Fernando de Aragão da luta com D. Afonso V. Segundo Dias Dinis « a embaixada portuguesa a Roma e sobretudo talvez a francesa corroborada agora esta pelas disposições de Luís XI a nosso respeito (...) surtiram efeito diplomático na cúria pontifícia, havendo-se o papa inclinado momentaneamente à nossa causa»⁴⁰⁹

A 8 de Setembro é assinado o Tratado da Liga Ofensiva entre Afonso V, representado pelos seus embaixadores, e Louis XI, contra Fernando de Aragão. Nesse tratado ficou decidido que todos os territórios que fossem conquistados pelo rei francês no reino de Aragão e em Valência seriam entregues ao rei português e, por sua vez, todos os territórios que fossem conquistados por D. Afonso V na Catalunha, no Rossilhão na Sardenha e nas Ilhas Baleares, seriam entregues a Louis XI.⁴¹⁰ Estranhas cláusulas, praticamente impossíveis de concretizar.

Porém Louis XI tinha já a 4 de Setembro, ou seja, *quatro dias antes*, assinado um tratado de paz com Fernando de Aragão, que se estendia até 1 de Julho do ano seguinte.⁴¹¹ Voltamos ao mesmo: e o “Inconstante” foi D. Fernando? Por outro lado, como poderemos classificar este comportamento do rei francês? Duplicidade? Traição às duas partes, Portugal e Aragão? Oportunismo político? Sentido da negociação e esperteza na gestão das relações externas? É um debate que nos parece insuficientemente feito nesta área da historiografia.

⁴⁰⁷ Idem, *Ibidem*, p. 298.

⁴⁰⁸ SANTARÉM, Visconde de - Quadro elementar das relações políticas..., p. 124.

⁴⁰⁹ DINIS, António Joaquim Dias. Dois embaixadores de el-Rei D. Afonso V. *Cadernos Históricos* 1. Braga: Editora Franciscana, 1955, p. 53.

⁴¹⁰ Idem, *Ibidem*, p. 125.

⁴¹¹ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. dem279.

A 23 de Setembro, Louis XI confirma e renova os antigos tratados de aliança entre França e Castela,⁴¹² bem como reconhece os direitos de D. Juana ao trono de Castela – e isto pode parecer contraditório, mas na altura não era. O rei francês considerava Afonso V e Juana como reis de Castela. No entanto, os embaixadores portugueses não conseguiram perceber que este tratado apenas teria efeito se D. Afonso V conseguisse assegurar as suas pretensões em Castela, e ficar efetivamente no trono.⁴¹³ Talvez inebriados com as propostas de aliança por parte do monarca francês, e sabendo como elas seriam música para os ouvidos de Afonso V, Álvaro de Ataíde e João de Elvas não se aperceberam de que Louis XI estava a fazer jogo duplo: para o monarca francês os interesses do reino estavam acima de qualquer aliança externa. E para os demais reis, idem.

Após assinar uma trégua com o rei de Inglaterra a 29 de Agosto de 1475, umas tréguas de comércio com o duque da Borgonha a 13 de Setembro e finalmente o tratado de paz com a Bretanha a 9 de Outubro, Louis XI começa agora a focar-se na questão castelhana.

A 21 de Dezembro de 1475, Louis XI envia uma carta ao rei português informando-o de que estava a preparar uma ofensiva militar na fronteira da Biscaia para desta forma ajudar D. Afonso V na luta pelos seus direitos ao trono de Castela: «Comme pour secourir e aider á nostre très cher e très aimé frere, cousin e allié le Roy de Portugal e de Castille á l'encontre d'aucun ses enemis e adversaires, que luy detiennent e occupent le dit Royaume de Castelle, ou partie d'iceluy, e autres ses pays e seigneuries, nous ayons conclu e delibere envoyer une bonne e grande armée de nos dites gens de guerre, e tant par mer, es marches de Guipusque e Biscaye».⁴¹⁴ Esta importante carta foi sem dúvida o mais perto que Louis XI esteve dos projetos castelhanos de Afonso V; que acreditou nela. E por isso, quando as coisas se complicaram em Castela, entendeu ir cobrar a promessa a França.

⁴¹² SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas...*, p. 126.

⁴¹³ SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *Relações históricas entre Portugal e a França...*, p. 101.

⁴¹⁴ Idem, *Ibidem*, pp. 155-157.

4.2. D. Afonso V decide viajar até terras francesas.

Voltemos ao início do capítulo. D. Afonso V perde a Batalha de Toro,⁴¹⁵ e toma consciência de que só o apoio militar de Louis XI reanimaria as suas pretensões ao trono de Castela. Entretanto, após a chegada dos embaixadores ao reino português, estes dirigem-se a Toro, onde ainda se encontrava D. Afonso V, para o informar do êxito da viagem a França, o que de certa forma tranquilizou o rei português: «Tendo Dom Alvaro d’Ataide acabados hos negócios a que ho elRei dõ Afonso mandara a França, se tornou aho Regno, & dali veio ter a Touro, onde lhe deu recado, & cartas delRei Luis cheas de muitos offrecimentos, & grandes promessas dajuda».⁴¹⁶ Não lhe disseram, porque não sabiam, que quatro dias antes Louis XI escrevera promessas de amizade eterna ao mesmo Fernando de Aragão que expulsara facilmente Afonso V do campo de batalha.

D. Afonso V esperava de ora em diante que uma iniciativa militar por parte do rei francês na região dos Pirenéus desmembrasse as tropas de Fernando de Aragão, permitindo assim ao monarca português conquistar mais facilmente as regiões da fronteira castelhana, algo que até ao momento se mostrava complicado⁴¹⁷.

Compreendem-se agora as palavras do cronista francês Philippe Commynes quando afirma que o problema do rei português foi ter confiado nos seus embaixadores, quando estes lhe trouxeram notícias de uma garantida ajuda militar de Louis XI: «un prince doit bien regarder quels ambassadeurs il envoye par país: car si ceux qui vindrent faire l’alliance du Roy de Portugal de par deçà ...eussent esté bien sages, ils se fussent mieux informez des choses de deçà, auãt que cõseiller à leur

⁴¹⁵ Sem querer resumir aqui a confusa batalha de Toro, de uma coisa não ficam quaisquer dúvidas: no sector de decisivo da batalha, em que se enfrentavam Fernando de Aragão e Afonso V, a carga de cavalaria de Fernando destroçou em escassos minutos a cavalaria portuguesa, lançando Afonso V numa fuga precipitada e longa, que só terminou já de noite, quando o monarca e o seus próximos encontraram abrigo dentro das muralhas de um castelo. O que verdadeiramente interessa da batalha é isto. A boa figura do príncipe D. João fica nos anais, mas não alterou o essencial do desfecho de Toro. Ver: DUARTE, Luís Miguel - «A marinha de guerra. A pólvora. O norte de África», In *Nova História Militar de Portugal*. Dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol.1. Coord de José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003, pp. 373-391.

⁴¹⁶ DAMIÃO DE GOIS – *Crónica do príncipe D. João...*, p. 180.

⁴¹⁷ SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *Relações Históricas entre Portugal e a França (1430-1481)* ..., p. 103.

maistre ceste venue, qui tant luy porta dommaige»⁴¹⁸. Um comentário: se como investigadores devemos ser ‘duros’ com Fernão Lopes, Zurara ou Pina, não aceitando sem crítica o que eles escreveram, Commynes não nos mereceu tratamento especial: os embaixadores portugueses foram recebidos pelo rei e ouviram da sua boca a promessa clara de que ajudaria militarmente Afonso V contra Fernando. Possivelmente não tiveram possibilidade de demorar mais em França, ou de fazerem outros contactos e obterem outras informações, que talvez lhes dissessem: cuidado com as promessas do rei de França. Commynes pode por isso acusá-los de precipitação, ingenuidade, fraco trabalho de recolha de informações. Mas a realidade é que Louis IX prometeu a esses embaixadores algo que nunca pensou cumprir.

Entretanto, e ainda em Toro, D. Afonso V, receoso de que o rei francês não cumprisse o prometido, começou a planear a sua viagem ao reino francês com o objetivo de solicitar pessoalmente a Louis XI o apoio militar estipulado no tratado de 8 de Setembro. A questão é simples: será que D. Afonso V no fundo nunca confiou em Louis XI? E se foi assim, porque lhe passou pela cabeça que um encontro presencial resolveria o problema?

A 15 de Março de 1476, o rei português envia uma carta à Câmara do Porto a pedir o aprestamento de uma caravela que conduziria Fernão Álvares Baldaia até à corte francesa « por cousas muyto compridoiras a seu seruyço, elle enuyaua ora Fernand Alvarez Baldaya a casa dellrrey de França; que lhes encomendaua e rrogava muyto que, pois bem sabiam suas despesas e necessidades, dessem hordem de le fazerem a despesa a hua caravella em que o dicto Fernand Allvarez auya de hir, asy de frete como bitalha e soldo de marynheiro»⁴¹⁹. A 25 de Março, a Câmara do Porto reúne-se e aceita o encargo da viagem⁴²⁰.

⁴¹⁸ COMMYNES, Philippe – *Mémoires...* Tomo II, p. 60: «um príncipe deve observar atentamente os embaixadores que envia para um país porque se aqueles que vieram fazer a aliança do Rei de Portugal além disso tivessem sido mais sábios, teriam sido mais bem informados do que se passava aqui, em vez de esperar a vinda do seu senhor que lhe causou tantos danos».

⁴¹⁹- Doc XXIX: DINIS, António Joaquim Dias. *Dois embaixadores de el-Rei D. Afonso V...*, p. 112.

⁴²⁰ *Indice Chronologico dos Documentos*. Pub. por J. A. Pinto Ferreira. Porto: Câmara Municipal do Porto. Gabinete de História da Cidade, 1951, p. 194.

Fernão Álvares Baldaia⁴²¹ foi vedor dos vassallos do Porto, cavaleiro de D. Afonso V e tesoureiro da moeda do Porto. Segundo Douglas Lima, «Fernão Álvares Baldaia é um dos embaixadores que não se enquadra na nobreza e nem no quadro do oficialato régio, sendo um bom exemplo da articulação entre as elites citadinas e a diplomacia». ⁴²²

Em Abril, ⁴²³ D. Afonso V envia Fernão Luís⁴²⁴, enquanto seu embaixador, até à corte inglesa com o objetivo de convencer Edward IV a manter as tréguas assinadas com Louis XI. O monarca português tinha a perfeita noção de que se a Inglaterra entrasse em guerra com a França, Louis XI não conseguiria apoiá-lo militarmente em Castela. Por sua vez, a hipótese de D. Afonso V ter enviado o seu embaixador com o objetivo de conseguir o apoio militar do rei inglês para fazer face a Fernando de Aragão também não deve ser posta de parte, uma vez que Louis XI ainda não tinha demonstrado concretamente o seu apoio ao rei português. De seguida, Fernão Luís parte para a Bretanha, onde terá entregue ao duque François II algumas cartas do rei português. Posteriormente dirige-se para a corte francesa com a função de informar Louis XI da futura visita de D. Afonso V ao reino francês. Suspeitamos de que Louis XI, muito preocupado com mitos e graves problemas simultâneos (incluindo a sua sobrevivência política e física), não terá ficado propriamente feliz com esta notícia.

⁴²¹ Ver: SOUSA, Ivo Carneiro de. A fortuna de Fernão Álvares Baldaia: mercador, embaixador e cavaleiro do Porto. In: Humanidades: revista trimestral da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no 3, Abril de 1983, pp. 42-72.

⁴²² LIMA, Douglas Mota Xavier – *A diplomacia portuguesa...*, pp. 137-138.

⁴²³ A 15 de Abril, D. Afonso V escreve uma carta à Câmara do Porto a agradecer o aprestamento da nau que conduziu o embaixador português até à corte inglesa. Ver: Doc XXXII. DINIS, António Joaquim Dias- *Dois embaixadores de el-Rei D. Afonso V. Cadernos Históricos* 1. Braga: Editora Franciscana, 1955, pp. 114-115.

⁴²⁴ Fernão Luís foi mercador do Porto e cavaleiro da casa real. Ver: DINIS, António Joaquim Dias- *Dois embaixadores de el-Rei D. Afonso V. Cadernos Históricos* 1. Braga: Editora Franciscana, 1955, pp. 70-83. LIMA, Douglas Mota Xavier – *A diplomacia portuguesa no reinado de D. Afonso V (1448-1481)*. Doutoramento em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016. pp.339-340.

Ainda durante o mês de Abril, D. Afonso V mandou os embaixadores Álvaro Lopes de Chaves⁴²⁵ e Pero de Sousa⁴²⁶ ao ducado da Bretanha, com o objetivo de negociar a participação do ducado nas tréguas entre França e Inglaterra. A 4 de Julho, François II responde positivamente quanto à sua entrada nesse acordo de tréguas entre os dois reinos.⁴²⁷ Faça-se alguma justiça a Afonso V e aos reis e grandes senhores do seu tempo: para garantir ajuda militar da França não bastava falar com o respectivo rei; era essencial mandar embaixadas aos territórios e reinos mais importantes que estivessem em guerra ou com relações tensas com a França e pedir-lhes paz ou tréguas, para a França ter condições para ajudar a Coroa portuguesa.

O monarca português, após ter negociado várias alianças, deixa os territórios e praças já conquistadas em Castela nas mãos de capitães portugueses e castelhanos,⁴²⁸ e regressa a Portugal. Entretanto, depois de Toro, e mediante esse regresso, alguns dos mais importantes fidalgos e eclesiásticos castelhanos que deram voz por Afonso V passaram-se para o partido de Fernando e Isabel.

A 12 de Junho, D. Afonso V encontrava-se já em Miranda do Douro, onde nomeou o conde de Vila Real fronteiro mor da Beira.⁴²⁹ O rei português vai também passar um alvará a D. Vasco, prior do Hospital, para que este mandasse preparar uma nau e mantimentos para a viagem ao reino francês⁴³⁰. D. Afonso V ordena de seguida que D. Juana seguisse parha a cidade da Guarda, acompanhada por João de Abreu,

⁴²⁵ Álvaro Lopes de Chaves foi secretário régio de D. Afonso V entre 1475 e 1481, esteve Presente na batalha do Toro, e elaborou o Livro de Apontamentos (1438-1489). Foi enviado a Castela nos anos de 1464, 1471 e 1472. Em Abril de 1476, é enviado ao ducado da Bretanha juntamente com Pero de Sousa. VER: LIMA, Douglas Mota Xavier – *A diplomacia portuguesa no reinado de D. Afonso V (1448-1481)*. Doutoramento em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, pp. 306-307; MONTEIRO, Helena Maria. *A Chancelaria régia e os seus oficiais. (1464-1465)*. Dissertação de mestrado. Porto: Universidade do Porto, 1997, vol. II, p. 157-159.

⁴²⁶ Pero de Sousa foi Mordomo-mor de D. Afonso V, e membro do seu conselho. A sua primeira embaixada dá-se em Abril ao ducado da Bretanha, tendo conseguido uma resposta positiva do duque. VER: LIMA, Douglas Mota Xavier – *A diplomacia portuguesa no reinado de D. Afonso V (1448-1481)*. Doutoramento em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, pp. 404-406.

⁴²⁷ LIMA, Douglas Mota Xavier – *A diplomacia portuguesa...*, p. 405.

⁴²⁸ MENDONÇA, Manuela – *O sonho da União Ibérica. Guerra luso-castelhana (1475-1479) ...*, p. 81.

⁴²⁹ Idem, *Ibidem*, p. 82.

⁴³⁰ *Indice Chronologico dos Documentos...*, p. 195.

bispo de Viseu, e pelo conde de Vila Real, recebendo dias mais tarde a visita do príncipe D. João, que a acompanhou até Abrantes.⁴³¹

Entretanto, o rei foi ao Porto, onde começou os preparativos para a sua viagem a França, juntando-se a ele, alguns dias mais tarde, o príncipe D. João, que parecia estar de acordo com esta viagem a França por parte do seu pai.⁴³² Segundo Manuela Mendonça, o facto de esta viagem afastar o monarca da luta em Castela, que para o príncipe D. João parecia estar perdida, pode ter sido um dos fatores que levaram o príncipe a não se opor a esta viagem.⁴³³ Porque se o rei parecia ignorar o que verdadeiramente se passava em França, na Borgonha, na Bretanha, duvidamos de que D. João não estivesse bem informado.

O monarca português começou a planear a rota da viagem, tendo como itinerário partir da cidade do Porto com destino à Bretanha, seguindo depois até Lyon,⁴³⁴ onde se encontrava Louis XI. Se o objetivo era Lyon, esta ideia de itinerário não parece famosa.

No dia 17 de Julho, D. Afonso V enviou a França um novo embaixador, Pero de Sousa,⁴³⁵ para informar Louis XI da futura chegada do rei português ao reino.⁴³⁶

Nessa altura, as costas da Galiza e do Golfo da Biscaia eram fortemente vigiadas pela esquadra de D. Fernando, «porque pelo outro mar Oceano poderia por el rei D. Fernando receber maior contradição, por rezam da frota da Galiza e Bizcaya, com que seria mais poderoso»,⁴³⁷ e por isso, D. Afonso V vê-se obrigado a mudar o itinerário da viagem e partir antes de Lisboa, seguindo pelo mar do Levante para desembarcar na Provença.⁴³⁸

⁴³¹ DAMIÃO DE GOIS – *Crónica do príncipe D. João...*, p. 183.

⁴³² FONSECA, Luís Adão da – *D. João II...*, p. 45.

⁴³³ MENDONÇA, Manuela – *O sonho da União Ibérica...*, p. 82.

⁴³⁴ *Lettres de Louis XI, roi de France...* 1898, Tomo VI, pp. 62-66.

⁴³⁵ Relembramos que em Abril de 1476, este embaixador tinha já sido enviado pelo rei português ao ducado da Bretanha com o objetivo de negociar a entrada da Bretanha nas tréguas entre o reino francês e Inglaterra; LIMA, Douglas Mota Xavier – *A diplomacia portuguesa no reinado de D. Afonso V (1448-1481)*. Doutoramento em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, pp. 404-406.

⁴³⁶ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 565.

⁴³⁷ Idem, *Ibidem*, p. 567.

⁴³⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França...*, p. 106.

A 2 de Agosto, o rei português encontrava-se ainda na cidade do Porto, seguindo depois para Aveiro onde visitou a sua filha, D. Joana. D. Afonso V deslocou-se de seguida para Lisboa, onde chegou no dia 11 de Agosto. O monarca visitou a Batalha no dia 17 e voltou a Lisboa⁴³⁹.

A 27 de Agosto, D. Afonso V passou uma procuração ao príncipe D. João para que este governasse os reinos de Portugal e Castela na sua ausência. O príncipe ficou encarregado de «Prover e remediar em todallas cousas que visse e conhecesse compridoiras». ⁴⁴⁰ Desta forma, estando D. Afonso V em França, D. João poderia entrar em Castela, caso fosse necessário enfrentar alguma ameaça militar naquele reino. Isto pensava o pai; porque o filho era a última coisa em que estaria a pensar.

É importante ter presente que D. Afonso V realizou esta viagem enquanto *rei de Castela* e não como rei de Portugal, uma vez que não foram convocadas Cortes. Segundo Veríssimo Serrão, «foi o rei de Castela quem efectuou a viagem, não propriamente D. Afonso V de Portugal, o que poderia levantar na época um problema novo no Direito português: o exercício do Poder abstrato por um Rei ausente e o do Poder real por um Príncipe sem procuração para o exercer». ⁴⁴¹ Procuração do reino, entenda-se.

4.3. A viagem por mar

No final de Agosto, D. Afonso V deixa finalmente Lisboa, numa frota composta, segundo Rui de Pina, por 16 naus e cinco caravelas que levariam cerca de 2.200 pessoas, das quais 480 eram cavaleiros: «Com esta detriminaçam se partiram, e ajuntaram todos a Lixboa, onde xvi navios pera a embarçam d’El Rey foram logo preestes, dos quaaes se aparelhou huma hurca pera sua pessoa, (...) com dous mil e duzentos homens, em que hiam quatrocentas e oitenta pessoas a que em terra eram

⁴³⁹ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. 280.

⁴⁴⁰ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1475, pp. 159-161.

⁴⁴¹ Idem, *Ibidem...*, p. 108.

ordenadas encavalgadas». ⁴⁴² Damião Gois descreve uma frota de «dezasseis naos e cinco carauellas, e tomar a soldo dous mil, e dozentos soldados, pera guarda d'armada, afora quatroçentos, setenta fidalgos, e contínuos de sua casa que leuou pera serviço de sua pessoa». ⁴⁴³ Cristóvão Acenheiro informa-nos da existência de 16 navios, uma urca e 400 cavaleiros ⁴⁴⁴. Nas crónicas francesas não existe qualquer informação sobre quantas pessoas faziam parte da comitiva de D. Afonso V, nem sobre o número de caravelas e naus que chegaram ao porto francês. Fiquemos mais próximos de Rui de Pina, e sublinhemos: 16 naus, cinco caravelas, total de 2.200 pessoas, das quais quase 500 cavaleiros. Num Portugal que estava financeiramente de rastos.

Sabemos que ir em viagem a Castela ou ir em viagem para além-pireneus era diferente. O rei teria também consciência disso uma vez que estabelece diferentes preços e “encavalgadas” para os embaixadores que iam em missão “fora de Espanha” conforme se verifica no Livro Vermelho ⁴⁴⁵

Após sair de Lisboa, a frota portuguesa seguiu até Lagos, onde se encontrava o corsário francês Coulon, a quem Louis XI mandara vigiar as costas do Atlântico. ⁴⁴⁶

De Lagos, D. Afonso V partiu com destino a França; no entanto, os ventos contrários que se faziam sentir no estreito de Gibraltar, e que afiguravam um presságio, obrigaram a frota portuguesa a desembarcar em Ceuta; ⁴⁴⁷ curto progresso.

Alguns dias mais tarde, D. Afonso V e a sua comitiva seguem de novo viagem com destino a Marselha; de novo os ventos fortes obrigaram a frota portuguesa a atracar no porto de Collioure, no Rossilhão. ⁴⁴⁸

⁴⁴² PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 567.

⁴⁴³ GOIS, Damião de – *Crónica do príncipe D. João...*, pp. 183-184.

⁴⁴⁴ ACENHEIRO, Cristóvão Rodrigues – *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*. In Collecção de livros ineditos de historia portugueza. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa, 1824. Tomo V, p. 274.

⁴⁴⁵ Livro vermelho. In Coleção de livros ineditos de historia portugueza: dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa, 1793. Tomo III, pp. 467-469.

⁴⁴⁶ MORENO, Humberto Baquero; FREITAS, Isabel Vaz de – *A Corte de D. Afonso V: o Tempo e os Homens*. Gijón: Ediciones Trea, 2006, p.250.

⁴⁴⁷ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França...*, p. 110.

⁴⁴⁸ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...*, Tomo I, p. 568.

Finalmente em território francês, D. Afonso V prossegue a sua viagem por terra, e sente agora que o seu objetivo de obter o apoio de Louis XI está cada vez mais próximo, ou assim pensava o rei português.

5. Por terras de França...

Nos primeiros dias de Setembro, D. Afonso V chegou finalmente a França por onde andaria durante *cerca de um ano*. A sua viagem é relatada por vários cronistas portugueses.

É muito importante referir que a maioria das crónicas francesas quase não se manifesta quanto aos caminhos seguidos por D. Afonso V em França (aliás não fala muito de toda a viagem). Jean de Roye, na sua *Chronique Scandaleuse*, relata apenas que o rei português «qui prétendait par sa femme aux royaumes de Leon et de Castille, soit à l'ensemble des Espagnes, quitta son royaume de Portugal pour débarquer em France; il vint à Lyon puis à Tours»⁴⁴⁹. Phillipe Commynes, descreve somente o encontro entre os dois monarcas, e Thomas Basin nem sequer refere a visita do monarca ao reino. As únicas notícias que temos sobre a passagem do rei português por determinados locais devem-se a relatos de religiosos, ou a cartas enviadas pelo monarca francês às cidades para que estas recebessem D. Afonso V em festa.

⁴⁴⁹ ROYE, Jean de - *Chronique scandaleuse. Journal d'un Parisien au temps de Louis XI*. (Trad. Joël Blanchard). Paris: Pocket, 2015, p. 291: «O rei português, que reclamava pela esposa os reinos de Leão e Castela, ou seja, o território das Espanhas, deixou o seu reino de Portugal para desembarcar em França; ele veio para Lyon e depois para Tours».

Figura 3- Itinerário de D. Afonso V durante a sua viagem a França entre 1476-1477.



Fonte: Mapa produzido através das informações de: SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1475; https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map_France_1477-pt.svg. Adaptado da obra Muiir's Historical Atlas Ancient, Medieval and Modern. Ed. TREHARNE, R.F; FULLARD, Harold. New York: Barnes & Nobles, 1962, p.30. (Cons. 15.08.2020).

D. Afonso V desembarca então no porto de Colliure,⁴⁵⁰ no Rossilhão, com a sua comitiva de 2200 pessoas, das quais 480 eram cavaleiros «a que em terras eram ordenadas encavalgadas»⁴⁵¹, sendo recebido por um capitão de Louis XI, que lhe facultou os meios necessários para seguir viagem.⁴⁵² Podemos agora colocar uma serie de questões quanto a esta comitiva: todos permaneceram sempre junto do rei? Quanto tempo ficaram em França? Quem eram? Onde ficavam alojados?⁴⁵³ Como se deslocavam?⁴⁵⁴ Perguntas a que procuraremos dar resposta ao logo do trabalho.

O monarca português e toda a sua comitiva dirigiram-se até Perpignan, capital do Rossilhão, acompanhados por Charles de Martigny, bispo de Elne,⁴⁵⁵ onde chegaram a 17 de Setembro.⁴⁵⁶ Em honra ao monarca português mandaram libertar os presos da cidade, algo que iria ocorrer em quase todas as cidades pelas quais D. Afonso V passaria.⁴⁵⁷

⁴⁵⁰ Em data desconhecida; mas sabendo nós que o monarca partiu de Portugal na última semana de Agosto e que o governador do Rossilhão informou Louis XI da chegada do rei português numa carta datada de 16 de Setembro de 1476, pressupõe-se que terá chegado nas primeiras semanas de Setembro. In SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975, p.108; *Lettres de Louis XI, roi de France*. (Ed.) Joseph Vaësen; Étienne Charavay. Paris: Société de l’Histoire de France, 1909. Tomo X, p. 389.

⁴⁵¹ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V...* Tomo I, p. 567.

⁴⁵² SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas...* p. 129.

⁴⁵³ Recordemos que já em o rei D. Dinis tinha ido em viagem diplomática até Aragão para resolver a contenda entre o rei de Castela e o rei de Aragão, desta viagem ficamos com a informação de que o monarca e a sua comitiva acamparam em vários locais. Em: PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor- D. Dinis. Lisboa:Temas e Debates, 2012, pp. 155-159. Por sua vez, sobre os acampamentos na Idade Média destacamos a obra: MARTIN, Hervé; RUSSON, Marc – *Vivre sous la tente au moyen age (Ve – XVe siècle)*. Rennes: Editions Ouest-France, 2010.

⁴⁵⁴ Subsumido no nosso trabalho estará sempre o tema da viagem na Idade Média. Referiremos aspetos materiais pontuais que consideramos com interesse, mas a nossa dissertação não é sobre a viagem. Ainda assim, de entre a abundante bibliografia de que nos servimos, destacamos: *Voyages et voyageurs au moyen age*. Actes des congrès de la Société des historiens médiévistes de l’enseignement supérieur public, 26^o congrès, Aubazine, 1995. Paris: Publications de la Sorbonne, 1996; VERDON, Jean- *Voyager au Moyen Age*. Paris: Perrin,2007; mas sobretudo o catálogo de uma excepcional exposição que pudemos ver há algum tempo no Musée National du Moyen Âge, em Paris, e para o respetivo catálogo: *Voyager au Moyen Âge*. Paris: RMD, 2014 (com saliência para a bibliografia quase exaustiva indicada nas páginas 156-159.).

⁴⁵⁵ Charles de Martigny, antigo juiz em Toulouse, foi eleito bispo de Elne a 24 de outubro de 1475; DENIS, Serge. Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal. *Bulletin Hispanique*, tomo 36, n^o3, 1934, p. 289.

⁴⁵⁶ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. 281.

⁴⁵⁷ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas...*, p. 129.

O rei português é recebido pelo governador e pelos vereadores da cidade, junto à porta de Canet, seguindo em procissão até à Igreja de São João,⁴⁵⁸ onde o esperavam clérigos, membros de confrarias e dos mestres locais – o habitual numa entrada régia ao tempo⁴⁵⁹. Para Serge Denis, «...la cérémonie est courtoise, honorable sans doute, mais elle paraît manquer d’enthousiasme»⁴⁶⁰. É importante lembrar que ainda no ano anterior Perpignan tinha resistido às tropas francesas que lutavam contra Jean II pela sua posse. Por isso não é de estranhar quando Zurita afirma que «...al mismo tiempo que el rey de Portugal aportó com su armada a Colibre y se fué a la villa de Perpignan hubo grande alteracion y movimiento por todas aquellas fronteras recelando que yva a hazer la guerra por ellas com el poder y socorro del rey de Francia y no se curando de la trégua que avia entre los reyes de Aragon y Francia por aquellas fronteiras entraron de nuevo algunas compañías de gente de armas en el condado de Ampurias».⁴⁶¹ A situação política no Rossilhão ainda não está completamente controlada; a chegada de um rei ‘desconhecido’ à frente de uma enorme comitiva podia gerar inquietação, bem como promessas ambíguas de alguma animação no comércio local.

De Perpignan, o rei decide enviar o seu embaixador, D. Francisco de Almeida, ao encontro de Louis XI, para o informar da sua chegada,⁴⁶² o que o soberano francês já soubera, através de uma carta enviada pelo governador do Rossilhão a 16 de Setembro (ou seja, na véspera) «...que vous m’avez escriptes par Portingal...»⁴⁶³. O monarca português queria igualmente demonstrar o seu desejo de se encontrar o mais rapidamente possível com o rei francês, algo que como veremos mais à frente, ainda iria demorar. Estamos em crer que, a partir do momento em que soube que tinha

⁴⁵⁸ Nessa igreja D. Afonso V terá rezado junto do altar-mor e venerado a relíquia da vera cruz: «E aqui astaven totes les creus e aqui asparan fins que lo senyor Rey fo arribar; e aqui ell descavalca e adora la vera creu». In DENIS, Serge. *Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal*. In: *Bulletin Hispanique*, tomo 36, nº3, 1934. p.289. Como sabemos, havia vários fragmentos dessa relíquia em Portugal.

⁴⁵⁹ ALVES, Ana Maria – *As entradas régias portuguesas*. Lisboa: Livros Horizonte, s.d.

⁴⁶⁰ DENIS, Serge. *Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal...*, p. 293.

⁴⁶¹ ZURITA, Jerónimo – *Anales de Aragón*. Ed. Ángel Canellas López [Em linha]. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, Libro XIX, 2003. [Consult. 8 Set 2020] Disponível em WWW:<URL: https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/24/48/ebook2473_8.pdf.

⁴⁶² SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações...*, p. 129.

⁴⁶³ *Lettres de Louis XI, roi de France...*,1909. Tomo X, p. 389.

posto o pé em França um tão honroso como indesejado visitante, a tática de Louis XI terá sido apenas uma: diferir ao máximo o encontro entre os dois, quiçá ao ponto de desanimar o “Africano” e fazê-lo regressar a casa sem os dois se terem visto; ou, não o conseguindo, atrasar em qualquer caso o mais possível a entrevista, e depois desmobilizá-lo com palavras vagas ou, no limite, uma recusa clara. É pelo menos essa a sugestão evidente das fontes.

A 23 de Setembro, D. Afonso V segue viagem por estrada com destino à cidade papal de Avignon, passando por Narbonne, Montpellier, Besiers, e chegando a Nîmes a 30 de Setembro, uma semana depois. Segundo Damião de Góis, aí foi recebido em «com grandes festas, prouendo em todallas cousas que foram neçessarias»⁴⁶⁴, tendo ficado alojado em casa de um cidadão local de quem tudo desconhecemos, Claude Albernás. Também nesta cidade foram libertos os presos que «jaziam nos cárceres da cidade».⁴⁶⁵ Feitas as contas, os mais beneficiados com a viagem do rei D. Afonso V a França poderão ter sido algumas dezenas de delinquentes que se viram livres graças a uma inesperada amnistia. O monarca parte de Nîmes no dia seguinte, 1 de Outubro e é convidado a visitar vários monumentos relevantes da região, como a catedral-fortaleza de Maguellonne⁴⁶⁶. Tudo isto atrasava ainda mais o tão desejado encontro com Louis XI; e correspondia às instruções e aos intuitos do rei de França.

Veríssimo Serrão lembra-nos que esta zona possuía um forte espírito autonomista, existente aliás em várias regiões do reino francês, que não conseguia aceitar bem a vinda do monarca português com o objetivo de começar uma guerra contra Aragão.⁴⁶⁷

Afonso V continua a sua viagem com destino a Lyon, passando por Montélimar, Valence e Saint-Valier⁴⁶⁸. É então que o rei português recebe a visita do duque de Bourbon, Jean II⁴⁶⁹, acompanhado por numeroso cortejo – algo que Afonso V por certo

⁴⁶⁴ DAMIÃO DE GOIS – *Crónica do príncipe D. João...*, p. 184.

⁴⁶⁵ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. 219.

⁴⁶⁶ Situada entre as cidades de Montpellier e Sète.

⁴⁶⁷ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 113.

⁴⁶⁸ DENIS, Serge. *Le voyage en France d'Alphonse V ...*, p.295.

⁴⁶⁹ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V...*, Tomo I, p. 569.

apreciou. Não é de estranhar esta visita de Jean II, uma vez que Afonso V estava a entrar em territórios do ducado de Bourbon. Cumpre sublinhar que Jean II, duque de Bourbon, foi um dos principais participantes da ligue du Bien Public contra o monarca francês. O monarca foi também saudado por Monsieur de Saint-Vallier, genro do rei francês.⁴⁷⁰ Continua a sua viagem até Lyon, o seu grande objectivo à partida de Portugal. Mas quando chega lá não entra, pois é avisado da existência de peste, «rezam de corruçam d'ares morbosos e pestenciaaes»⁴⁷¹ nessa cidade. Verdade? Exagero? Pouco interessa.

Já depois de ter passado Lyon, o monarca recebeu finalmente notícias de Louis XI, que manifesta a sua alegria e satisfação por receber D. Afonso V no seu reino,⁴⁷² algo que pareceu reanimar o espírito do monarca português.

O rei português e a sua comitiva seguem depois para Rouanne, tomando depois a estrada romana até Bourges, passando por Lapalisse, Moulins e Saint Pierre-le-Moutier.⁴⁷³ Note-se que, à excepção da primeira localidade, as outras são apenas pontos quase desconhecidos de um caminho.

A 30 de Outubro, Afonso V chega a Bourges, onde permanece alguns dias, e recebe a visita de dois enviados por Louis XI, com o objetivo de lhe mostrar a região: «em Berri que hé na doce França, onde repousou alguns dias, nos quaes de mandado d'El Rey de França vieram a El Rey Dom Afonso, pera lhe fazer companhia, hum Senhor e hum Bispo de Uma, com que pera prazer foy ver algumas cousas, em especial Moris Sagevia, fortalleza que o duque de Berry fez no canto de duas ribeiras, a mais gentil que aa em toda França».⁴⁷⁴ Serge Denis destaca igualmente um episódio numa abadia de Beneditinos em Aix d'Angillon, na qual é mostrado ao monarca um livro antigo da História de Lancelote.⁴⁷⁵ Tudo isto é muito bonito; D. Afonso V, que tivera uma educação primorosa, encantou-se por certo com o castelo e não menos com o

⁴⁷⁰ DENIS, Serge. *Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal...*, p. 295.

⁴⁷¹ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 569.

⁴⁷² GOMES, Saul António – *D. Afonso V* p. 282.

⁴⁷³ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 114

⁴⁷⁴ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 569.

⁴⁷⁵ DENIS, Serge. *Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal...*, p. 301.

romance da matéria da Bretanha. E assim os colaboradores de Louis XI iam cumprindo a sua missão: distrair o monarca português, fazê-lo gastar tempo, mantendo-o longe do rei de França.

É fácil perceber uma resistência de Louis XI em receber Afonso V, que a cada dia que passava em terras francesas ia perdendo praças e aliados em Castela, sem ter obtido por parte do monarca francês o compromisso de uma aliança contra Aragão.⁴⁷⁶ Confirma-se que o rei francês pretende adiar o mais possível o encontro entre os dois, até que lhe fosse mais favorável: por um lado para que D. Afonso V servisse eventualmente de intermediário com o duque da Borgonha (o conflito entre os dois estava no seu auge), e para perceber de que forma se estava a desenrolar a situação em Castela. Podemos também supor que Louis XI estava ocupado a planear estratégias diplomáticas para derrotar o duque da Borgonha, o que nesta altura era muitíssimo mais decisivo para o soberano do que a visita do monarca português ao reino.

Por tudo isto, Louis XI terá dado instruções aos seus oficiais para prolongarem o máximo que pudessem, em cada cidade, a estadia do rei português, retardando assim a sua chegada a Tours. D. Afonso V não passaria de um peão no complexo e perigoso jogo político francês no qual Louis XI era especialista. Um peão que nem tinha sido convidado.

5.1. Finalmente, o tão esperado encontro com Louis XI

A 5 de Novembro, o rei português deixa Bourges com destino a Tours, passando por Vierzon, Montrichard e Chenonceaux, ao longo do rio Cher⁴⁷⁷. Louis XI, que se encontrava em Plessis-du-Parc, manda um enviado (Jean Debray) informar Tours da vinda de D. Afonso V: «au devant dudict roi de Portugal pour faire savoir à Messieurs de la ville sa venue»⁴⁷⁸.

⁴⁷⁶ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. 283.

⁴⁷⁷ DENIS, Serge. *Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal...*, p. 298.

⁴⁷⁸ Idem, *Ibidem...*, p. 302.

A 10 de Novembro, D. Afonso V chega finalmente a Tours, onde é recebido com grande cerimonia, e lhe são entregues as chaves da cidade pelos vereadores: «os regedores da cidade fazerem como fizeram a El Rey hum muy sollene recebimento, entregando-lhe aas portas com palavras de grande veneração e muito acatamento as chaves della».⁴⁷⁹ O município, informado da chegada do monarca, encomendara um pátio com as armas de Portugal ao pintor Jean Fouquet, pátio esse que acompanha o monarca desde as portas da cidade até à célebre Basílica de Saint Martin⁴⁸⁰, da qual fora abade quase 700 anos antes Alcuíno.

Louis XI, que estava instalado no castelo de Pléssis, nos arredores de Tours, ao saber da chegada do monarca português simula a sua própria ausência, o que comprova uma vez mais a intenção de atrasar (ou inviabilizar?) o encontro com D. Afonso V.⁴⁸¹ Segundo Veríssimo Serrão, o monarca francês, que fingira encontrar-se longe de Tours, estava na verdade muito perto, a receber informações sobre D. Afonso V dos nobres da cidade, o que lhe permitiria pensar na melhor estratégia a seguir.⁴⁸² Se ainda não estávamos, ficamos devidamente esclarecidos sobre o entusiasmo do rei francês com a visita do seu homólogo português.

A 15 de Novembro, sentindo possivelmente que o seu jogo tinha limites – Afonso V era afinal, além de um chefe militar galardoado em Marrocos, um rei prestigiado de um reino respeitado - Louis XI decide finalmente encontrar-se com o monarca português. Este discute miudamente com o seu conselho sobre o cerimonia adequado para se apresentar junto do rei de França. Não subestimemos estes assuntos: um pequeno erro protocolar podia ter consequências bem graves. Onde vou eu esperar Louis XI? Dentro do Paço em que estou alojado? À porta? Nas escadas? Saindo uns passos largos fora do Paço? Com a cabeça descoberta ou coberta? Se coberta, quando me descubro? Se recebo fora, num terreiro ou numa praça, estou a cavalo ou desmontado? Quem faz os primeiros gestos?

⁴⁷⁹ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 570.

⁴⁸⁰ Archive municipales de Tours: Registre des comptes, 42, 1475, 1477. Este documento encontra-se transcrito em: DENIS, Serge. *Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal...*, p. 302-303.

⁴⁸¹ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p.283.

⁴⁸² SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p.116.

Aconselhado, decidiu, encontrar-se com o Louis XI no paço real; no entanto, ao saber disso, Louis XI, enviou dois homens para o impedir: «Vestiu-se em vistiduras honestas e reaaes com propósito de a pée sair e o tomar na rua, ou ao menos nas escadas dos paços, mas El Rey de França, de reavisado pelo nisso impedir, mandou a El Rey diante dous seus parentes grandes senhores e muy gentis homens, os quaaes, em El Rey abalando pera sair, cortesmente o detiveram, dizendo que repousasse, porque El Rey seu senhor nan viria tam asinha; e sendo El Rei avisado que El Rey de França era já na rua, em cometendo pera sair, também o detiveram. E fynalmente em querendo El Rey forçar seus detimentos, eles com muito acatamento lhe pediram, que donde estava em sua camara se nom movesse; porque a eles non compria elle o fazer d’outra maneira. E El Rey porque entendeo que seria ordenança praticada, folgou de lhes comprazer».⁴⁸³ Este ‘incidente’ protocolar pode ter mais do que uma interpretação. Mas fica a ideia que é o rei que está em sua casa que dita as regras do encontro. Os seus enviados explicaram tudo com “muito acatamento”, mas foram firmes. O rei francês pretendia assim demonstrar que era ele quem controlava a situação.

Mas os dois monarcas acabaram inevitavelmente por se encontrar. Louis XI, que se apresenta «com hum soo barrete na cabeça tendo já della tirado hum chapeo e duas grandes carapuças, e trazia solto hum sayo curto de máo pano, e cinta uma espada d’armas muyto comprida, com a guarnição de ferro limada, e humas botas calçadas, e nos pés as esporas do mesmo jaez da espada, e ao pescoço huma beca de chamalote amarelo, forrada de cordeiras brancas muyto grosseiras, e suas calças brancas antre talhadas de muytas cores»,⁴⁸⁴ parece ter provocado uma certa admiração na comitiva portuguesa, habituada ao «brio e porte majestático»⁴⁸⁵ de D. Afonso. V. Isto a fazermos fé em Pina; a minúcia da sua descrição sugere verosimilhança. Só ela daria um subcapítulo, desde a sugestão de panos de má qualidade até ao pormenor da cabeça: o rei francês descobrira-se em sinal de respeito e reverência, tirando um chapéu e duas carapuças, mas não ficara em cabelo, já que

⁴⁸³ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V...* Tomo I, pp. 570-571.

⁴⁸⁴ Idem, *Ibidem*, p. 571.

⁴⁸⁵ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. 284.

mantinha um barrete. A espada e as esporas mostram-nos um rei em guerra, sem tempo nem disposição para exhibir armas cerimoniais.

Segundo o Visconde de Santarém, Louis XI terá abraçado o rei português e «com os olhos no ceo disse, que dava muitas graças a N.S. e a S. Martinho, por lhes terem feito tanta mercê, que a seu Reino, e casa o viesse vêr, e visitar um tamanho Rei, que elle desejava tanto ver, e ter por irmão, e amigo, e que porêem elle não cresse que era vindo em Reino estranho, mas no próprio seu».⁴⁸⁶ Louis XI tentava assim fazer esquecer ao rei português o tempo que o fizera esperar para o receber (e talvez desarmá-lo para a notícia que tinha para lhe dar).

Os dois dirigiram-se depois para uma câmara, acompanhados por D. Lopo de Albuquerque,⁴⁸⁷ onde terão discutido os motivos pelos quais o monarca português se encontrava em França: «assentados, praticaram no que mais lugar lhes deu o tempo e depois no que a seus negócios heera necessário».⁴⁸⁸ Não se sabe exatamente qual foi o teor da conversa, e nenhum cronista entendeu ser seu dever reinventá-la em forma de ficção; porém, pelas cartas trocadas entre ambos, e pela situação política em Castela e pelos objectivos declarados e públicos d'«O Africano», podemos supor que o rei português terá pedido ajuda militar concreta e com datas a Louis XI, para que juntos pudessem derrotar Aragão. D. Afonso V terá também pedido ao monarca francês que o ajudasse a obter uma dispensa apostólica, junto da Santa Sé, para que o seu casamento com D. Juana fosse confirmado⁴⁸⁹. Numa manobra de astúcia diplomática, Louis XI concordou em ajudar o monarca; no entanto informou-o que não o poderia fazer enquanto estivesse em guerra com o duque da Borgonha.

⁴⁸⁶ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas...*, p. 133.

⁴⁸⁷ Lopo de Albuquerque foi conde de Penamacor, cavaleiro fidalgo da casa de D. Afonso V e embaixador, tendo participado na guerra luso-castelhana. Em 1474 é enviado como embaixador a Castela para averiguar qual o apoio da nobreza castelhana a D. Afonso V. Em 1476 integra a embaixada portuguesa a Roma para pedir uma dispensa matrimonial para a validação do casamento entre D. Afonso V e D. Juana. Em 1476-1477 acompanha o monarca português durante a sua viagem a França; LIMA, Douglas Mota Xavier – *A diplomacia portuguesa no reinado de D. Afonso V (1448-1481)*. Doutoramento em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016, pp. 373-375.

⁴⁸⁸ Biblioteca Pública de Évora, códice CV/ 1-2, fols. 142-144. Transcrito por SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França...*, pp. 164-165.

⁴⁸⁹ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. 285.

Louis XI confidenciou ao rei português que o seu exército se encontrava na fronteira da Borgonha. Estava receoso de que caso Charles “le Téméraire” vencesse em Nancy, poderia voltar-se para França, como já ocorrera anteriormente, e como tal não poderia proporcionar a ajuda que o rei português lhe pedia, pois não conseguiria atacar em duas frentes: na região da Lorena e na região de Navarra: «Le Roy s’excusoit de ceste ayde qu’il avoit promise et accordee sur ceste guerre, qui estoit en Lorraine, monstrant avoir craincte que, si le duc de Bourgogne se resourdoit, que apres ne luy vinst courre sus».⁴⁹⁰ Não interessava ao monarca francês perder o Rossilhão, que tanto demorara a conquistar e que fazia agora parte do território francês. Visto à distância, diríamos que, neste aspecto, o rei francês foi claro, e o português deveria ter percebido que tão cedo não viria ajuda de França, isto se alguma vez ela chegasse a vir. Mas Afonso V era como qualquer um de nós: ouvia o que queria ouvir e desvalorizava o que não lhe era agradável.

Segundo Commynes, D. Afonso V disponibilizou-se de imediato para resolver o conflito entre o rei francês e o duque da Borgonha, seu primo coirmão.⁴⁹¹ «Ce pauvre Roy de Portugal, qui estoit tres bon, et juste, mit en son ymagination, qu’il iroit devers le Duc de Bourgogne, qui estoit son cousin germain, et qu’il pacifieroit tout ce different du Roy et de luy, affin que le Roy luy peust ayder»;⁴⁹² também se propôs ajudar a negociar o casamento entre o filho do rei francês e a filha de Charles, para que desta forma «el Rey de França, sem receio da sua guerra mais livre e poderosamente o poder ajudar».⁴⁹³ Por sua vez, o rei francês prometia enviar uma embaixada a Roma para conseguir a dispensa apostólica para o monarca português. Louis XI afirma ainda que não valeria a pena lutar pelas fortalezas perdidas em Castela, já que «os Castelhanos

⁴⁹⁰ COMMYNES, Philippe – *Mémoires*. Tomo II, pp. 56-57.

⁴⁹¹ Denota-se uma certa ignorância por parte de D. Afonso V sobre a extensão e a extrema gravidade do conflito entre Louis XI e Charles le Téméraire que existia desde a guerra do “bien public”.

⁴⁹¹ COMMYNES, Philippe – *Mémoires*. Tomo II, p. 57: «Este pobre rei de Portugal, que era muito bom, e justo, imaginou que iria ao duque da Borgonha, que era seu primo-irmão, e que pacificaria o diferendo entre o rei (Louis XI) e ele, para que por fim o Rei o ajudasse».

⁴⁹² COMMYNES, Philippe – *Mémoires*. Tomo II, p. 57: «Este pobre rei de Portugal, que era muito bom, e justo, imaginou que iria ao duque da Borgonha, que era seu primo-irmão, e que pacificaria o diferendo entre o rei (Louis XI) e ele, para que por fim o Rei o ajudasse».

⁴⁹³ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas...*, p. 134.

aas vezes folgavam vender fortellezas, que eele sempre ouvera por melhor e mais barato comprá-las por dinheiro, que por guerra»;⁴⁹⁴ esta afirmação confirma a inteligência diplomática e o experiente cinismo político do rei francês. Afonso V ficou provavelmente a pensar: tudo o que é preciso é uma conversa franca com Charles, filho da sua tia Isabel, que muitas vezes se classificava a si próprio como “o português”. Garantida a paz entre Borgonha e França, Louis XI viria à Península à frente dos seus exércitos, e o trono de Castela estava novamente à vista. E é nestas circunstâncias que surge a inesquecível expressão: “Aquele pobre rei de Portugal...”. Commynes não deixa de notar que Afonso V era “muito bom e muito justo”.

Apesar de os cronistas franceses quererem passar a imagem de um rei português desesperado por ajuda, cuja única esperança de assumir o trono de Castela residia no apoio do rei francês, é importante lembrar que com este projeto que chegou a ser idealizado entre ambos os monarcas, Louis XI teria também muito a ganhar, uma vez que o reino de Castela sob o governo da coroa portuguesa não representaria qualquer perigo para as fronteiras francesas, algo que aconteceria com D. Fernando no trono de Castela. Podemos em grande medida afirmar que o insucesso anunciado desta viagem se deveu ao facto de o monarca português desconhecer o «jogo complexo da política de centralização»⁴⁹⁵ do reino francês. Commynes atribui a culpa de tal ignorância aos embaixadores portugueses que não informaram o monarca da situação real do reino francês: « Et pour ce ung prince doibt bien regarder quelz ambassadeurs il envoie par pays: car si ceulx cy qui vindrent faire l’allyance dudict Roy de Portugal de par deça à laquelle me trouvuay presente et l’ung des depputez pour le Roy, eussent esté bien saiges, ilz se fussent mieulx informez des choses de par deça avant que conseiller à leur maistre ceste venue, qui tant luy porta de dommaige». ⁴⁹⁶ A citação, que já nos ajudou atrás, adquire agora todo o significado; sem deixar de ser um modo de desculpar os jogos duplos e triplos de Louis XI.

⁴⁹⁴ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. 285.

⁴⁹⁵ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 119.

⁴⁹⁶ COMMYNES, Philippe – *Mémoires*. Tomo II, p. 60.

Deste encontro, que acabará já de noite⁴⁹⁷, realça-se ainda o facto de Louis XI ter tornado D. Fernando de Almada⁴⁹⁸ conde de Avranches.

Na sequência desta reunião, D. Afonso V envia uma embaixada conjunta a Roma: o doutor João Teixeira, Diogo de Saldanha e o conde de Penamacor em representação do monarca português; Louis XI nomeia para essa mesma embaixada o senhor de Saint- Vallier e o governador do parlamento de Grenoble⁴⁹⁹.

D. Afonso V tem agora como objetivo ir ao encontro do seu primo, Charles “le Téméraire”, que se encontrava em Nancy, em guerra com o duque da Lorena desde o início do ano. Louis XI, durante a sua entrevista com o monarca português, tinha insistido na importância de um encontro entre os dois primos, uma vez que se D. Afonso V conseguisse convencer “le Téméraire” a negociar a paz com o reino de França, o duque da Borgonha podia de seguida ajudar o rei português nas suas pretensões ao trono de Castela.

Porém, é necessário não esquecer que o ducado da Borgonha era aliado do rei de Aragão contra o rei francês, tendo apoiado o casamento de D. Fernando com D. Isabel. Os planos de Charles, “le Téméraire” eram assim opostos aos planos de Afonso V; no entanto, o rei português esperava que os laços sanguíneos que os uniam aos dois e uniam Portugal e a Borgonha permitissem mudar a opinião do duque e obter o apoio esperado.

A 17 de Novembro, o monarca português despede-se de Tours e dirige-se para Orléans, chegando a esta cidade no dia 19 do mesmo mês. D. Afonso V é recebido de forma cerimonial: « le roi de Portugal prit congé de lui et partit pour Orléans où il fut bien reçu»⁵⁰⁰, na Porta de Tourelles, pelas autoridades locais, que de seguida o acompanham em cortejo até aos seus aposentos, onde o esperava o reitor da

⁴⁹⁷ Saul Gomes lembra que em Novembro os dias são mais curtos; GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. 285.

⁴⁹⁸ D. Fernando de Almada, filho do 1º conde, D. Álvaro de Almada que morreu na Batalha de Alfarrobeira. VER: SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 117-118.

⁴⁹⁹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 119.

⁵⁰⁰ ROYE, Jean de – *Chronique Scandaleuse. ...*, p. 291.

Universidade, que lhe fez ofertas simples de cortesia (vinho, amêndoas e 30 perdizes).⁵⁰¹

A 20 de Novembro, D. Afonso V dirige-se para a região da Lorena, mas, sem qualquer explicação de que tenhamos conhecimento, modifica o seu percurso, passando a ter como destino Paris.⁵⁰² O rei entra nesta cidade no dia 23, sendo recebido à porta de S. Jacques pelo corpo municipal, pelos procuradores, pelo Prévot des Marchands, pelo Prévot de Paris, oficiais régios e comunais, pelas autoridades da justiça, pelo chanceler d'Auriol, pelos presidentes do parlamento, finanças e da casa da moeda, bem como por vários nobres e prelados vestidos «en robes de damasc blanc et rouge, fourrees de martres lesquels estoient accompaignez des bourgeois et officiers de la dicta ville»,⁵⁰³ algo que contrasta claramente com a forma como o rei de França se apresentou a D. Afonso V.

Este segue posteriormente em cortejo debaixo de um pálio que continha as armas portuguesas e de Castela até à Igreja de Saint Etienne de Près, onde é recebido pelo Reitor, o Preboste, e outros membros da Universidade de Paris, seguindo depois para a Catedral de Notre-Dame. Durante a sua estadia em Paris, o rei fica instalado no Hôtel de Laurent Herbelot, um rico mercador da cidade, situado na rua des Prouvaires.⁵⁰⁴

O monarca português demorará alguns dias em Paris, e tal como já tinha acontecido nas outras cidades pelas quais passou, também aqui foi dada a ordem para que se libertassem alguns presos. Foi ainda concedido ao rei português o interessante direito de criar um mestre de cada ofício: «et pour plusieurs autres grandes considerations a ce nous mouvans, avons donné et octroyé, donnons et octroyons de

⁵⁰¹ «A lui la somme is XLV s. III d.p. qui despensee a esté em ung disner fait en lostel de lad. Ville, le mercredi XXe jour de novembre lan lxxvi, ou estoient led. Messire Sanxon Cormereau et les procureurs de ladicte ville, lesquieulx avoient vacqué plusieurs jours pour aduiser de ce quil estoit affaire pour la venue dud. Roy de Portugal eta autres affaires de la dicte ville. En pain, vin, char et poisson.». Citado em: DENIS, Serge. *Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal...*, p. 306.

⁵⁰² Esta mudança de itinerário pode ter sido planeada por Louis XI para atrasar a reunião entre D. Afonso V e Charles le Téméraire, ao mesmo tempo que permitia ao seu aliado suíço reunir mais tropas para a batalha de Nancy.

⁵⁰³ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas...*, p. 139.

⁵⁰⁴ HILLAIRET, Jacques – *Dictionnaire historique des rues de Paris*. Paris: Éditions de Minuit, 1963.

nostre grace especial, plaine puissance et autorité royal, povoir, faculté et auctorité de faire et creer ung maistre ouvrier de chascun mestier e nostre nouvelle entree et joyeux advenement a la couronne»,⁵⁰⁵ algo que foi questionado pelas corporações de Paris, que apelaram ao parlamento; este decidiu que os candidatos a mestres deveriam primeiro realizar um exame para comprovar as suas competências.⁵⁰⁶

D. Afonso V fica várias semanas em Paris. No dia 24 de Novembro participou na distribuição de Mestres e bedéis onde o humanista Robert Gaguin louvou o monarca através de uma oração; no dia 26 assistiu à cerimónia de doutoramento de um dos homens presentes na sua comitiva; no dia 1 de Dezembro assistiu a uma missa realizada pelo bispo de Trèves; também nessa altura a Grande Câmara preparou uma cerimónia em honra do monarca português, na qual falaram dois famosos advogados.⁵⁰⁷ Durante todas estas cerimónias o soberano português esteve constantemente acompanhado pelo tenente do rei de França.

5.2. O encontro entre primos

Finalmente, o rei português parte para a Lorena ao encontro do duque da Borgonha, «procurando conciliar a estratégica centralizadora de Louis XI e a obstinação feudal de Carlos, o Temerário»,⁵⁰⁸ missão que se viria a mostrar demasiado complexa para as suas capacidades diplomáticas, até porque provavelmente D. Afonso V nem teria a perceção do que realmente se estava a passar politicamente neste território. O monarca chega a Chalons-sur-Marne, próximo do dia de Natal,⁵⁰⁹ onde é recebido pelos governadores da cidade na Igreja de São Nicolau, ficando depois alojado na casa de um habitante local (o senhor Fiebve), que lhe ofereceu «deux poiçons de vin claret et vermeil».⁵¹⁰ Pobre, mas acolhedor.

⁵⁰⁵Archives Nationales de France, Y1 fol, v.º 192. Transcrito por SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França...*, p. 169.

⁵⁰⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França) ...*, p. 123.

⁵⁰⁷ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França...*, p. 124.

⁵⁰⁸ Idem, *Ibidem*, p. 125.

⁵⁰⁹ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. 287.

⁵¹⁰ DENIS, Serge. *Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal...* pp.310-311.

A 29 de Dezembro, D. Afonso V chega por fim ao seu destino, e encontra-se com Charles le Téméraire em Ammanche, onde combinam um novo encontro para 1 de Janeiro. A maioria das obras francesas relativas a Charles “le Téméraire” faz apenas alusão a um encontro entre os dois primos: «Tout aussi incongrue est l’arrivé du roi du Portugal, le 29 Décembre; le grand naïf, apparemment inconscient du drame qui se joue, vient demander au duc de Bourgogne de se réconcilier d’urgence avec Louis XI, afin de pouvoir lui envoyer l’aide militaire dont il a lui-même besoin. Le moment est pour le moins mal choisi. Charles reçoit Alphonse V, son cousin germain, en son château près de Nancy, c’ est-à-dire, en sa cabane au milieu d’une armée délabrée qui meurt de froid»⁵¹¹. Torna-se necessário recordar a situação em que se encontrava Charles “le Téméraire”: os ingleses tinham assinado um tratado de paz com os franceses; Milão recusava-se a dar novamente apoio ao duque da Borgonha; o príncipe Maximilien pretende agora casar com uma princesa francesa, em vez de Marie de Bourgogne; Louis XI não oculta as suas verdadeiras intenções e envia um exército para ajudar o duque da Lorena em Nancy; a Flandres nega o pedido de Charles “le Téméraire”, que necessitava de mais soldados e dinheiro; e a Saboia volta a apoiar Louis XI⁵¹². As ambições do jovem duque da Bourgogne começam agora a cercá-lo: «Le rêveur s’est réveillé». ⁵¹³

Segundo Rui de Pina, já em Nancy, após o monarca português explicar a razão pela qual vinha ao encontro do duque da Borgonha, Charles le Téméraire avisa D. Afonso V da arrogância e desonra do rei francês, «huum homem em que nom avia virtude nem verdade»,⁵¹⁴ que assim como tinha enviado o monarca em busca de um tratado de paz, tinha igualmente enviado um exército para ajudar o duque da Lorena a derrotá-lo. D. Afonso V tinha claramente caído na teia de enganos do monarca francês.

⁵¹¹ MINOIS, Georges – *Charles, le Téméraire...*, pp. 393-394 : « Iguualmente incongruente é a chegada do Rei de Portugal a 29 de dezembro ; o grande ingênuo, aparentemente alheio ao drama que se desenrola, vem pedir ao duque de Borgonha que se reconcilie urgentemente com Luís XI, para poder enviar-lhe a ajuda militar de que ele mesmo necessita. O momento é no mínimo mal escolhido: Charles recebe Afonso V, seu primo-irmão, no seu castelo perto de Nancy, isto é, na sua cabana no meio de um exército que morre de frio».

⁵¹² BRION, Marcel – *Charles le Téméraire...*, p. 251.

⁵¹³ BRION, Marcel – *Charles le Téméraire...*, p. 253.

⁵¹⁴ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 575.

No entanto, “le Téméraire” aceita ajudar o monarca português, «visto El-Rei D. Affonso querer a sua concórdia, que por lhe comparecer era d’ella contente, e lhe prometi leal e verdadeiramente, não só ratificar paz e amizade que entre eles...»,⁵¹⁵ e concorda assinar um acordo de paz com o rei francês desde que este cumpra o prometido, algo que se comprova com a carta escrita por D. Afonso V a D. Pedro de Meneses, datada de 10 de Janeiro, afirmando que o duque o recebera com amizade e que lhe dera uma resposta afirmativa quanto ao seu projeto: «agora avera poucos dias que fui ver ao duque de Borgonha, meu primo, e falar cõ elle, o qual me recebeu taõ bem que outra pessoa elle no recebera cõ melhor vontade ne cõ tanta cerimonia. Das couzas que lhe falei, achei tal reposta que eu fui bem cõtente».⁵¹⁶

Por outro lado, os historiadores franceses referem apenas a proposta do duque da Borgonha ao monarca português para que este o ajude a derrotar o duque da Lorena atacando Pont-à-Mousson, enquanto Charles le Téméraire atacaria Nancy.⁵¹⁷ Apesar de não sabermos qual terá sido a resposta do duque da Borgonha ao seu primo, recordemos apenas as palavras de Charles le Téméraire registadas pelo seu cronista Chastellain, quando nobres da sua corte o informaram da amizade entre Louis XI e Warwick, conselheiro do rei de Inglaterra, de quem o duque era aliado: « Entre nous Portugalois avons tenu à nos amis se font amis à nos ennemis, nous les commandons à tous les cent mille diables d’enfer».⁵¹⁸ “Entre nós, Portugueses...”, diz Charles le Téméraire.

Claro está que um possível tratado de paz com Louis XI era também vantajoso para o duque da Borgonha, pois permitia-lhe ganhar tempo para pensar numa nova estratégia para derrotar o rei francês. Na realidade, neste interminável jogo diplomático, o único que saía derrotado era D. Afonso V, uma vez que qualquer que fosse o vencedor neste confronto entre Louis XI e Charles le Téméraire, o monarca português nunca iria conseguir ajuda para impor os seus direitos ao trono de Castela.

⁵¹⁵ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas...*, p. 143.

⁵¹⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)* ..., p. 171.

⁵¹⁷ BARANTE, M. de – *Histoire des ducs de Bourgogne de la maison de Valois...*, pp. 209-211.

⁵¹⁸ CHASTELLAIN, George – *Chroniques des ducs de Bourgogne, troisième part. In Oeuvres historiques inédites de sire George Chastellain*. Paris: A. Desrez, 1837, p. 495.

D. Afonso V pareceu sempre ser o único dos três protagonistas que não percebeu o inevitável desfecho desta viagem.

A 4 de Janeiro de 1477⁵¹⁹, ao achar que tinha conseguido mediar o conflito entre o duque da Borgonha e o rei francês, D. Afonso V deixa o castelo de Ammance e retorna a Paris, para dar as boas novas a Louis XI.

Mas exactamente no dia seguinte, 5 de Janeiro, Charles le Téméraire morre às mãos dos suíços no campo de batalha de Nancy. Nas magníficas palavras de Marcel Brion, «il est mort de son ambition, mort de sa colère, mort de son orgueil. Mort de sa témérité, mort de ses rêves, enfin il ne pouvait pas en être autrement; la vie eût été injuste envers lui si elle ne lui avait pas réservé cette mort misérablement magnifique et si digne d'un tel homme».⁵²⁰ Na batalha de Nancy os borgonheses não perderam apenas o seu duque, mas também a esperança de conseguirem tornar o ducado da Borgonha um reino independente, e não um feudo do rei francês: «Le 5 janvier 1477 a vu s'effondrer en une heure la puissance que la maison de Bourgogne avait édifiée e un siècle».⁵²¹

A 6 de Janeiro, quando já se encontrava a alguma distância de Nancy, em Ligny-en-Barrois, o monarca português é avisado da derrota do seu primo contra o duque da Lorena; porém decide continuar a sua viagem, embora a partir desse momento sem nada para oferecer a Louis XI.

D. Afonso V seguiu depois por Saint-Didier, Vitry-le-François, Esternay, Coulommiers e a 10 de Janeiro encontrava-se já em Paris.⁵²² Veríssimo Serrão lembra-nos que o inverno rigoroso pode ter apressado a marcha do monarca⁵²³. Por sua vez parte da comitiva do monarca terá optado por se deslocar até Reims com o objetivo de visitar algumas igrejas: «Alphonse V projete alors de visiter Reims, mais les habitants le

⁵¹⁹ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 127.

⁵²⁰ BRION, Marcel – *Charles le Téméraire ...*, p. 259.

⁵²¹ FRÉDÉRIX, Pierre – *La mort de Charles le Téméraire...*, p. 222.

⁵²² SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França...*, p. 127.

⁵²³ Idem, *Ibidem*, p. 128.

font prevenir que la peste est dans la ville et lui conseillent de passer par Epernay. Il envoie quelques seigneurs de sa suite visiter les églises...».⁵²⁴

Entretanto, ao ser informado da morte de Charles le Téméraire no campo de batalha de Nancy, Afonso V ficou «em pubryco nojo e muyta tristeza, com que deu suspeita aos franceses de o averem por contrairo, e esteve em condyçam pera deles receber por yssso mayns dano e perygo, que bom trato nem servyço».⁵²⁵ Isto é, o rei de Portugal nem podia demonstrar a tristeza pela morte do primo com quem acabara de estar, porque isso podia irritar os franceses, felizes com aquela morte.

D. Afonso V ficaria na cidade de Paris até Maio de 1477,⁵²⁶ esperançoso pelo menos em receber uma resposta positiva por parte da Santa Sé, algo que não ocorrerá. Quando o monarca português recebe os embaixadores que haviam partido para Roma, estes trazem uma resposta negativa por parte de Sisto IV, que via no projeto dos reis católicos um desfecho mais pacífico: « Porque o Papa por ventura aconselhado nyssso cathollycamnete, consyrando como El Rey Dom Fernando com a Raynha Dona Isabel sua molher eram pacyfycos Reis de Castella, e El Rey Dom Afonso era nelles em forças e poder muy desyqual, ouve por grande mal e prejuízo da Cristyndade conceder a dita dispensaçam»⁵²⁷. Contudo, Sisto IV, após ser informado da morte de Charles “le Téméraire”, decide conceder a dispensa matrimonial ao rei português. No entanto Louis XI tinha que confirmar a aliança efetiva com D. Afonso V⁵²⁸.

A última esperança do monarca português era que, com a morte de Charles “le Téméraire”, o rei francês se sentisse livre para o ajudar na sua guerra contra os reis Católicos, algo que não sucedeu, uma vez que Louis XI estava agora interessado em anexar os territórios pertencentes ao falecido duque da Borgonha.

Enquanto D. Afonso V esperava pela vinda do monarca francês, o príncipe D. João, certamente informado e consciente da agonia que esperava Afonso V em França,

⁵²⁴ DENIS, Serge- Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal..., p.312

⁵²⁵ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V...* Tomo I, p. 576.

⁵²⁶ Da permanência de D. Afonso V em Paris não existe qualquer relato nas crónicas portuguesas nem francesas, não sabemos onde o monarca poderá ter ficado instalado, nem o que fez durante os meses que esteve à espera de notícias do rei francês.

⁵²⁷ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V...* Tomo I, p. 577.

⁵²⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 132.

pediu ao pai para regressar ao reino. Também o vedor da Fazenda, Gonçalo Vaz de Castelo Branco, pede ao monarca que renuncie do seu projeto em Castela e volte para o reino: com ou sem comitiva, Afonso V estava sozinho. A 26 de Janeiro, em resposta a estas cartas, o monarca português mostra-se desanimado com o resultado desta viagem, sentindo-se traído e confessando ainda que a ideia de viajar até França lhe tinha sido dada pelos seus partidários em Castela; ficaremos sem o saber.⁵²⁹ Em Março de 1477, o rei português cedia finalmente aos pedidos do príncipe D. João e aceitava uma trégua com os “reis católicos”.⁵³⁰

Entretanto em Portugal, o príncipe D. João reúne, entre Janeiro e Março, Cortes em Montemor-o-Novo, para discutir as elevadas despesas de guerra em Castela, bem como os constantes custos da embaixada portuguesa que acompanhava o rei em França, uma vez que tudo isto consistia em elevados encargos para a Fazenda real⁵³¹. Sem ter conseguido uma solução para a crise financeira que se fazia sentir no reino, D. João é novamente obrigado a convocar, a 28 de Abril, o conselho do Espinheiro, onde se decidiu enviar até França uma pessoa da sua confiança para perguntar a D. Afonso V que decisão deve ser tomada para solucionar o descalabro financeiro do reino⁵³². A 8 de Setembro realizam-se novas Cortes, desta vez em Santarém, «sobre haver dinheiro para custear as despesas da guerra com Castela»⁵³³

5.3. Louis XI e a conquista do ducado da Borgonha

Enquanto o rei português permanecia em Paris, completamente alheio ao significado que a morte de Charles “le Téméraire” tinha para o reino francês, Louis XI já estava focado em reclamar para si os territórios do ducado da Borgonha. Para tal, o rei francês envia as suas tropas para a região da Borgonha e para a Flandres. Louis XI vai

⁵²⁹ Idem, *Ibidem...*, pp. 170-174.

⁵³⁰ GOMES, Saul António – *D. Afonso V ...*, p. 289.

⁵³¹ SOUSA, Armindo de - *As cortes medievais portuguesas: 1385-1490*. Porto: INIC, 1990, vol.1, pp. 408-410.

⁵³² Idem, *Ibidem*, vol 1, p. 410.

⁵³³ Idem, *Ibidem*, vol 2, p.154.

aproveitar o facto de Charles, “le Téméraire” deixar apenas como herdeiro do ducado a sua filha Marie de Bourgogne,⁵³⁴ para reclamar para si todos os bens da Borgonha, através do “droit de apannage” e da “extinction de la race.”⁵³⁵

A 12 de Janeiro, Charles de Amboise, governador da Champanhe, e Gui Bernard, bispo de Langres, sob ordens do rei francês⁵³⁶, dirigem-se a Dijon, capital do ducado da Borgonha, com o intuito de informarem os habitantes da cidade acerca da morte de Charles le Téméraire, bem como de transmitir a intenção de Louis XI de se tornar protetor de Marie: «...vous savés que vous estes de la coronne du royaulme, et aussi que sa fille est nostre prochaine parente et fillole, à qui nous voudrions garder son droit em tout façon comme le nostre propre et que fair ele devons; par quoy vous advisons que à nulle main ne soubz autre ne vous mectés, fors em la nostre, et nous y garderons le droit de nostre dicte filole, comme dit est»⁵³⁷. Contudo, o ducado da Borgonha não seguia a lei sálica do reino francês, e como tal Marie de Bourgogne podia herdar os bens do seu pai.⁵³⁸

Louis XI mostra-se desconhecedor de tal facto, e continua a ocupar o ducado da Borgonha, sem grande resistência, uma vez que a grande parte da população estava descontente com as medidas centralizadoras e duras impostas por Charles le Téméraire⁵³⁹. Segundo André Leguai, a guerra de sucessão do ducado da Borgonha teve uma primeira fase, na qual a única resistência encontrada por Louis XI na conquista dos territórios borgonheses vinha de alguns nobres e do povo miúdo.⁵⁴⁰

A 19 de Janeiro de 1477, Louis XI escreve uma carta aos habitantes da Borgonha, na qual promete respeitar os privilégios do ducado, afirmando que «les gens d’église conserveraient leurs bénéfices et les officiers leurs offices».⁵⁴¹ Assim sendo, não é de estranhar que a 1 de Fevereiro de 1477, quando Louis XI ocupou

⁵³⁴ DUMONT, Georges-Henri - *Marie de Bourgogne*, Paris: Fayard, 1982.

⁵³⁵ HEERS, Jacques – *Louis XI...*, p. 77.

⁵³⁶ *Lettres de Louis XI, roi de France....* 1898, Tomo VI, pp. 111-112.

⁵³⁷ Idem, *Ibidem*. Tomo VI, p. 113.

⁵³⁸ HEERS, Jacques – *Louis XI...*, p. 77.

⁵³⁹ FRÉDÉRIX, Pierre – *La mort de Charles le Téméraire...*, p. 222.

⁵⁴⁰ LEGUAI, André – La conquête de la Bourgogne par Louis XI. *Annales de Bourgogne*, pp. 7-8.

⁵⁴¹ DOM PLANCHER – *Histoire générale et particulière de Bourgogne*. Dijon, 1748. Tomo IV. Citado em LEGUAI, André – La conquête de la Bourgogne par Louis XI, *Annales de Bourgogne*, p. 8.

Dijon, os habitantes não tivessem apresentado qualquer resistência. O monarca francês já se tinha encarregado de estabelecer privilégios para os nobres e o clero, bem como de confirmar os direitos e privilégios do ducado, mantendo a maioria das instituições existentes e ordenando a criação do Parlamento da Borgonha.⁵⁴²

Entretanto, Marie de Bourgogne declara que o ducado da Borgonha não pertencia ao domínio da coroa de França, e como tal pedia que as cidades da Borgonha resistissem à ocupação francesa.⁵⁴³ A partir deste momento inicia-se uma série de revoltas por parte de cidades como o Franche-comté, Dole, Arras e Charolês, contra o domínio francês.⁵⁴⁴

A 4 de Março, o monarca francês, após um cerco a Arras, conquista a cidade: «...pour cela, il y envoya des ouvriers, des hommes d'arme, de l'artillerie, des vivres, etc., et la ville subit um siège très rude».⁵⁴⁵

Nesta altura, conselheiros do monarca informam-no de que a melhor forma de reunir todos os territórios pertencentes ao ducado da Borgonha seria através de um casamento entre o seu filho, Charles, e Marie de Bourgogne. Apesar de esse casamento colocar em risco o tratado de Picquigny,⁵⁴⁶ Louis XI envia dois embaixadores para negociar um possível matrimónio.⁵⁴⁷

Contudo, a 21 de Abril, e sem nada o fazer prever, Marie de Bourgogne casa-se por procuração com Maximilien,⁵⁴⁸ filho de Friedrich III e de Leonor de Portugal, o que colocava em risco os planos de Louis XI.

O monarca francês não perde tempo e começa a conquistar sucessivas cidades borgonhesas. Tudo isto ia contra o Tratado de Soleuvre, que assegurava a paz entre o reino francês e o ducado de Borgonha, e que se deveria manter com os sucessores dos

⁵⁴² VILEVAULT, M; BRÉQUIGNY, M., *Ordonnances des rois de France de la troisième race. Treizième volume, Contenant les ordonnances rendues le mois d'Avril 1474 jusqu'au mois de Mars 1481*. Paris: Imprimerie royale, 1828, Tomo XVIII, pp. 252-254.

⁵⁴³ LEGUAI, André – *La conquête de la Bourgogne par Louis XI...*, p. 8.

⁵⁴⁴ LEGUAI, André - *Troubles et révoltes sous le règne de Louis XI: la résistance des particularismes. Revue historique*. Vol. 249, Abril-Junho, 1973, pp. 285-324.

⁵⁴⁵ ROYE, Jean de – *Chronique Scandaleuse...*, pp. 304-305.

⁵⁴⁶ Lembremos que Louis XI tinha negociado o casamento do seu filho com Elizabeth York, no tratado de Picquigny com os Ingleses.

⁵⁴⁷ FAVIER, Jean – *Louis XI...*, p. 740.

⁵⁴⁸ Marie de Bourgogne e Maximilien viriam a casar-se pessoalmente a 21 de Agosto, em Ghent.

signatários. Para justificar a ocupação do território borgonhês, o parlamento de Paris acusa Charles “le Téméraire” de traição, anulando assim o tratado de Soleuvre.⁵⁴⁹ Sem nada que o detivesse, Louis XI invade o Artois, Abbeville, Montreuil, Hesdin, Péronne, Béthune, os castelos de Ham e Bohain, bem como Saint-Quentin.⁵⁵⁰

Entretanto Maximilien, agora casado com Marie, envia tropas para ajudar as cidades borgonhas a combater o rei francês, recusando-se a ceder os seus direitos sobre o ducado da Borgonha. Inicia-se assim um longo período de guerras pela conquista da Borgonha.⁵⁵¹

A 5 de Maio, Louis XI, que andava em guerra pelos territórios da Borgonha, convoca finalmente o rei português para um segundo e último encontro em Arras, para que «os Reis ambos no mesmo Raz logo se vysem»,⁵⁵² tendo já conhecimento do domínio dos reis Católicos em Castela. Em meados de Junho, D. Afonso V dirige-se para essa cidade (ficando alojado num mosteiro, de Saint-Vaast, pertencente à Ordem dos Cónegos Regrantes de S. Agostinho), onde espera durante vários dias uma resposta do monarca francês: «El Rey de França a cavallo e vestido casy na maneira da prymeira vista veo receber, e foy com elle a seu apousentamento, que foy em huma muy grande honrada Abadia de Conegos Regrantes, em que El Rey e toda sua gente se allojou».⁵⁵³

Entretanto, Louis XI parte de Arras, sem se despedir do monarca português, uma vez que precisava urgentemente de pacificar as cidades do Norte que não se rendiam ao seu controlo.⁵⁵⁴ Louis XI tinha agora de se focar na zona da Borgonha e da Flandres, não tendo naquele momento qualquer interesse em criar um conflito na região dos Pirenéus. Louis XI terá ainda deixado certos “apontamentos” a D. Afonso V, cujo teor é desconhecido. Temos apenas o relato de Rui de Pina que afirma: «El Rey de França, que lha deu com certos apontamentos, que pera discretos era crara escusa do que se pedia».⁵⁵⁵

⁵⁴⁹ HEERS, Jacques – *Louis XI...*, pp. 78-79.

⁵⁵⁰ BORDONOVE, George – *Les rois qui ont fait la France ...*, p. 227.

⁵⁵¹ FRÉDÉRIX, Pierre – *La mort de Charles le Téméraire...*, p. 223.

⁵⁵² PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V...* Tomo I, p. 578.

⁵⁵³ Idem, *Ibidem*, p. 578.

⁵⁵⁴ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 133.

⁵⁵⁵ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V...* Tomo I, p. 578.

D. Afonso V viu esta saída do rei francês de Arras como uma rejeição final de um eventual apoio contra Aragão; denota-se novamente uma enorme dificuldade em perceber a situação política no reino de França da altura. Mas desta vez, o rei de Portugal terá perdido qualquer ilusão que lhe restasse. E a continuação só podia ser penosa.

5.4. O final infeliz de uma viagem sem jeito

A 14 de Julho, o monarca português deixa Arras e parte para Rouen com toda a sua comitiva, ou o que restava dela, algo de que gostaríamos de saber mais⁵⁵⁶. A 15 de Julho, portanto, apenas um dia depois, já o rei francês acusava a receção de cartas enviadas pelo seu embaixador em Espanha, indicando que Louis XI começava as negociações com os “reis católicos” com o objetivo de conseguir uma aliança⁵⁵⁷.

Em Rouen, o rei português é recebido pelo Bispo da cidade que o instala no castelo de Gaillon.⁵⁵⁸ Numa tentativa desesperada e irrealista por ajuda, D. Afonso V escreve a Maximilien duque da Áustria e seu sobrinho directo, explicando-lhe a sua situação; todavia, o mesmo responde-lhe que não o pode ajudar uma vez que «as cousas dantre elle dicto duque e elle dicto senhor rei [de França] nam estavam por entam em termos pera se poderem asi breve concluir».⁵⁵⁹ Cumpre sublinhar que Maximilien, agora casado com Marie de Bourgogne, andava então em guerra com Louis XI, conforme foi abordado anteriormente.

O monarca português e a sua comitiva dirigem-se em seguida para o porto de Honfleur, onde ficam durante todo o mês de Setembro, enquanto aguardam que a frota paga e abastecida pelo rei de França esteja pronta.⁵⁶⁰

Desgostoso com o resultado desta viagem e «sentindo elle, que a esperança pera as cousas de Castela nom lhe respondiam conforme a seu propósito, e que nam

⁵⁵⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)* ..., p. 133.

⁵⁵⁷ *Lettres de Louis XI, roi de France*.... 1898, Tomo VI, p. 209.

⁵⁵⁸ DENIS, Serge. *Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal*..., pp. 315-316.

⁵⁵⁹ GOMES, Saul António – *D. Afonso V* ..., p. 291.

⁵⁶⁰ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V*... Tomo I, p. 581

fora por falecimento de seu esforço, cuidado e dillygencia, pois em Portugal e Castela e em Roma e em França e Borgonha tinha procurado todo o que pera sua empresa pareceo convinyente e necessário»⁵⁶¹, D. Afonso V, num assomo de espiritualidade e de fuga do mundo, decide deixar tudo e partir para Jerusalém como cavaleiro-peregrino, antecipando um final de vida eremítica, em retiro; ia acompanhado por Soeiro Vaz, Pedro Pessoa e Estêvão Martins. Durante este percurso, o rei português manda para trás um moço de esporas com as chaves de um cofre que D. Afonso V possuía e o acompanhava sempre. Aí encontraram-se várias cartas: uma destinada ao monarca francês e outra ao príncipe D. João, ambas datadas de 23 de Setembro de 1477.⁵⁶²

Aproximadamente um ano após a sua chegada ao reino francês, Afonso V escreve a Louis XI explicando-lhe a sua decisão de partir para a Terra Santa: «tinha prometido a Deus por ocasião da morte de sua mulher, logo que o Principe seu filho se achasse em idade de reger o reino»,⁵⁶³ justificando que a sua intervenção em Castela tinha somente acontecido para proteger D. Juana: «Eu consyderando em quanto a mim pertencia trabalhar e defender o que pertencia a ditta Senhora, asi por ella ser minha sobrinha (...) eu lhe não poderia fazer mais serviço que de acceptar o ditto cazamento (...) e com este fundamento entrei em os Reinos de Castella»;⁵⁶⁴ afirma ainda que não culpabiliza Louis XI por não lhe prestar auxílio contra Aragão: «per o contraryo, espero vos, Senhor, não cuideis que por me ora naõ ajudardes, sigundo eu dezejava, eu filhej descontentamento que me torna em dezesperaçam»;⁵⁶⁵ pedia ainda ao rei francês que ajudasse a sua comitiva a voltar para Portugal: «E por que o Conde de Farã e D. Alvaro, meu sobrinho, e asi outros parentes, criados e servidores meus, que comigo vieram, ficaõ hora aqui, assy dezemparados por minha auzencia, eu peço a vossa Senhoria que mostrando aqui de suas acostumadas merces e pelo amor que a mim tinha, lhe praza de os ver por recomendados, asy acerca de sua passagem pera os

⁵⁶¹ Idem, *Ibidem*, p. 581.

⁵⁶² Idem, *Ibidem*, p. 582.

⁵⁶³ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas...*, p. 147.

⁵⁶⁴ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 178.

⁵⁶⁵ Idem, *Ibidem* ..., p. 177.

Reinos de Portugal»⁵⁶⁶ Para sermos justos com o “Africano”, o que lhe faltou em bom senso e clarividência política sobrou-lhe em elegância, boas maneiras e elevação dos gestos. Tudo o que não recebera de Louis XI.

O monarca português envia igualmente uma carta ao príncipe D. João, para que este assumo o trono: «per que mando que vos vos intituleis logo per Rei desses Reinos de Portugal e dos Algarves, como muitos dias haa que me prouvera como bem sabeis, e por que ho mar não tem prazo e os tempos não sofrem dilaçam vos mando que se os dittos Regnados laa não forem antes deste que sem tardança per minha bençam e com ella tomeis titolo de Rei dos ditos reinos».⁵⁶⁷

No dia seguinte, a comitiva que acompanhava o monarca português, ao acordar, dá subitamente pela falta deste e entra em compreensível pânico: o rei d Castela e Portugal, o peregrino à Terra Santa, estava desaparecido em parte incerta. Rocambolesca história. Rapidamente recorre a Louis XI, que manda vários emissários à procura do rei português.⁵⁶⁸ Imaginemos a agitação que esta fuga de D. Afonso V terá gerado na pequena cidade de Honfleur. Rui de Pina dá-nos uma imagem: «E porém per todollos caminhos, e per toda a terra com gente de pee e de cavallo fez, e mandou com muyta trygança infyndos avysos, dando voz que El Rey de Portugal que lhe fora encomendado era fugido (...). Polo qual todollos franceses ouvyda esta fama leixadas todas suas cousas seguiram avante polos caminhos de Roma, em que o nom podiam errar».⁵⁶⁹ O rei de Portugal, o pobre rei de Portugal, “era fugido”. A isto se chegara.

Dois dias mais tarde, Robert Le Boeuf, descobre finalmente Afonso V: numa pousada da Normandia, anónimo e decidido a partir para a Terra Santa.⁵⁷⁰

O conde de Penamacor e o conde de Faro vão então ao encontro do monarca para o tentar convencer a mudar de ideias e a regressar a Portugal. Segundo Rui de

⁵⁶⁶ Idem, *Ibidem*, p. 179.

⁵⁶⁷ Idem, *Ibidem*, p. 180. Não sabemos se, por lapso de impressão, onde está “Regnados” não deveria ler-se “Requados”. Cremos que faz mais sentido, mas não vimos o documento original.

⁵⁶⁸ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V...* Tomo I, p. 583.

⁵⁶⁹ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V...* Tomo I, p. 583.

⁵⁷⁰ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 138.

Pina, Afonso V, após uma «carta consollatorya que hy veo d’El Rey de França, se leixou vencer pera tornar e desistir de seu propósito».⁵⁷¹

Em finais de Setembro, o monarca parte finalmente para Portugal numa carraca mandada fretar em Southampton, à qual se juntaram várias outras naus⁵⁷² enviadas pelo monarca francês para acompanhar o rei na viagem de regresso. Através de um documento presente nos Archives Nationales temos a informação que o monarca português terá embarcado com 300 pessoas⁵⁷³. A frota pararia ainda durante algum tempo na ilha de Wight,⁵⁷⁴ de onde só sairia em meados de Outubro. Finalmente, a 14 de Novembro D. Afonso V volta a pôr os pés em terra portuguesa.⁵⁷⁵

5.5. O regresso a Portugal

Durante o tempo em que D. Afonso V andava por terras francesas, os “reis católicos” começaram a recuperar várias praças em Castela⁵⁷⁶, como foi o caso de Toro e Castronuño. Por seu lado, D. Afonso V ordenou o abandono de várias praças castelhanas. Esta inversão de forças levou D. Fernando e D. Isabel a promoverem várias invasões ao território português: «durando aynda a guerra de Castella, que se continuava e fazia com muytas entradas e grandes cavalgadas...».⁵⁷⁷ Segundo Baquero Moreno, «a fronteira portuguesa foi duramente atingida no período compreendido entre 1475 e 1478 e abrangeu vinte e oito localidades situadas entre o Sabugal, na

⁵⁷¹ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 584.

⁵⁷² Comandadas por Jorge le Grec, chefe das esquadras de Louis XI; SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *Relações históricas entre Portugal e a França...*, p. 138.

⁵⁷³ État des victuailles embarquées sur la caraque à bord de laquelle la roi Alphonse V e Portugal regagne son pays avec 300 fidèles, après avoir demandé aide à Louis XI contre Ferdinand II d’Aragon (dit Ferdinand le Catholique). Pièce établie par Antoine de Fondras, conseiller et maître d’hôtel de Louis XI. 26 octobre 1473. Archives Nationales de France. **AB/XIX/3256-AB/XIX/3465**. No entanto não tivemos a oportunidade de consultar o documento. O sumário está mal datado: o ano é 1477; investigadores portugueses tiveram já a oportunidade de, no próprio arquivo, alertarem os responsáveis para fazerem a correção.

⁵⁷⁴ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 584.

⁵⁷⁵ GOMES, Saul António – *D. Afonso V...*, p. 292.

⁵⁷⁶ BAQUERO MORENO, Humberto; FREITAS, Isabel Vaz de – *A Corte de D. Afonso V...*, p. 232.

⁵⁷⁷ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 586

região da Beira e Alcoutim na região do Algarve. De todas as regiões a mais flagelada foi a do Alentejo com a afectação de vinte e três cidades e vilas».⁵⁷⁸

Enquanto regente do reino, o príncipe D. João tentou defender a fronteira portuguesa, na esperança de que o apoio procurado por D. Afonso V em França não se fizesse tardar.

Em Novembro de 1477, D. João convoca novamente as Cortes, com o objetivo de discutir a situação financeira do reino⁵⁷⁹. Foi nesta altura que D. João recebeu uma carta de D. Afonso V, pedindo-lhe que se fizesse jurar rei de Portugal.⁵⁸⁰ Assim, a 10 de Novembro, cumprindo o pedido do seu pai, D. João é aclamado como Rei de Portugal.

Porém, quatro dias mais tarde, o agora rei D. João II recebe uma carta, informando-o do regresso de D. Afonso V ao reino.

Segundo Manuela Mendonça, durante a viagem de regresso a Portugal alguns senhores feudais que tinham acompanhado o rei português a França tentaram convencê-lo a não voltar ao reino, afirmando que o príncipe D. João, agora coroado, se iria recusar a devolver-lhe o reino. Assim sendo, D. Afonso V deveria antes, por uma questão de segurança, desembarcar numa praça portuguesa em África.⁵⁸¹ Contudo, o rei não deu ouvidos aos conselhos dos que o acompanhavam, e decidiu manter a sua viagem até Portugal.

A 15 de Novembro, D. Afonso V desembarcou em Cascais, seguindo para Oeiras, onde o esperava D. João, que imediatamente lhe devolveu a Coroa, sem qualquer contestação ou mostras de contrariedade: «E tanto que soube que eu [D. Afonso V] era chegado a esta dicta cidade, mandou logo jeeralmente noteficar e defender que nenhuum fosse ousado de lhe chamar rey senam princepe como dantes era e se veeo loguo a mym a me requerer e pedir que tornasse a tomar o dicto titulo e o nam leixasse a elle».⁵⁸² Ainda assim, D. Afonso V pediu ao filho que mantivesse a Coroa do reino, uma vez que ele se «contentaria ser Rey dos Algarves com a parte

⁵⁷⁸ MORENO, Humberto Baquero – *Os confrontos fronteiriços...*, p. 20.

⁵⁷⁹ Ver: SOUSA, Armindo de - *As cortes medievais portuguesas...* Vol I, p. 518.

⁵⁸⁰ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 180.

⁵⁸¹ MENDONÇA, Manuela – *O sonho da União Ibérica...*, p. 88.

⁵⁸² *As gavetas da Torre do Tombo*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, 1960. Vol.1 p.926.

d’Africa, onde na guerra dos Mouros folgaria servir Deos e nella acabar».⁵⁸³ O monarca tinha também a intenção de ingressar num mosteiro. Mas o príncipe D. João não o permite, e D. Afonso V volta a assumir o título de Rei de Portugal.⁵⁸⁴

Por esta altura, alguns nobres castelhanos pedem a D. Afonso V que retome a luta em Castela. O monarca português, com o espírito reanimado, mostra-se com vontade de continuar a guerra contra os “reis católicos”, em defesa dos direitos ao trono de Castela da sua sobrinha D. Juana, bem como conseguir finalmente uma dispensa matrimonial de Sisto IV. O rei português vai por isso enviar mensageiros a Castela para informar os senhores feudais que tinha a intenção de voltar a entrar no reino: «e neste tempo despois da vinda d’El Rey Dom Affonso de França elle enviou seus recados e messejeiros a Castela, pera outra vez tornar entrar nella, e casar pubryca e perfeitamente com a Rainha Dona Joana, pera que já tinha boa desposiçam, com que muytos grandes de Castela se tornavam a oferecer».⁵⁸⁵ É caso para perguntar: o que foi que D. Afonso V não percebeu em todo este processo?

Segundo Veríssimo Serrão, «a ambição senhorial e os sentimentos de honra ferida eram demasiado fortes para o monarca esquecer a paixão da luta e os agravos recebidos».⁵⁸⁶ Num gesto para nós quase inacreditável, D. Afonso V vai voltar a pedir ajuda... ao rei de França, Louis XI. Nos finais de Novembro, manda uma carta a Louis XI informando-o da sua chegada a Lisboa, e da forma como D. João, que se tinha feito aclamar rei, lhe tinha rapidamente devolvido a coroa. D. Afonso V transmite também ao rei francês que quando chegou a Lisboa «achara mui boas e novas da disposição em que estavam os grandes e povo de seus reinos de Castella, e muitos recados e mensageiros das pessoas principaes d’elles, as quaes lhe supplicavão houvesse de concluir o seu casamento com a Princeza D. Joanna, e entrar immediatamente nos ditos reinos, prometendo-lhe servir-o e acompanhál-o em tudo quanto comprisse»,⁵⁸⁷ e como tal pretendia continuar com a guerra em Castela. Por esse motivo vem assim

⁵⁸³ Idem, *Ibidem*, p. 229.

⁵⁸⁴ MENDONÇA, Manuela – *O sonho da União Ibérica...* p. 89.

⁵⁸⁵ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, ..., p. 586.

⁵⁸⁶ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)* ..., p. 138.

⁵⁸⁷ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas...* pp. 152-153.

requerer o apoio de Louis XI, afirmando que «esperava em breve ver-se nos reinos de Castella, e com ajuda d’El Rei de França seu aliado, expulsar d’elle seu comum inimigo».⁵⁸⁸ De Louis XI não obtém qualquer resposta – e ainda bem «Nada escapava ao arteiro rei de França. (...) Estava regulamente inteirado das coisas e gente de Portugal, como o estava de todos os grandes países da Europa. Tinha informação de tudo. (...) Das próprias palavras de D. Afonso V entendia que o ingénuo cavaleiro se deixara embaír pela obediência humílma do filho. Não lhe convinha este aliado.»⁵⁸⁹. Para Veríssimo Serrão, esta ação do monarca português denota sem dúvida uma falta de realismo político.⁵⁹⁰ D. Afonso V parecia não ver, nem querer ver, que o auxílio por parte do rei francês nunca chegaria (como nunca estivera para chegar), e que a sua empresa em Castela tinha caído por terra.

Por sua vez, o príncipe D. João, que anteriormente tinha sido um dos que mais apoiava D. Afonso V na questão de Castela, vai agora opor-se a esta ‘recidiva’ do pai, «por causas justas que o a isso moveram, amoestado e castigado dos enganos e pouca firmeza, que nelles se achou da pymeira entrada, o estrovou da segundo, e asy do casamento que nunca consentio que por isso se fizesse».⁵⁹¹ O reino português tinha agora graves problemas financeiros, uma vez que esta aventura de D. Afonso V tinha custado ao reino 38000 dobras⁵⁹², vivia sob ameaça de uma possível invasão castelhana, e tinha que lidar com constantes ataques na costa ocidental africana. D. João tentava por isso limitar a ação que o rei pretendia empreender.

Ao mesmo tempo, D. Isabel e D. Fernando pressionavam o papa Sisto IV a não conceder a dispensa matrimonial a D. Afonso V, e promoviam campanhas militares que assolavam a fronteira portuguesa na zona da Extremadura e da Andaluzia.⁵⁹³

⁵⁸⁸ Idem, *Ibidem*, p. 153.

⁵⁸⁹ LAPA, Manuel Rodrigues - *D. Afonso V e o príncipe D. João. Ensaio sobre uma regência*. Revista de Guimarães, 34 (4) Out.-Dez. 1924, p. 116.

⁵⁹⁰ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 139.

⁵⁹¹ PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D. Affonso V...* Tomo I, p. 586.

⁵⁹² SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*p.138. Este historiador fundamenta esta informação no seguinte documento: Biblioteca Nacional de Lisboa, *Fundo Geral*, código geral 8920, fol.285. No entanto, não tivemos a oportunidade de consultar este documento original.

⁵⁹³ GOMES, Saul António – *D. Afonso V...*, p. 294.

Entretanto, a 9 de Outubro de 1478, é assinado o Tratado de Saint-Jean de Luz⁵⁹⁴ entre Louis XI e os “reis católicos”, no qual o monarca francês se torna aliado de D. Fernando e D. Isabel, e promete anular qualquer aliança, liga ou confederação que tivesse com o rei português. Por sua vez os “reis católicos” prometem anular qualquer aliança, liga ou confederação com o duque da Áustria.⁵⁹⁵ Neste tratado é também abordada a posse do Rossilhão, ficando acordado que a questão seria decidida arbitralmente⁵⁹⁶. Por fim, Juan II de Aragão é convidado a entrar nesta aliança com Louis XI; no entanto, se o monarca aragonês entrasse em guerra com o reino francês, os “reis católicos” manter-se-iam neutros⁵⁹⁷.

Com este tratado, caiu por terra a última réstia de esperança do monarca português em conseguir o apoio de Louis XI. Só lhe restava, para limitar os danos, seguir o caminho da diplomacia. A 4 de Setembro de 1479, e com enorme protagonismo de duas mulheres, Isabel de Castela e Beatriz, duquesa de Beja, é assinado o Tratado de Alcáçovas e é afastada «para o domínio das coisas sem futuro a miragem ibérica de D. Afonso V, rei de Portugal».⁵⁹⁸ Fim da história.

⁵⁹⁴ Este tratado é depois ratificado a 10 de Janeiro de 1479, em Santa Maria do Guadalupe.

⁵⁹⁵ SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas...*, pp. 154-155.

⁵⁹⁶ SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis – «La España de los Reyes Católicos (1474-1516)» In *História de España*, (dir.) Ramón Menéndez Pidal, Tomo XVII. Madrid: Espasa-Calpe, 1995, p. 214.

⁵⁹⁷ Idem, *Ibidem*, p. 215.

⁵⁹⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481) ...*, p. 140.

Conclusão

Na segunda metade do século XV, D. Afonso V decide envolver-se na crise de sucessão do reino vizinho, na esperança de obter, através da sua sobrinha, o trono de Castela. No entanto, o monarca perde a Batalha de Toro, e percebe que então mais do que nunca precisava de uma aliança militar que o ajudasse a derrotar os “reis católicos”. Resolve por isso partir para terras francesas ao encontro de Louis XI, na tentativa de obter o tão esperado apoio militar.

A viagem a França por parte de D. Afonso V foi sem dúvida uma aventura. Se era verdade que os reis medievais se deslocavam entre reinos em campanhas militares, e se moviam constantemente dentro do seu próprio reino por variadas razões, por estes anos não se conhece outro monarca que tenha realizado uma viagem diplomática a outro reino, muito menos uma viagem de cerca de 15 meses.

Contudo, esta viagem foi também um fracasso a vários níveis: diplomático, económico e político.

Podemos questionar-nos sobre qual foi o verdadeiro sentido da viagem do rei ao território francês. Após enviar múltiplas embaixadas ao reino francês, tendo mesmo conseguido formar a 8 de Setembro de 1475 uma Liga Ofensiva com Louis XI, contra D. Fernando de Aragão, D. Afonso V toma a decisão de ir pessoalmente ao reino francês pedir apoio a Louis XI.

O monarca tinha acabado de perder a Batalha de Toro quando toma a decisão de partir para França. Podemos por isso supor que esta viagem foi a maneira encontrada por D. Afonso V de manter viva a esperança de se tornar rei de Castela, apesar das vitórias militares dos “reis católicos”.

Surge depois outra questão. A quem atribuir responsabilidades desta missão totalmente falhada? É fácil apontar culpados. A conjuntura política francesa não ajudou, muito pelo contrário. Como vimos ao longo do trabalho, Louis XI estava nesta altura muito preocupado em derrotar o duque da Borgonha e em manter a alta nobreza sob controle. Para além disso, a ajuda prometida por Louis XI dependia em grande medida da evolução da guerra em Castela, que estava a ser ganha pelos reis católicos.

Os cronistas franceses decidem responsabilizar os embaixadores portugueses, cujas informações sobre o que se tinha passado em França passaram uma mensagem errada ao monarca português, que parte para aquele reino confiante de que obteria o apoio necessário.

A verdade é que a ideia de partir para França foi única e exclusivamente de D. Afonso V. Ao contrário do que aconteceu com a guerra da sucessão em Castela, para a qual o monarca reuniu o Conselho Régio para ser aconselhado sobre a decisão a tomar, neste caso, o monarca não reuniu nem aquele Conselho nem as Cortes. Por sua vez, o príncipe D. João, um dos apoiantes mais fervorosos quando se discutiu a entrada em Castela, tanto quanto sabemos não demonstra agora qualquer opinião.

A nível diplomático, a viagem estava bem pensada. Todavia, D. Afonso V não soube movimentar-se no jogo de xadrez europeu, e não percebeu que não era uma das peças mais importantes desse jogo. Nesta altura, o monarca português tinha poucas vantagens para oferecer a Louis XI.

Esta viagem foi também um desastre financeiro: custou ao reino 38.000 dobras, não tendo o reino beneficiado em nada com ela. É necessário lembrar que aquando da guerra com Castela o monarca tinha já pedido um empréstimo em Cortes. Depois disso, os seus gastos em França levam o príncipe D. João a convocar por diversas vezes as Cortes para discutir a situação financeira do reino. Podemos assim afirmar que a dimensão do fracasso da viagem foi diretamente proporcional ao tamanho e custo da embaixada.

O monarca parece estar em constante fuga das consequências por ele originadas: foge do resultado da Batalha de Toro organizando uma viagem até França; tenta fugir para Jerusalém após a tentativa falhada de conseguir apoio junto do monarca francês; e por fim, quando chega a Portugal, tenta novamente negar o fracasso da viagem pedindo apoio a Louis XI para continuar a guerra com os “reis católicos”. Parecia que o monarca português não via, nem queria ver a falta de empenho por parte de Louis XI nesta questão ibérica. O rei francês estava agora interessado na conquista dos territórios da Borgonha e na centralização política do seu reino.

O rei português, homem ainda tipicamente medieval, não conseguiu perceber que estava a lidar com um rei francês de valores modernos: estamos naturalmente a simplificar, dando como ‘moderna’ a preocupação com uma centralização e um fortalecimento do poder régio (fenómenos não coincidentes) e como ‘medieval’ o fogo cruzadístico e a concepção de um rei como *primus inter pares*. Concordamos assim com Manuel Rodrigues Lapa quando afirma «...a política, feita de ardis, livre de escrúpulos, sobrelevava já em poder a força da espada, ainda que fosse de boa têmpera. A Europa, toda em ebulição, onde o lume da ardente religiosidade medieval ia arrefecendo nos peitos, onde o espírito da cavalaria antiga era já considerado uma doudice, reclamava uma disciplina sagaz, obra duma política resoluta e sem preconceitos».⁵⁹⁹

Por fim esta viagem foi um fracasso político uma vez que, a 9 de Outubro de 1478, é assinado o Tratado de Saint-Jean de Luz⁶⁰⁰ entre Louis XI e os “reis católicos”, caindo assim por terra a última réstia de esperança de D. Afonso V em obter o apoio militar do rei francês.

A verdade é que D. Afonso V não soube ter a destreza diplomática necessária para influenciar o monarca francês de forma a que este lhe garantisse apoio militar: “quem não sabe fingir, não sabe ser rei”.

É difícil não subscrevermos as palavras de Commynes: «Ce pauvre Roy de Portugal...».

⁵⁹⁹ LAPA, Manuel Rodrigues - *D. Afonso V e o príncipe D. João. Ensaio sobre uma regência*. Revista de Guimarães, 34 (4) Out.-Dez. 1924, p.116.

⁶⁰⁰ Este tratado é depois ratificado a 10 de Janeiro de 1479 em Santa Maria do Guadalupe.

Bibliografia

Fontes impressas

ACENHEIRO, Cristavão Rodrigues – *Chornicas dos senhores reis de Portugal*, collecção de Ineditos de História Portuguesa, Tomo V, Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1825.

BASIN, Thomas – *Histoire de Charles VII et Louis XI*. Intr. Joel Blanchard, Franck Collard et Yves Kish. Paris: Pocket, 2018.

CHASTELLAIN, George – *Chroniques des ducs de Bourgogne*, troisième part. In *Oeuvres historiques inédites de sire George Chastellain*. Paris: A. Desrez, 1837.

CHAVES, Álvaro Lopes de – *Livro de apontamentos (1438-1489)*. Códice 443 da coleção pombalina da B.N.L. Introdução e transcrição de Anastácia Mestrinho Salgado e Abílio José Salgado. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.

COMMYNES, Philippe – *Mémoires*. Tomo I. Paris : Société de l’Histoire de France, 1840.

ENRIQUEZ DEL CASTILLO, Diego – *Crónica del Rey Don Enrique el quarto*. In *Cronicas de Los reyes de Castilla desde don alfonso el sabio hasta los católicos don fernando y doña isabel*. Colección ordenada por Don Cayetano Rosell. Tomo III, 1953.

Gavetas da Torre do Tombo (As). Lisboa: Centro de Estudos Históricos, Vol. 1, 1960.

GÓIS, DAMIÃO DE – *Crónica do príncipe D. João*. (Ed) Graça Almeida Rodrigues. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1977.

FARO, Jorge - *Receitas e despesas da Fazenda Real de 1384 a 1481*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1965.

LA MARCHE, Olivier de- *Mémoires d’Olivier de la Marche*. Paris: Librairie Renouard, 1884.

LA TORRE, António de; SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis – *Documentos referentes a las relaciones con Portugal durante el reinado de los Reyes Católicos*. Valladolid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1960.

LEÃO, Duarte Nunes de. Crónica e vida del Rey D. Affonso V. In: *Crónicas dos Reis de Portugal*. Lisboa: Officina de José de Aquino Bulhões, Tomo II, 1780.

Lettres de Louis XI, roi de France. (Ed.) Joseph Vaësen; Étienne Charavay. Paris: Société de l'Histoire de France, 11 vol, 1885.

Livro dos pregos: estudo introdutório, transcrição paleográfica, sumários e índices. (coord.) Inês Morais Viegas, Marta Gomes. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2016.

PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V.* In Collecção de livros inéditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João II. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa, Tomo I, 1790.

PULGAR, Fernando – *Claros varones de Castilla y letras.* Madrid: G. Ortega, 1789.

PULGAR, Fernando del – *Crónica de los reyes católicos Don Fernando y Doña Isabel de Castilla y de Aragón.* Valencia: Benito Monfort, 1780.

ROYE, Jean de – *Chronique Scandaleuse. Journal d'un Parisien au temps de Louis XI.* (Trad.) Joel Blanchard. Paris : Pocket, 2015.

SANTARÉM, Visconde de - *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potências do mundo desde o princípio da monarchia portugueza até aos nossos dias.* Vol. III. Paris: J. P. Aillaud, 1843.

VILEVAULT, M.; BRÉQUIGNY, M.- *Ordonnances des rois de France de la troisième race.* Treizième volume, *Contenant les ordonnances depuis le commencement du règne de Charles VII, jusques et compris l'année 1447.* Paris: Imprimerie royale, 1782.

Bibliografia

ÁLVAREZ PALENZUELA, Vicente – La guerra civil castellana y el enfrentamiento con Portugal. [Em linha] Alicante: Biblioteca Virtual Miguel Cervantes, 2006. [consult. 17 Set 2020] Disponível em WWW:<URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcx020>.

ALVES, Ana Maria – *As entradas régias portuguesas.* Lisboa: Livros Horizonte, s.d.

ARMSTRONG, A. J. – “La politique matrimoniale des ducs de Bourgogne de la maison de Valois”, *Annales de Bourgogne*, tome XL, 1968.

ARAÚJO, Julieta – *Portugal e Castela na Idade Média.* Lisboa: Edições Colibri, 2009.

AUTRAND, Françoise; CONTAMINE, Philippe – Naissance de la France: Naissance de sa diplomatie. Le Moyen Âge. In *Histoire de la diplomatie française*. Du Moyen Âge à l'empire. Paris: Perrin, 2005.

AZCONA, Tarsicio de – Capitulaciones matrimoniales entre Alfonso de Portugal e Isabel de Castilla en 1465. *Edad Media: revista de historia*, Nº5, 2002.

AZCONA, Tarsicio de – *Isabel la Católica – estudio crítico de su vida y su reinado*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1993.

AZNAR VALLEJO, Eduardo – Los albores de una nueva época. In *Historia de España de la Edad Media* (coord.) Vicente Ángel Álvarez Palenzuela. Barcelona: Areal, 2011.

BARANTE, M.- *Histoire des ducs de Bourgogne de la Maison de Valois: 1364-1477*, tome IV, Paris: L'advocat Libraire, 1824.

BARROS, Henrique da Gama – História da administração pública em Portugal dos séculos XII a XV. 2ª ed., comentada por Torquato de Sousa Soares, 11 vols. Lisboa: Ed. Sá da Costa, 1945.

BARTIER, John – *Charles le Téméraire*. Bruxelles: Ch. Dessart, 1944.

BATLLE GALLART, Carmen – Triunfo nobiliario en Castilla y revolución en Cataluña. In *Historia de España de la Edad Media* (coord.) Vicente Ángel Álvarez Palenzuela. Barcelona: Areal, 2011.

BELENGUER, Ernest – *Fernando el Católico*. Barcelona: Ediciones Península, 1999.

BLANCHARD, Joël – *Louis XI*. Paris: Perrin, 2015.

BLANCHARD, Joël – *Commynes et les procès politiques de Louis XI : du nouveau sur la lèse-majesté*. Paris: Picard, 2008.

BORDONOVE, George – *Les rois qui ont fait la France. Louis XI le diplomate*. Paris: Éditions Pygmalion, 1986.

BRION, Marcel – *Charles le Téméraire : Duc de Bourgogne (1433-1477)*. Paris: Tallandier, 2014.

BULST, Neithard – Louis XI et les États Généraux de 1468. *Colloques internationaux CNRS. La France de la fin du XV siècle - Renouveau et apogée*. Paris: Editions du CNRS, 1985.

BUSSIÈRE, Marie Théodore Renouard – *Histoire de la ligue formée contre Charles le Téméraire*. Paris : Lecoffre, 1846

CALMETTE, Joseph – *Les grands ducs de Bourgogne*. Paris: Ed. Albin Michel, 1949.

CALMETTE, Joseph – *Le grand règne de Louis XI*. Paris: Hachette, 1938.

CALMETTE, Joseph; PÉRINELLE, George - *Louis XI et l'Angleterre (1461-1483)*. Paris: A. Picard, 1930.

CALMETTE, Joseph – *Louis XI, Jean II et la révolution catalane (1461-1473)*. Toulouse: E. Privat, 1903.

CALMETTE, Joseph – “La question du Roussillon sous Louis XI”. *Annales du Midi: revue archéologique, historique et philologique de la France méridionale*, Tome 7, N°28, 1895.

CARRASCO MACHADO, Ana Isabel – *Isabel I de Castilla y la sombra de la ilegitimidad. Propaganda y representación em el conflicto sucesório (1474-1482)*. Madrid: Sílex, 2006.

CASSAGNES-BROUQUET, Sophie – *Louis XI ou Le mécénat bien tempéré*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2007.

CAUCHIES, Jean-Marie - *Louis XI et Charles le Hardi. De Péronne à Nancy: le conflit*. Bruxelles: De Boeck Université, 1996.

CHAMPION, Pierre – *Le roi Louis XI*. Paris: Flammarion, 1936.

CLAUZEL, Denis; GIRY-DELOISON, Charles & LEDUC, Christophe - *Arras et la diplomatie européenne XVe-XVIe siècles*. Arras: Artois Presses Université, 1999.

CONTAMINE, Philippe - Guerre, État et Société: une révision à la lumière de la crise politique et militaire dans la France du deuxième quart du XVe siècle. In: *Guerra y diplomacia en la Europa occidental. 1280-1480*. XXI Semana de Estudios Medievales de Estella. Pamplona: Gobierno de Navarra, 2005.

COSTA, António Carlos Martins - As Ordens Militares em combate nos finais da Idade Média: o caso da Guerra da Sucessão de Castela (1475-1479). *Medievalista*, 19, 2016.

COSTA, António Carlos Martins – *A batalha de Toro e as relações entre Portugal e Castela. Dimensões políticas e militares na segunda metade do século XV*. Dissertação de mestrado em História Medieval. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

DAUMET, Georges, - *Étude sur l' alliance de la France et de la Castille au XIVe et XVe siècles*. Paris, Librairie Émile Bouillon, 1898.

DENIS, Serge. Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal, *Bulletin Hispanique*, tome 36, 3, 1934.

D'HERBOMMEZ, Armand – *Une lettre de Louis XI à Sixte IV relative aux affaires d'Espagne, tirée de la Bibliothèque de Saint-Marc de Venise*. Bibliothèque de l'École des Chartes: Paris, vol. VI ,1890.

DINIS, António Joaquim Dias - “Dois embaixadores de el-Rei D. Afonso V”. *Cadernos Históricos* , 1. Braga: Editora Franciscana, 1955.

DUARTE, Luís Miguel - «A marinha de guerra. A pólvora. O norte de África», In *Nova História Militar de Portugal*. Dir. de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol.1. Coord de José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores, 2003.

DUBOIS, Henry – *Charles le Téméraire*. Paris: Fayard, 2004.

DUBY, Georges (dir) – *Histoire de la France des origines à nos jours*. Paris: Larousse, 1999.

DUFURNET, M. Jean – « Charles le Téméraire vu par les historiens bourguignons », in *Cinq-centième anniversaire de la bataille de Nancy (1477). 22-24 septembre 1977*.

DUMAS, Alexandre – *Charles le Téméraire*. Paris: Lévy, 1871.

DURAND-LE GUERN, Isabelle – Louis XI entre mythe et histoire. *Cahiers de Recherches Médiévales et Humanistes*, nº 11, 2004.

ENCARNAÇÃO, Marcelo – *A batalha de Toro*. Porto: Fronteira do Caos Editores, 2014.

FAVIER, Jean – *Louis XI*. Paris: Éditions Fayard, 2001.

FONSECA, Luís Adão da - *D. João II*. Mem Martins: Círculo de Leitores, 2005.

FONSECA, Luís Adão da - *Tratado de Tordesilhas e a Diplomacia Luso-Castelhana no século XV*. Lisboa: Inapa, 1991.

FONSECA, Luís Adão – La época de Enrique IV de Castilla y Juan II de Aragón. In *Historia general de España y America*. Tomo V. Madrid: Ediciones Rialp, 1982.

FONSECA, Luís Adão da – *O Condestável D. Pedro de Portugal*. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade do Porto, 1982.

FRANCO SILVA, Alfonso- *Juan Pacheco, Privado de Enrique IV de Castilla. La pasión por la riqueza y el poder*. Universidad de Granada, em coedição com las Universidades de Sevilla y Cádiz, 2011.

FRÉDÉRIX, Pierre – *La mort de Charles le Téméraire: 5 janvier 1477*. Paris: Gallimard, 1966.

GANDILHON, René – *Politique économique de Louis XI*. Paris: Presses Universitaires de France, 1941.

GAUSSIN, Pierre-Roger – *Louis XI: um roi entre deux mondes*. Paris: A. G. Nizet, 1988.

GAUDE, Maurielle – “Charles VII le victorieux ou le bien servi, roi de France de 1422 à 1461”, In *Dictionnaire de l'histoire de France*. (Dir.) Jean-François Sirinelli. Paris: Larousse, 2006.

GENGEMBRE, Philippe- *Louis XI et Charles le Téméraire*. Paris: Histoire & collections, 2000.

GOMES, Saul António – *D. Afonso V*. Lisboa: Temas e Debates, 2009.

GÓMEZ MAMPASO, María. "El documento del Pacto de los Toros de Guisando: estudios y estudiosos" *Revista Icade. Revista de las Facultades de Derecho y Ciencias Económicas y Empresariales*, Número 63 (18 Outubro 2016), pp. 59-74.

GONÇALVES, Iria – “O empréstimo concedido a D. Afonso V nos anos de 1475 e 1476 pelo almoxarifado de Évora”. *Cadernos de ciência e técnica fiscal*. Lisboa: Centro de estudos fiscais da direção-geral das contribuições e impostos/ Ministério das Finanças, 1964.

HARSIN. P. – “Liège entre France et Bourgogne au XVe siècle”. In *Liège et Bourgogne*. Actes du colloque tenu à Liège les 28, 29 et 30 octobre 1968. Paris, 1972.

HEERS, Jacques – *Louis XI*. Paris : Perrin, 2003.

HILLAIRET, Jacques – *Dictionnaire historique des rues de Paris*. Paris : Éditions de Minuit, 1963.

HUGO, Victor – *Notre-Dame de Paris*. Paris : Gallimard, 2019.

KENDALL, Paul Murray – *Louis XI*. Paris: Fayard, 1974.

- KIRK, John Foster – *Histoire de Charles le Téméraire: duc de Bourgogne*. Paris: A. Lacroix, 1866.
- KNECHT, Robert - *The Valois: Kings of France (1328-1589)*. London: Hambledon, 2004.
- LADERO QUESADA, Miguel Ángel – *La España de los Reyes Católicos*. Madrid: Alianza Editorial, 1999.
- LAFITTE, Pierre – Louis XI. *Appréciation systématique du rôle de Louis XI dans l'évolution de la France et dans celle de la civilisation occidentale*. Conférence donnée le 30 août 1883. Paris, 1883, p. 20.
- LAPA, Manuel Rodrigues - *D. Afonso V e o príncipe D. João. Ensaio sobre uma regência*. Revista de Guimarães, 34 (4) Out.-Dez., 1924.
- LE CAM, Anne – *Charles le Téméraire. Un homme et son rêve*. V&O Éditions, 1992.
- LEGUAI, André - *Royauté française et État bourguignon de 1435 à 1477*. Publications du Centre européen d'études bourguignonnes, vol. 32, 1992.
- LEGUAI, André – La conquête de la Bourgogne par Louis XI. *Annales de Bourgogne*, t.49, 1977.
- LEGUAI, André – “Dijon et Louis XI: notes sur quelques aspects de la réunion de la Bourgogne (1461-1483)”. *Annales de Bourgogne*, t.17, 1945.
- LIMA, Douglas Mota Xavier - “Viagens Diplomáticas: o Rei Português à Corte de Luís XI.”. (Org.) Vânia Leite. *Viagens e Espaços Imaginários na Idade Média*, 2018.
- LIMA, Douglas Mota Xavier – *A diplomacia portuguesa no reinado de D. Afonso V (1448-1481)*. Doutoramento em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- MACEDO, Jorge Borges - *História Diplomática Portuguesa. Constantes e Linhas de força*. Lisboa: Tribuna da História, 2006.
- MARQUES, A. H de Oliveira – “Estado, fronteira e relações exteriores (algumas ideias)”. In Maria Helena da Cruz Coelho; Armando Luís de Carvalho Homem (coord.), *A génese do estado moderno no Portugal tardo-medieval (séculos XIII-XV)*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 1999.
- MARQUES, José – *Relações entre Portugal e Castela nos Finais da Idade Média*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ JNICT, 1994.

MARQUES, A. H. de Oliveira – *As relações Diplomáticas*. in Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, vol I, Porto, Centro de História da Universidade do Porto – INIC, 1987.

MARQUES, A.H.de Oliveira – *Portugal na Crise do Século XIV e XV*. In *Nova História de Portugal* (Dir. Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques) Lisboa: Editorial Presença, 1987.

MARTIN, Hervé; RUSSON, Marc – *Vivre sous la tente au moyen âge (Ve – XVe siècle)*. Rennes: Editions Ouest-France, 2010.

MARTÍNEZ, Pedro Soares - *História Diplomática de Portugal*. Editorial Verbo, 2ª edição, 1992.

MARTINS, Oliveira – *História de Portugal*. Lisboa: Livraria Editora, 1908.

MENDONÇA, Manuela – *O sonho da União Ibérica. Guerra luso-castelhana (1475-1479)*. Matosinhos: Quidnovi, 2007.

MICHEL, Francisque – *Les Portugais en France. Les Français en Portugal*, Paris, 1882.

MICHELET, Jules - *Histoire de France. Louis XI*. Tome VI. Paris: Des Equateurs Eds, 2014.

MINOIS, Georges – *Charles le Téméraire*. Paris: Perrin, 2015.

MONTEIRO, Helena Maria. *A Chancelaria régia e os seus oficiais (1464-1465)*. Dissertação de mestrado. Porto: Universidade do Porto, 1997.

MORENO, Humberto Baquero - «Relações castelhano-portuguesas no século XV: Os exilados políticos». *Revista de Ciências Historicas*, Nº14, 1999.

MORENO, Humberto Baquero – «*Os confrontos fronteiriços entre D. Afonso V e os reis católicos*.» In *Revista da Faculdade de Letras*, II Série, vol. X, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1993, pp.93-103.

MORENO, Humberto Baquero – *A contenda entre D. Afonso V e os Reis Católicos: incursões castelhanas no solo português de 1475 a 1478*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1979.

MORENO, Humberto Baquero; FREITAS, Isabel Vaz- *A corte de Afonso V: o tempo e os homens*. Gijón: Ediciones Trea, 2006.

OHARA, Shima- «Las relaciones em torno del conflicto sucessório de Enrique IV» In *Isabel la Católica y su época – actas del congreso internacional*. Vol I. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2007.

PARDAL, Diana Sousa Costa – O Tratado de Alcáçovas-Toledo de 1479: uma derrota política e uma vitória económica? *Omni Tempore: atas dos Encontros da Primavera 2018*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019.

PASQUIER, Félix - King of France Louis XI. *Lettres De Louis XI Relatives À Sa Politique En Catalogne De 1461 À 1473*. Foix: Imprimerie Veuve Pomiès, 1895.

PAVIOT, Jacques – *Portugal et Bourgogne au XV siècle*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1995.

PEDRAS, Miguel Ribeiro – *Viajar com os Reis de Portugal*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2020.

PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor- D. Dinis. Lisboa: Temas e Debates, 2012.

RAMOS, Manuel - O impacto de Alfarrobeira nas relações com o ducado da Borgonha. *Revista da Faculdade de Letras. História*, ISSN 0871-164X, Vol. 5, Nº. 1, 2015.

RAU, Virgínia - *Estudos de História Medieval*. Lisboa, Editorial Presença, 1986.

RIBEIRO, Ângelo- «Afonso V e Luís XI» in *História de Portugal. Edição Monumental* (Dir. Damião Peres), vol. III, Barcelos: Portucalense Editora, 1931.

RIBOT, Luis; VALDEÓN, Júlio; MAZA, Elena (coord.) – *Isabel la Católica y su época*. Actas del congreso internacional. Vol I. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2007.

RIMBOUD, Michel – “La paix du Bien Public: démesure et marchandages (août-novembre 1465)”. In *La guerre, la violence et les gens au Moyen Âge*. dir. Philippe Contamine; Olivier Guyotjeannin - Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, 1996.

ROMERO PORTILLA, Paz - *Dos monarquias medievales ante la modernidade – relaciones entre Portugal y Castilla*. Corunha: Universidade da Corunha, 1999.

SABLOU DU CORAIL, Amable – *Louis XI ou le jouer inquiet*. Paris: Belin, 2015.

SCHNERB, Bertrand – *Armagnacs et Bourguignons: La maudite guerre (1407-1435)*. Paris: Tempus, 2009.

SCHNERB, Bertrand – *L'État bourguignon*. Paris: Perrin, 1999.

SCORDIA, Lydwine - *Louis XI. Mythes et réalités*. Paris : Ellipses édition, 2015.

SCOTT, Walter – *Quentin Duward*. Oxford: Oxford University Press, 1922.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo - Portugal e Castela no século XV. In *O tempo histórico de D. João II. Nos 550 anos do seu nascimento*. Actas do Colóquio. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1993.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*, vol. II, *A formação do Estado Moderno (1415-1495)*. Lisboa: Editorial Verbo, 1980.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.

SOISSON, Jean-Pierre – *Charles le Téméraire*. Paris: Grasset, 1997.

SOUSA, Armindo de - «1325-1480». In *História de Portugal* (Dir. José Mattoso), vol. II, *A monarquia feudal (1096-1480)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

SOUSA, Armindo de - *As cortes medievais portuguesas: 1385-1490*. Porto: INIC, 1990.

STEIN, Henry - *Charles de France, frère de Louis XI*. Paris: Picard, 1919.

STOUFF, Louis - *Les origines de l'annexion de la Haute-Alsace à la Bourgogne en 1469: étude sur les terres engagées par l'Autriche en Alsace depuis le XIVe siècle, spécialement la seigneurie de Florimont*. Paris: Larose, 1901.

SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis – *Enrique IV de Castilla. La difamación como arma política*. Barcelona: Ariel, 2001.

SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis – *Isabel I Reina (1451-1504)*. Barcelona: Ariel, 2000.

SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis - *La España de los Reyes Católicos (1474-1516)* In *História de España*. Dir. Ramón Menéndez Pidal, Tome XIV, Madrid: Espasa-Calpe, 1966.

SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis - *Los trastámara y los Reyes Católicos*. Madrid: Gredos, 1985.

TORRES FONTES, Juan – “La contratación de Guisando”, *Anuario de Estudios Medievales*, 2, Barcelona, 1965.

TUDELA Y VELASCO, Maria Isabel Pérez de; RÁBADE OBRADÓ, Maria Pilar – Dos princesas portuguesas em la corte castellana: Isabel y Joana de Portugal. In *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, vol.1, Porto, Centro de História da Universidade do Porto/INIC, 1987.

VAL VALDIVIESO, Maria Isabel del - «La farsa de Ávila em las crónicas de la época», In *Espacios de poder y formas sociales em la Edad Media. Estudios dedicados a Ángel Barrios*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2007.

VAL VALDIVIESO, María Isabel del – La infanta que llegó a reinar, Isabel de Trastámara. [Em linha] Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2005. [consult. 14 Set 2020]. Disponível em: WWW:<URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmczs352>.

VAL VALDIVIESO, Maria Isabel - *La política exterior de la monarquía castellano-aragonesa en la época de los Reyes Católicos*. Investigaciones Históricas: Época moderna y contemporánea, n.º 16, 1996.

VAL VALDIVIESO, Maria Isabel del - La sucesión de Enrique IV. *Espacio, tiempo y forma*. Serie III, Historia Medieval, N.º4, 1991.

VAL VALDIVIESO, Maria Isabel del - *Isabel la Católica, princesa (1468-1474)*. Valladolid: Instituto "Isabel la Católica" de Historia Eclesiástica, 1974.

VALE, M.G.A. – *Charles VII*. California: University of California Press, 1974.

VAUGHAN, Richard - *Philip the Bold: The Formation of the Burgundian State*, Woodbridge: Boydell Press, 2002.

VAUGHAN, Richard – *Charles the Bold: the last Valois Duke of Burgundy*. London: Longmans, 1973.

VERDON, Jean- *Voyager au Moyen Age*. Paris: Perrin, 2007.

VICENS VIVES, Jaume – *Juan II de Aragón (1398-1479): monarquía y revolución em la España del siglo XV*. Pamplona: Urgoiti Editores, 2003.

VICENTE, Maria Graça – A viagem de D. Afonso V a França. *Iacobus: revista de estudos jacobeos y medievales*. N.º29-30, 2011.

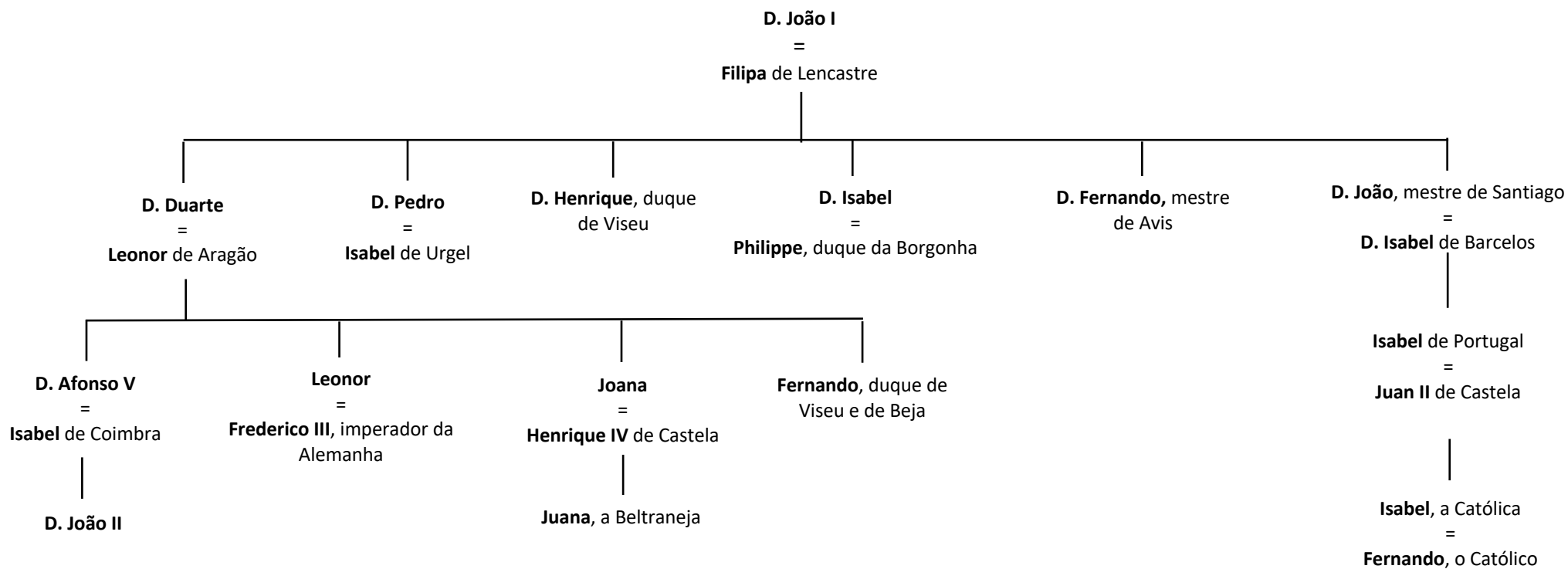
VILLARROEL GONZÁLEZ, Óscar- *Juana la Beltraneja. La construcción de una ilegitimidad*. Madrid: Sílex, 2014.

VITERBO, Francisco Marques Sousa – *A batalha de Toro. Alguns dados e documentos para a sua monografia histórica*. Lisboa: Typographia Universal, 1900.

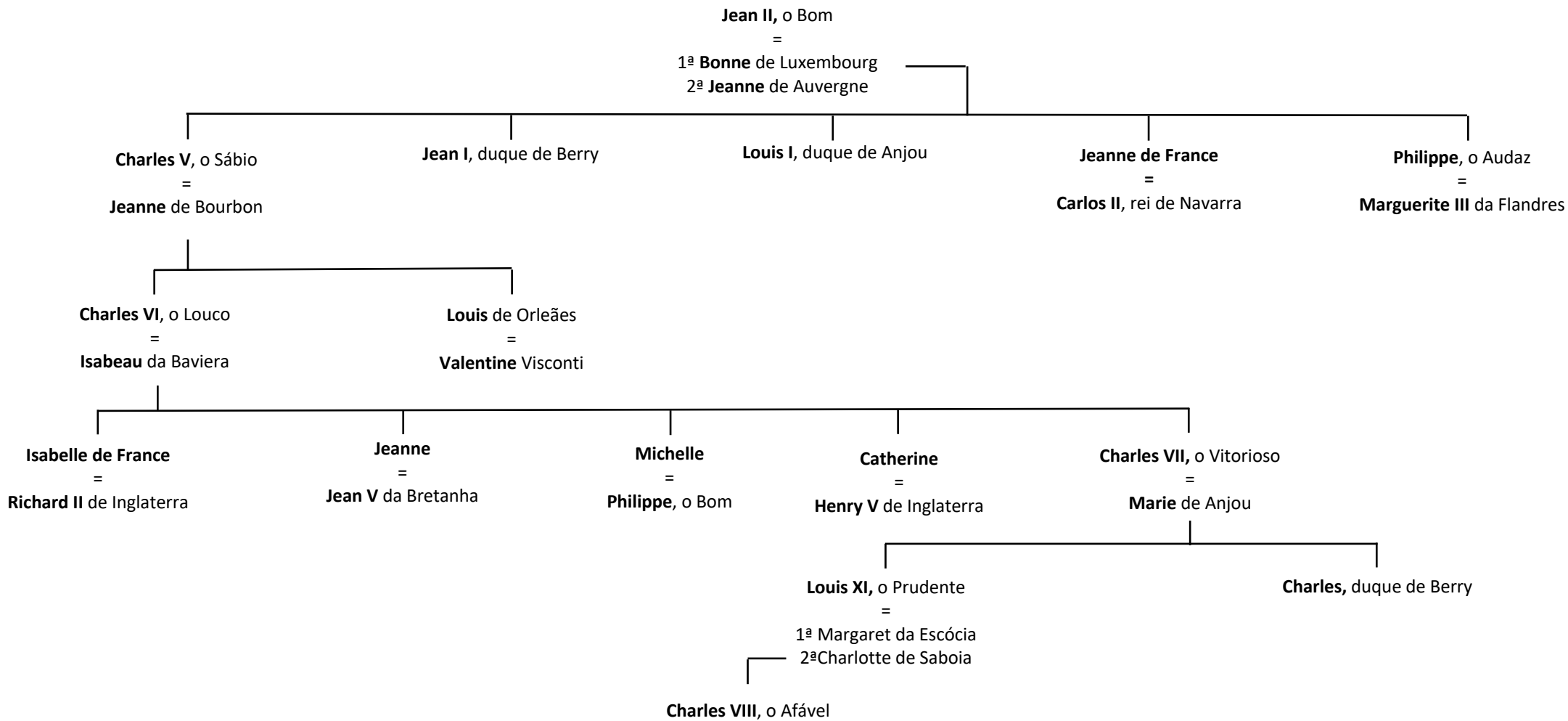
ZAMBARBIERI, Th. – “La partecipazione milanese alla guerra del Bene Publico: allestimento e realizzazione dell’impresa militare”, *Nuova rivista storica*, t. LXIX (1985).

Anexos

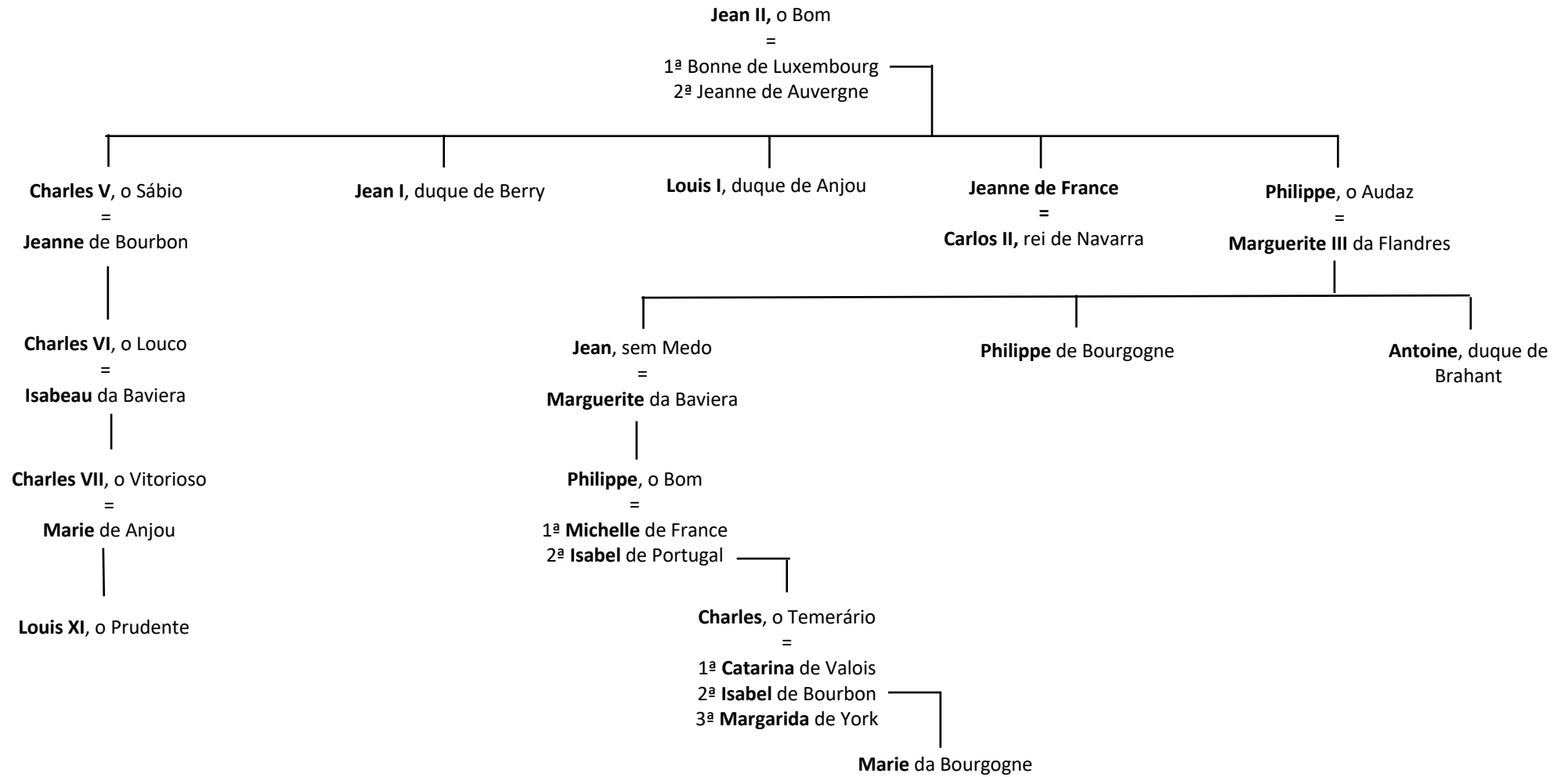
Anexo 1. Árvore genealógica da casa de Avis



Anexo 2. Árvore genealógica dos Valois



Anexo 3. Árvore genealógica dos duques da Borgonha



Anexo 4. Itinerários Paralelos

D. Afonso V				Louis XI			
Fonte	DATA	LOCAL	ATIVIDADE	DATA	LOCAL	ATIVIDADE	Fonte
PINA, Rui de – <i>Chronica de El Rey D.Affonso V</i> . In Collecção de livros inéditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João II. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa,1790. Tomo I, p. 568.	Primeiras semanas de Setembro de 1476	Collieure	D. Afonso V desembarca no porto de Collieure.				
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 568.	17 de Setembro de 1476	Perpignan	O rei português é recebido em Perpignan.				

Idem, <i>Ibidem</i> , p. 569.	Setembro de 1476	Perpignan	D. Afonso V manda o seu embaixador ao encontro de Louis XI para o informar da sua chegada.				
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 569.	23 de Setembro de 1476	Perpignan	O rei português deixa Perpignan com destino a Avinhão.				
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 569.	Setembro de 1476	Narbonne					
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 569.	Setembro de 1476	Montpellier					
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 569.	Setembro de 1476	Besiers.					

Idem, <i>Ibidem</i> , p. 569.	30 de Setembro de 1476	Nîmes	D. Afonso V entra em Nimes.				
DENIS, Serge. Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal. In: <i>Bulletin Hispanique</i> , tomo 36, nº3, 1934, p. 295.	1 de Outubro de 1476	Nîmes	O rei português deixa Nimes e é convidado a visitar a fortaleza de Maguellone.	1 de Outubro de 1476	Plessis-du-Parc	Louis XI pede ao senhor de Saint-Pierre que questione o duque de Nemours sobre o facto de este querer matar o rei de França e entregar a regência ao duque da Borgonha.	<i>Lettres de Louis XI, roi de France.</i> (Ed.) Joseph Vaësen; Étienne Charavay. Paris: Société de l'Histoire de France, 1898 Tomo VI, pp.88-89.

				6 de Outubro de 1476	Selommes	Louis XI pede ao duque de Milan que abandone o cerco à cidade de Avigliana, pertencente ao duque de Saboia, aliado do rei francês.	Idem, <i>Ibidem</i> , pp.91-92.
				9 de Outubro de 1476	Plessis-du-Parc	Louis XI toma conhecimento que a duquesa da Saboia, que foi feita prisioneira de Charles le Téméraire conseguiu escapar. O rei	Idem, <i>Ibidem</i> , pp.93-94

						francês promete à duquesa da Sabóia que a ajudará a recuperar os territórios conquistados pelo duque da Borgonha.	
DENIS, Serge. Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal. In: <i>Bulletin Hispanique</i> , tomo 36, nº3, 1934, p. 295.	Outubro de 1476	Montélimar					
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 295.	Outubro de 1476	Valence					
PINA, Rui de – <i>Chronica de El Rey D.Affonso V</i> . In	Outubro de 1476	Saint-Valier	D. Afonso V é saudado pelo				

Collecção de livros inéditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João II. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa,1790. Tomo I, p. 569.			duque de Bourbon				
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 569.	Outubro de 1476	Lyon	O rei português chega a Lyon, mas não entra na cidade por existirem noticias de peste na mesma.				
SERRÃO, Joaquim Veríssimo – <i>Relações</i>	Outubro de 1476	Lapalisse					

<i>históricas entre Portugal e a França (1430-1481).</i> Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1475, p.114.							
Idem, <i>Ibidem</i> p. 114.	Outubro de 1476	Moulins					
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 114.	Outubro de 1476	Saint Pierre-le-Moutier					
PINA, Rui de – <i>Chronica de El Rey D.Affonso V.</i> In Collecção de livros inéditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João II. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa,1790. Tomo I, p. 569.	30 de Outubro de 1476	Burges	D. Afonso V chega a Burges.				

Idem, <i>Ibidem</i> , p. 569.	Novembro de 1476	Berry	Visita a fortaleza Moris Sagevia.				
Idem, <i>Ibidem</i> p. 569.	Novembro de 1476	Aix-d'Angillon	Visita uma abadia beneditina.				
SERRÃO, Joaquim Veríssimo – <i>Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)</i> . Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1475, p. 114.	5 de Novembro de 1476	Burges	D. Afonso V deixa Burges com destino a Tours.				
DENIS, Serge. Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal. In: <i>Bulletin Hispanique</i> , tomo 36, nº3, 1934, p. 298.	Novembro de 1476	Vierzon					

Idem, <i>Ibidem</i> , p. 298.	Novembro de 1476	Montrichard					
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 298.	Novembro de 1476	Chenonceaux					
PINA, Rui de – <i>Chronica de El Rey D.Affonso V</i> . In Collecção de livros inéditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João II. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa,1790. Tomo I, p. 570.	10 de Novembro de 1476	Tours	O rei português entra em Tours.				
				12 de Novembro de 1476	Plessis-du-Parc	Louis XI anuncia à vila de Reims a chegada do rei português.	<i>Lettres de Louis XI, roi de France</i> . (Ed.) Joseph Vaësen; Étienne

							Charavay. Paris: Société de l'Histoire de France, 1898 Tomo VI, pp.100-101
Idem, <i>Ibidem</i> , pp. 570-571.	15 de Novembro de 1476	Tours	Encontro entre D. Afonso V e Louis X.				
SERRÃO, Joaquim Veríssimo – <i>Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)</i> . Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1475, p. 120.	17 de Novembro de 1476	Tours	O rei português sai de Tours com destino a Orleães.				
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 120.	19 de Novembro de 1476	Orleães	D. Afonso V entra em Orleães.	19 de Novembro de 1476	Plessis-du-Parc	Louis XI confirma a	<i>Lettres de Louis XI, roi de France.</i> (Ed.) Joseph

						aliança com o duque de Milão	Vaësen; Étienne Charavay. Paris: Société de l'Histoire de France, 1898 Tomo VI, p.102-103.
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 121.	20 de Novembro de 1476	Orleães	O rei português sai de Orleães em direção à Lorena.				
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 121.	Novembro de 1476		D.Afonso V modifica o seu percurso para Paris.				
ROYE, Jean de - <i>Chronique scandaleuse. Journal d'um Parisien au temps</i>	23 de Novembro de 1476	Paris	O rei português chega a Paris.				

<i>de Louis XI.</i> (Trad. Joël Blanchard). Paris: Pocket, 2015, p. 291.							
SERRÃO, Joaquim <i>Veríssimo – Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481).</i> Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1475, p. 123.	24 de Novembro de 1476	Paris	D.Afonso V participa na distribuição dos Mesteres de Paris.				
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 124.	26 de Novembro de 1476	Paris	O rei português assiste a uma cerimónia de doutoramento de um dos membros da sua comitiva.				

Idem, <i>Ibidem</i> , p. 124.	1 de Dezembro de 1476	Paris	D. Afonso V assiste a uma missa realizada pelo bispo de Treves				
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 125.	20 de Dezembro de 1476	Paris	O rei português deixa Paris com destino à Lorena				
PINA, Rui de – <i>Chronica de El Rey D.Affonso V</i> . In Collecção de livros inéditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João II. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa,1790. Tomo I, p. 575.	29 de Dezembro de 1476	Amance	Encontro entre D.Afonso V e Charles le Téméraire				

Idem, <i>Ibidem</i> , p. 575.	1 de Janeiro de 1477	Perto de Nancy	Novo encontro entre D. Afonso V e Charles le Téméraire				
SERRÃO, Joaquim Veríssimo – <i>Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)</i> . Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1475, p. 127.	4 de Janeiro de 1477	Amance	D. Afonso V deixa o castelo de Amance com destino a Paris.				
PINA, Rui de – <i>Chronica de El Rey D.Affonso V</i> . In Collecção de livros inéditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João II. Lisboa: Academia real das sciencias de	6 de Janeiro de 1477	Ligny-en-Barrois	O monarca português é informado da derrota de Charles le Téméraire em Nancy.				

Lisboa,1790. Tomo I, p. 576.							
SERRÃO, Joaquim Veríssimo – <i>Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)</i> . Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1475, p. 127.	Janeiro de 1477	Saint-Dizier					
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 127.	Janeiro de 1477	Vitry-le François					
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 127.	Janeiro de 1477	Esternay					
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 127.	Janeiro de 1477	Coulommiers					
				9 de Janeiro de 1477	Plessis-du- Parc	Louis XI ordena ao governador de Champagne	<i>Lettres de Louis XI, roi de France.</i> (Ed.) Joseph

						que entre no ducado da Borgonha e anuncie a intenção do rei francês de ser o protetor de Marie da Borgonha após a morte de Charles le Téméraire.	Vaësen; Étienne Charavay. Paris: Sociéte de l'Histoire de France, 1898 Tomo VI, pp.111-112.
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 128.	10 de Janeiro de 1477	Paris	D. Afonso V entra em Paris.				
				12 de Janeiro de 1477	Candes	Louis XI ordena aos habitantes de Poitiers que	Idem, <i>Ibidem</i> , p.114.

						façam uma procissão pela morte de Charles le Téméraire	
				19 de Janeiro de 1477	Selommes	O monarca manda ocupar a Flandres, a Bourgogne, Pouthieu e Artois.	Idem, <i>Ibidem</i> , pp.115-117.
				9 de Fevereiro de 1477	Péronne	Louis XI ordena a reparação das praças na fronteira com a Alemanha.	Idem, <i>Ibidem</i> , pp.125-126.

				17 de Fevereiro de 1477	Péronne	O rei ordena que os habitantes de Reims entreguem toda a artilharia disponível para ser entregue ao exército real.	Idem, <i>Ibidem</i> , pp.130-131
				5 de Março de 1477	Arras	Louis XI manda que os habitantes de Reims entreguem a artilharia existente aos senhores do rei que vão combater em	Idem, <i>Ibidem</i> , pp.136-137.

						Hainaut e Brahant	
				28 de Março de 1477	Arras	O rei pede a Sigimond que pare com os ataques ao ducado da Borgonha	<i>Idem, Ibidem,</i> pp.141-142.
				8 de Abril de 1477	Hesdin	Louis XI conquista o castelo de Hesdin	<i>Idem, Ibidem,</i> pp.151-152.
				13 de Abril de 1477	Hesdin	O rei ordena que as propriedades e bens pertencentes ao príncipe de	<i>Lettres de Louis XI, roi de France.</i> (Ed.) Joseph Vaësen; Étienne Charavay. Paris: Société de

						Orange em Champagne, lhe sejam retiradas uma vez que o príncipe se aliou a Marie da Borgonha.	l’Histoire de France, 1898 Tomo VI, pp. 154-156.
				20 de Abril de 1477	Hesdin	Conquista de Boulogne, Fiennes e do castelo de Montoire.	Idem, <i>Ibidem</i> , pp. 157-158.
PINA, Rui de – <i>Chronica de El Rey D.Affonso V</i> . In Collecção de livros inéditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João	5 de Maio de 1477	Arras	Encontro entre Louis XI e D. Afonso V.				

II. Lisboa: Academia real das ciencias de Lisboa,1790. Tomo I, pp. 578-579.							
				7 de Maio de 1477	Arras	Cerco de Arras	Idem, <i>Ibidem</i> , pp.163-164.
				1 de Junho de 1477	Ham	Revoltas bourgonhesas em Charolês e na Borgonha	Idem, <i>Ibidem</i> , pp.175-176.
				12 de Junho de 1477	Estrées-en-Chaussée	Conquista de Quesnay	Idem, <i>Ibidem</i> , pp.183-184.
				16 de Junho de 1477	Notre-Dame de Liesse	Louis XI recebe a ajuda de mercenários suissos para	<i>Lettres de Louis XI, roi de France.</i> (Ed.) Joseph Vaësen; Étienne Charavay. Paris:

						combater Marie da Borgonha.	Société de l'Histoire de France, 1898 Tomo VI, pp.185-187.
				2 de Julho de 1477	Arras	Vitoria de Louis XI sobre o duque de Gueldres e os Flamengos no pont des pierres.	Idem, <i>Ibidem</i> , pp.197-200.
Idem, <i>Ibidem</i> p. 581.	14 de Julho de 1477	Arras	D. Afonso V deixa Arras com destino a Rouen				
				15 de Julho de 1477	Lucheux	Louis XI acusa a receção de cartas enviadas	Idem, <i>Ibidem</i> , p.209.

						pelo seu embaixador em Espanha.	
SERRÃO, Joaquim <i>Veríssimo – Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481).</i> Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1475, p. 134.	Julho de 1477	Abbeville					
SERRÃO, Joaquim <i>Veríssimo – Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481).</i> Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1475, p. 134.	Julho de 1477	Neuchatel-en Bray					
DENIS, Serge. Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal. In: <i>Bulletin</i>	Finais de Julho de 1477	Rouen	O rei português chega a Rouen, onde começa a				

<i>Hispanique</i> , tomo 36, nº3, 1934, p. 315.			preparar a sua viagem de regresso a Portugal				
				27 de Agosto de 1477	Théronanne	Louis XI vence os Flamengos em Blancs-Fossés	<i>Lettres de Louis XI, roi de France.</i> (Ed.) Joseph Vaësen; Étienne Charavay. Paris: Société de l'Histoire de France, 1898 Tomo VI, pp.219-220.
PINA, Rui de – <i>Chronica de El Rey D.Affonso V.</i> In Collecção de livros inéditos da historia	Setembro de 1477	Rouen	D. Afonso V dirige-se para o porto de Honfleur				

portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João II. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa,1790. Tomo I, p. 581.							
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 581.	23 de Setembro de 1477	Honfleur	D. Afonso V envia uma carta ao rei Francês onde o informa que vai partir para a Terra Santa				
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 582.	Fins de Setembro de 1477	Honfleur	D. Afonso V parte para a Terra Santa				

Idem, <i>Ibidem</i> , pp. 582-583.	Fins de Setembro de 1477	Honfleur	A comitiva que acompanhava D.Afonso V pede ajuda a Louis XI para encontrar o rei português				
SERRÃO, Joaquim Veríssimo – <i>Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)</i> . Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1475, p. 138.	Fins de Setembro de 1477	Normandia	Um servidor do rei de França encontra D. Afonso V numa estalagem na Normandia				
PINA, Rui de – <i>Chronica de El Rey D.Affonso V</i> . In Collecção de livros inéditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João	Fins de Setembro de 1477	Saint-Vaast-la-Hougue	D. Afonso V desloca-se até Saint-Vaast-la-Hougue onde espera que a				

II. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa,1790. Tomo I, p.584.			frota fique pronta.				
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 584.	Fins de Setembro de 1477	Saint-Vaast-la-Hougue	O rei português embarca na frota com destino à illha de Wight.				
				12 de Outubro de 1477	Mehun	Louis XI nomeia Charles de Amboise como governador da Bourgogne.	<i>Lettres de Louis XI, roi de France.</i> (Ed.) Joseph Vaësen; Étienne Charavay. Paris: Société de l'Histoire de France, 1898

							Tomo VI, pp.236-337.
Idem, <i>Ibidem</i> , p. 585.	Meados de Outubro de 1477	Ilha de Wight	D. Afonso V parte da ilha de Wight com destino a Cascais				

Fontes: *Lettres de Louis XI, roi de France*. (Ed.) Joseph Vaësen; Étienne Charavay. Paris: Société de l'Histoire de France, 1898. Tomo VI; PINA, Rui de – *Chronica de El Rey D.Affonso V*. In Collecção de livros inéditos da historia portuguesa dos reinados de D. Affonso V a D. João II. Lisboa: Academia real das sciencias de Lisboa,1790. Tomo I; ROYE, Jean de - *Chronique scandaleuse. Journal d'um Parisien au temps de Louis XI*. (Trad. Joël Blanchard). Paris: Pocket, 2015; DENIS, Serge. Le voyage en France d'Alphonse V de Portugal. In: *Bulletin Hispanique*, tomo 36, n°3, 1934; SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Relações históricas entre Portugal e a França (1430-1481)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1475.

Anexo 5. Cronologia

PORTUGAL	CASTELA	ARAGÃO	DATA	FRANÇA	BORGONHA	INGLATERRA
			1435/09/21	Assinado o Tratado de Arras entre Charles VII e Philippe, o Bom	Assinado o Tratado de Arras entre Charles VII e Philippe, o Bom	
			1436/04/13	Reconquista de Paris		
			1436/06/ 25	Casamento entre Louis XI e Margarida da Escócia		
			1440 /02 - 07	Revolta da Praguerie		
			1444 /05/ 28	Tréguas de Tours entre Henry VI e Charles VII		Tréguas de Tours entre Henry VI e Charles VII
			1445 /08/ 16	Morte de Margarida da Escócia		

			1447/01	Louis XI é exilado em Dauphiné		
			1450/04/15	Batalha de Formigny		Batalha de Formigny
			1451 /03/ 9	Casamento entre Louis XI e Charlotte de Saboia		
			1453/07/17	Batalha de Castillon		Batalha de Castillon
			1455/22/05			Início da Guerra das Rosas
		Morte de Afonso V, o Magnanime. Juan II é coroado rei de Aragão	1458/06/ 27			
			1461 /08/15	Louis XI é coroado rei de França		
	Nascimento de D. Juana, filha de D.		1462/02/28			

	Enrique IV e de D. Joana de Portugal					
		Acordo de Salvaterra entre D. Juan II e Louis XI	1462/05/3	Acordo de Salvaterra entre D. Juan II e Louis XI		
O arauto Normandie saúda o rei Afonso V			1462/10			
Carta concedida pela cidade de Burges para favorecer o intercambio comercial com Portugal			1463/02/1		Carta concedida pela cidade de Burges para favorecer o intercambio comercial com Portugal	
D. Afonso V defende as pretensões de			1463/04/10			

Enrique IV ao trono de Aragão						
Parte nova expedição de D. Afonso V para o Norte de África			1463/11/7			
		Desembarque de D. Pedro em Barcelona	1464/01/22			
		D. Pedro solicita a Louis XI o reconhecimento dos seus direitos	1464/02/13	D. Pedro solicita a Louis XI o reconhecimento dos seus direitos		
D. Afonso V responde à carta de Louis XI afirmando não			1464/04/23			

saber do projeto de D. Pedro						
			1464 /12	Assembleia de Tours		
			1465 /03/4	Charles de France chega à Bretagne		
			1465/03-10	Ligue du Bien Public		
	Farsa da Ávila. Golpe que depõe simbolicamente Enrique IV		1465/06/05			
			1465/06/7	Louis XI forma uma aliança com os Liégeois		
			1465 /07/16	Batalha de Montlhéry	Batalha de Montlhéry	
			1465/10/05	Paz de Conflans. Fim da guerra contra a Ligue du Bien Public. Philippe	Paz de Conflans. Fim da guerra contra a Ligue du	

				recebe as vilas do Somme.	Bien Public. Philippe recebe as vilas do Somme.	
			1465/10/29	Assinado o tratado de St-Maur entre Louis XI e Charles, le Téméraire. Charles recupera Abbeville, Amiens, e St-Quentin.	Assinado o tratado de St-Maur entre Louis XI e Charles, le Téméraire. Charles recupera Abbeville, Amiens, e St-Quentin.	
			1465/12/12	Louis XI cede o ducado da Normandia ao seu irmão Charles, duque de Berry.		
		Morte de D. Pedro	1466/06/29			
			1466/10		Aliança entre Inglaterra e a Borgonha	Aliança entre Inglaterra e a Borgonha

			1466/10/01	Charles, duque de Berry, François II da Bretagne e Jean de Alençon formam uma liga contra Louis XI		
			1467 /06/15		Morte de Philippe, o Bom	
			1468 /04	Estados gerais de Tours		
			1468 /07/3		Casamento de Charles le Téméraire e Margarida d'York	
			1468 /09/10	Assinado o Tratado de Ancenis com a Bretagne		
	Pacto de Toros de Guisando. D.Isabel é reconhecida como herdeira do trono de Castela		1468/09/19			

			1468/10/4	Batalha de Péronne. Louis XI é feito prisioneiro por Charles, le Téméraire	Batalha de Péronne. Louis XI é feito prisioneiro por Charles, le Téméraire	
			1468 /10/14	Assinado o Tratado de Péronne entre Louis XI e Charles le Téméraire. Louis XI é obrigado a ceder Champagne ao seu irmão.	Assinado o Tratado de Péronne entre Louis XI e Charles le Téméraire. . Louis XI é obrigado a ceder Champagne ao seu irmão.	
			1469/04	Charles de França torna-se duque da Guyenne		
Charles, le Téméraire confirma os antigos privilégios concedidos aos			1469/04/08		Charles, le Téméraire confirma os antigos privilégios concedidos aos mercadores portugueses	

mercadores portugueses						
			1469/04/19	Louis XI reconcilia-se com o seu irmão, duque de Berry, e dá-lhe o ducado da Guyenne em troca da Normandia.		
	Casamento entre D. Isabel de Castela e D. Fernando de Aragão	Casamento entre D. Isabel de Castela e D. Fernando de Aragão	1469/10/18			
			1469/11/12	Louis XI envia uma carta ao seu irmão Charles a informá-lo que Jean Jouffroy, cardial de Alby e o senhor de Torcy iriam regressar a Castela para pedir a mão de Juana ao		

				rei Enrique IV uma vez que Isabel de Castela já se tinha casado com Fernando de Aragão.		
			1469/11/			
			1470/06/30	Nascimento de Charles VIII		
	D. Isabel é destituída como princesa e D.Juana é nomeada em seu lugar		1470/10/26			
			1470/10/30			Henry VI recupera o trono inglês com o apoio de Louis XI
D. Afonso v envia à corte francesa Lopo Almeida, Pero			1470/12			

Fernandes, Afonso Garcês e o arauto Alcácer						
			1471	Charles, duque de Berry procura uma nova aliança com Charles le Téméraire		
			1471 /02/16	Tratado de comércio com Inglaterra		Tratado de comércio com Inglaterra
			1471 /06/4			Vitória de Eduard IV de York sobre Henry VI em Tewkesbury
			1472/03/21	Tratado de Bruxelas assinado entre Louis XI e Charles, le Téméraire	Tratado de Bruxelas assinado entre Louis XI e Charles, le Téméraire	
			1472/06/24	Morte de Charles, duque de Berry. A Guyenne		

				passa para o domínio real		
			1472 /07	Campanha contra a Bretagne		
			1472/10/ 15	Tréguas entre a França e a Bretagne		
			1472/10/31	Concordata de Amboise entre Louis XI e Siste IV		
			1472/11/3	Tréguas entre a França e a Brogonha.	Tréguas entre a França e a Brogonha	
		Juan II volta a ocupar Perpignan	1473 /02	Juan II volta a ocupar Perpignan		
		Tratado de Perpignan entre Louis XI e Juan II. O	1473 /09/17	Tratado de Perpignan entre Louis XI e Juan II. O		

		rei francês renuncia o Roussillon.		rei francês renuncia o Roussillon.		
			1473 /11/25		Rutura da Aliança entre Charles le Téméraire e o imperador Frédéric III	
	Reconciliação entre D. Enrique IV e D. Isabel		1473/12/28			
			1474/07/25		Tratado de Londres. Inglaterra e Borgonha decidem desmembrar a França entre si.	Tratado de Londres. Inglaterra e Borgonha decidem desmembrar a França entre si.
			1474 /10/15		Tratado de Trêve entre o Charles le Téméraire e René II da Lorraine.	

			1474 /10/26	Tratado entre Louis XI e os cantões Suíços		
	Morte de D. Enrique IV		1474/12/12			
	D. Isabel proclama-se rainha de Castela		1474/12/13			
			1474 /12/31	Tratado de Andernach entre Louis XI e o imperador Frédéric III		
	D.Fernando é proclamado rei de Castela		1475/01/2			
			1475 /01/4	Tratado entre Louis XI e os cantões Suíços		
Carta de Afonso V ao rei Louis XI para informar o			1475/01/8	Carta de Afonso V ao rei Louis XI para informar o		

monarca que em breve estaria em França				monarca que em breve estaria em França		
	Concórdia de Segóvia entre D. Isabel e D. Fernando		1475/01/15			
Carta de Afonso V a pedir a intervenção do rei francês junto do papa			1475 /01/30	Carta de Afonso V a pedir a intervenção do rei francês junto do papa	Tratado de aliança entre o ducado da Borgonha e Milão	
Cortes de Évora			1475/2			
			1475/03/10	Louis XI ocupa o Roussillon		
Carta enviada à câmara do Porto a			1475/03/15			

pedir o apresto caravelas						
			1475/04	Louis XI acusa a receção da carta de 8/01 e envia Olivier le Roux a Portugal		
			1475/05/9		O duque da Loraine, Réne II declara guerra a Charles le Téméraire	
			1475/05/23		Batalha de Erft entre Charles e Frédéric III	
D. Afonso V entra em Castela			1475/05/25			
D. Afonso V casa-se com D.Juana em Placencia			1475/05/30			
D. Afonso V manda uma embaixada a			1475/06/03			

Louis XI para negociar o seu reconhecimento como rei de Castela						
			1475/07/26		Tréguas entre Charles, le Téméraire e Frederic III	
			1475 /08/29	Tratado de Picquigny entre a França e a Inglaterra		Tratado de Picquigny entre a França e a Inglaterra
Tréguas entre Louis XI e Fernando de Aragão até 1 de Julho do ano seguinte			1475/09/4	Tréguas entre Louis XI e Fernando de Aragão até 1 de Julho do ano seguinte		
Tratado da liga ofensiva entre D.Afonso V e Louis			1475/09/08	Tratado da liga ofensiva entre D.Afonso V e Louis		

XI contra D. Juan II de Aragão				XI contra D. Juan II de Aragão		
			1475 /09/13	Tratado de Soleuvre entre a França e o ducado da Borgonha	Tratado de Soleuvre entre a França e o ducado da Borgonha	
Tratado assinado entre Afonso V e Louis XI onde este reconhece os direitos do rei português ao trono de Castela			1475/09/23	Tratado assinado entre Afonso V e Louis XI onde este reconhece os direitos do rei português ao trono de Castela		
			1475/09/26	Louis XI envia uma carta a Siste IV a solicitar a dispensa canónica para o casamento entre Afonso V e D. Juana		

			1475/10/29	Tratado de Senlis. Paz prepétua, amizade e confederação com o ducado da Bretanha		
Batalha de Toro	Batalha de Toro		1476/03/1			
			1476 /03/2		Vitória dos Suiços em Grandson	
	Cortes de Madrigal. D. Isabel é jurada rainha		1476/04/27			
D. Afonso V estatui a ordem sucessória passa pelo príncipe D. João			1476/06/05			
Chegada de Afonso V a Miranda do Douro. O rei passa			1476/06/12			

um alvará a D. Vasco para fazer aportar no Porto naus e mantimentos para a viagem						
D.Afonso V regressa ao Porto			1476/06/23			
			1476/06/ 22		Vitória dos Suíços em Morat	
O conselheiro do rei, Pedro de Sousa segue para França para avisar o rei francês da chegada de Afonso V			1476/07/17			
D. Afonso V passa um documento de			1476/08/27			

procuração ao príncipe D. João para o governo dos reinos de Castela						
D. Afonso V deixa Lisboa			1476/08			
D.Afonso V é recebido em Perpignan			1476/09/17	D.Afonso V é recebido em Perpignan		
D.Afonso V deixa Perpignan			1476/09/23	D.Afonso V deixa Perpignan		
Encontro em Tours entre D. Afonso V e Louis XI			1476/11/10	Encontro em Tours entre D. Afonso V e Louis XI		
Tratado entre D. Afonso V e Louis XI confirmando e			1476/12/13	Tratado entre D. Afonso V e Louis XI confirmando e renovando os antigos		

renovando os antigos tratados de paz e amizade entre Castela e França				tratados de paz e amizade entre Castela e França		
Encontro entre D.Afonso V e Charles, le Téméraire			1476/12/29			
			1477/01/ 4		Morte de Charles le Téméraire em Nancy	
Papa Sisto IV concede a dispensa de casamento a D.Afonso V e a D.Juana			1477/02/03			

			1477/08/20		Marie da Borgonha casa-se com Maximiliano, filho do imperador Frederico III	
D. Afonso V embarca em Arras para Portugal			1477/10			
D. Afonso V desembarca em Cascais			1477/11/15			
		Morte de D. Juan II	1479/01/19			
D. Juana decide ingressar num mosteiro			1479/05			